

A "melhor de 1949"

foi o título que a crítica deu a Eva Todor. E' assim que ela se apresenta em "A felicidade vem depois...", seu novo êxito na comédia sentimental.

Epreuve — o perfume que se prolonga em mil horas de fragrância — também se reflete fiel e persistentemente na Água de Colônia Coty perfumada a Epreuve. Dê a seus encantos a moldura de graça e perfume que êles merecem, usando generosamente, no lenço e no corpo, a Colônia Epreuve de Coty.

Cr$ 35,00
60,00
100,00
190,00



COLÔNIA PERFUMADA

epreuve Coty

Carioca
DI…TOR
HEITO… MONIZ
GE…NTE
ALMER… RAMOS
EMPRÊSA A NOITE
PRAÇA MAUÁ N. 7
FONE 23-1910 - R. 10
ANO XV — N.º 755

GLORIFICAÇÃO DO AMOR

WENCESLAU ROSA

ATRAVÉS da cortina branca eu vejo o céu azul. O sol da manhã, põe uma claridade translúcida no ambiente. Há reflexos metálicos enchendo o espaço. A alegria explue em tôda a natureza. Ouço, vindo de longe, uma canção dolente. Gritos de crianças se fazem ouvir nas redondezas. Um riso de mulher retine alhures, deixa no ar uma lembrança de cristal partido...

E num gesto lento corro a cortina, afasto-a para os extremos. Debruço-me no peitoril da janela. Observo os transeuntes que se entrecruzam na rua. Êles avançam apressados, tomam direções diversas. Alguns trazem no rosto vestígios de contentamento, têm sorriso nos lábios; outros seguem diferentes, alheios à magnitude da manhã cheia de sol.

Olho, então, para dentro de mim mesmo. Deixo-me levar pelos meus pensamentos. E meus pensamentos voltam-se para os segredos da vida e do destino.

★

Tôdas as coisas passam. E tu passarás tambem!

Medito nestas palavras de Kempis e interrogo-me depois: se tôdas as coisas passam, e se nós passamos com elas, que podemos, então, esperar da vida e do destino?

E outra idéia ressurge do fundo de minha consciência: — Só uma alegria compensa o esfôrço do viver — não falamos da glória, que é fumaça que se esvai; não falamos da riqueza que é simples acidente na estrada da existência; não falamos do poder, que é coroa de espinho e suplicio de Tântalo. Falamos do amor, que é o começo e o fim.

"Goza da vida com a mulher que amas, por todos os dias da tua vida instável, os quais te foram dados debaixo do sol, por todo o tempo da tua vaidade; porque esta é a tua parte na vida e no teu trabalho com que te afadigas debaixo do sol". Porfiai nesse plano de Salomão, pois, afinal, é daí que está o segrêdo da vida e do destino.

Que se há de fazer, senão viver? A vida, em si mesma, é a eterna promessa do amor. Que vêem os meus olhos? — Um céu azul, diáfano, faiscante; uma natureza em pleno esplendor de sua pujança. Homens e mulheres que passam sorrindo, cheios de fé, cheios de sonho... Não é isto o amor, o grande amor universal?

Se pecamos pelo amor, é que é êsse o nosso destino. Vivemos uma vida que pode ser o idílio de Paulo e Virginia ou o romance de Romeu e Julieta. Mas onde quer que estejamos, aí estará o amor como última expressão da coisa criada.

"A vida do homem — disse um pensador inglês — gravita em tôrno da mulher, que é o centro do sistema social e a rainha da vida doméstica".

Amamos a mulher e amamos o amor. Muita vez a mulher traz "uma mentira em cada dente", mas, ainda assim, marchamos confiantes, à espera de seu afeto, porque só êle justifica a nossa fadiga na avançada para a morte...

★

Goza da vida com a mulher que amas, por todos os dias da tua vida instável...

Não fiques aí parado, porque tôdas as coisas passam, e tu passarás com elas.





OLA, DONDE SAIU AQUILO? — Um estudo de expressões, quando os garotos de olhos arregalados se debruçam na borda do palco. O assunto de sua atenção é o prestidigitador da troupe.

PALHAÇOS NAS PRAIAS INGLESAS

O paraiso fora de portas — A praia e o cam po, sonho inacessivel — Pantomimas à beira mar — As cidades-catedrais — Vamos sonhar com os palhaços

Por HERMAN LIMA



AS praias são, na Europa, o grande re-
fúgio de verão para o homem da ci-
dade. Mais do que o "camping" e
barracas e vagões de aluguel que se at-
lam aos automóveis e são arrastad-
para o meio do campo, como pequen-
nas casas de ciganos, as praias têm u-
encanto particular para o verani-
mesmo que o banho de mar não fa-
parte do programa, pois acontece m-
tas vezes que o frio ainda é intenso e
se contam por milhares os "holyd-
makers" da beira do mar do Norte
do Báltico.

Na Inglaterra são as praias de Br-
ton, Margata, Bournemouth, Torquay
preferidas, como a Riviera dos fran-
ses. Cada sábado de verão, as esta-
de Londres ficam de não caber um al-
nete, com as multidões que esperam o
trens de partida, dezenas de milhares d
criaturas de tôdas as idades que
atiram a cada composição no rumo d

OS PENETRAS TAMBEM PAGAM
Estes viram o espetáculo de cima da mu-
ralha, fora do circo. Não pagaram en-
trada, mas quando o gerente vem com
caixa da coleta não deixam de dar
quota



A DAMA QUE SE SENTIU CANSADA — O dia está quente e os pés doendo. Que felicidade reclinar-se na preguiçosa e fechar os olhos! As vozes do palco fundem-se num sonolento zumbido, filas e cartões de racionamento ficam esquecidos...



NO CAMARIM — Nenhuma pantomima das praias é completa sem o trovador de cara preta. Reg Pard tem essa parte cômica na troupe de Margate e aqui está êle se maquilando, observado por Arthur Ilston, diretor do show



O POPULAR PIERROT — Malcolm Stuart no seu camarim veste o traje de pierrot. Seu número de resistência é "Ride, Pagliacci", pois o veranista gosta dum pouco de drama de mistura com a troça

"ticket" adquirido com uma antecedência de vários dias, como se fôsse uma fuga a um flagêlo ou a uma invasão. Mesmo em plena guerra, o êxodo era regular, como um rito que não pode ser rompido. E entre os sinais de que as coisas se normalizaram de todo estão estas fotos revelando o recomêço dos espetáculos à beira-mar, pela troupe de palhaços de Margate.

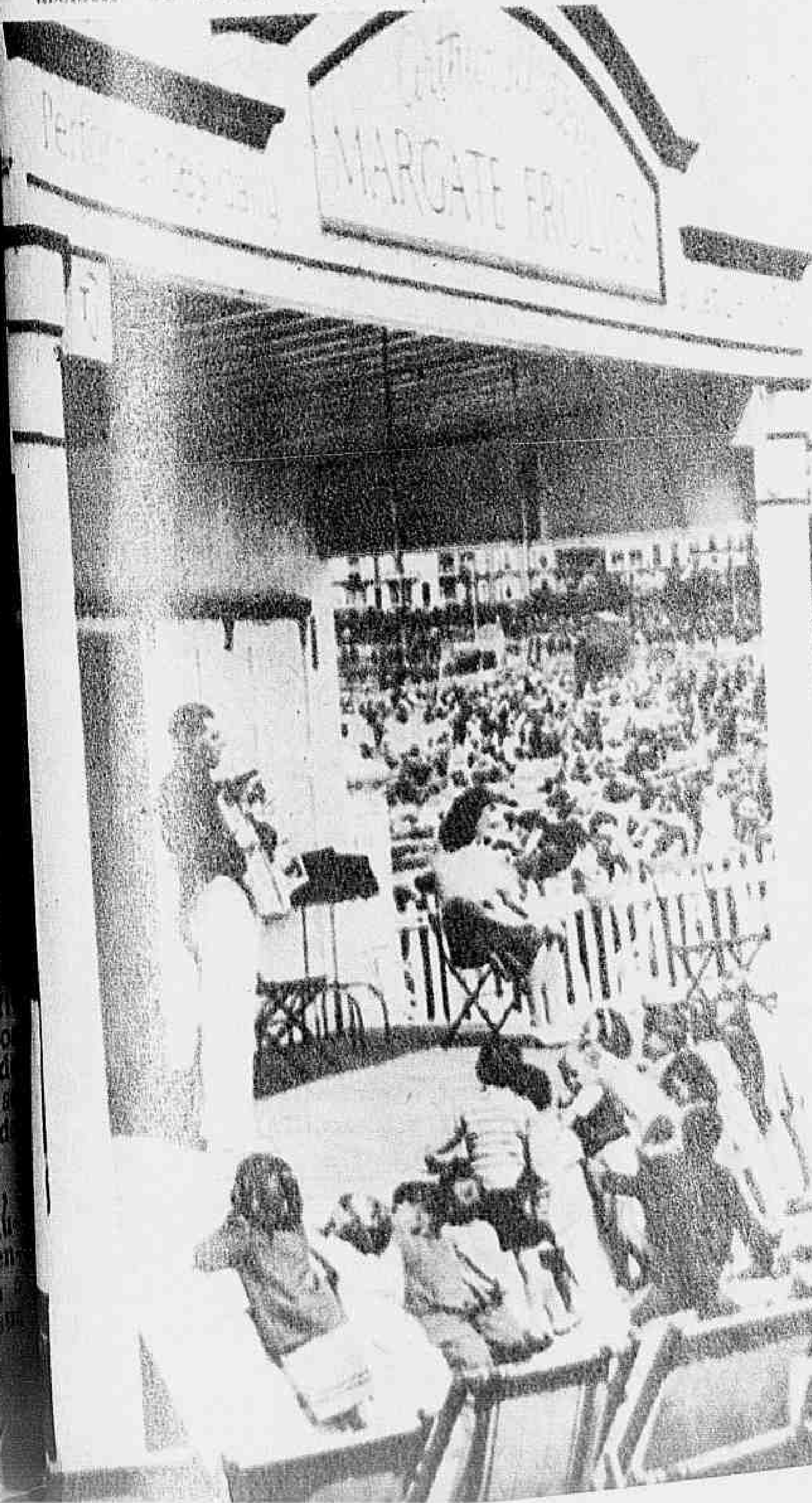
Êste é, de fato, um dos divertimentos prediletos dessas férias praieiras. O inglês tem assim ao mesmo tempo a oportunidade de gozar o ar livre da praia e assistir de novo ao velho e querido "show" de Pierrot e Colombina, do mágico e do cantor negro, com que se encantaram seus pais e avós, no correr de decadas a fio.

Ao longo da muralha da avenida costaneira enfileiram-se centenas e centenas de preguiçosas de lona, de aluguel de seis pence, um chelim ou um chelim e meio, custo da cadeira e do direito ao espetáculo.

Outros tantos colocam-se no alto do paredão da praia e muitas vezes o ponto é ainda mais estratégico para um "close up" da função. Estes não pagam nada, mas ao fim do "show" o "manager" dá um pulo por lá, pela geral, com a caixinha da coleta e o público não sai correndo, como seria de esperar, antes dá de bom grado sua quota igualmente devida.

Além dessas pantomimas que o povo adora, com o velho sentimentalismo da raça aparentemente glacial, há também os grandes concertos nos pavilhões municipais, como tão bem me recordo de ter assistido, por mais de uma vez, na belíssima praia de Bournemouth, no inverno de 39, quando as últimas calorias

(CONCLUE NA PÁGINA 61)





QUANDO TODOS CANTAM — O trecho de que todos gostam, é quando Arthur Ilston toca as árias populares no seu acordeon. O auditório faz coro com o cantor

VOLTA PARA CASA ÀS SEIS...

ELVIRA FOEPPEL

EM frente ao elevador uma «bicha» gigantesca. Passei à distancia e me resolvi pelos quatro lances de escada. Corri apressada até a outra «bicha» escandalosamente acrescida em frente ao onibus que me levaria à Casa (impossivel desta vez passar ao largo, os taxis pela hora da morte) e ocupei o meu lugar. Espera interminável. Começara minha tragédia daquele dia...

Os minutos deslisavam sonolentos. Quinze já passados inativos. Fim de tarde no seu limite extremo, a noite chegando, invadindo de negrume todo o espaço. Olhei para cima, para as nuvens ainda claras que se moviam destacadas do fundo escuro, e procurei distrair-me imaginando figuras diversas que se formavam e se desmanchavam naqueles segundos. Era melhor do que escutar conversas truncadas, idiotas... Na parte leste, em duas nuvens largas que se encontravam por um diminuto istmo descobri estrias avermelhadas que escureciam rápidamente e se difundiam no negro e enquanto dirigia o olhar para mais longe um pouco, elas se afastaram e o pequeno istmo tão esgarçado se desfez, tomando cada uma, rumo diferente. Não pude todavia concentrar-me toda através minhas visões, porquanto vozes diferentes, estridentes e fortes se faziam ouvir nitidas perto, e uma atenção auditiva despertou equilibrando-se à outra. Duas moças vizinhas, com cabelos tão curtos e raspados que lembravam de costas, duas cabeças de rapazes, conversavam, aliás para dizer a verdade, uma delas falava alto, de timbre agressivo, sua maneira própria de falar, pude constatar depois.

— Hoje Roberto telefonou avisando que não podia apanhar-me. Seu Studbaker está na oficina com qualquer defeito na caixa de mudanças e freios gastos, quer vêr se o tem em mão até sábado. Veja que horror! Há mais de uma hora (nestas ocasiões até o mais santo cristão do mundo exagera a quantidade de tempo que se leva parado à espera) que estou nesta fila. Telefonei ao Luis Edmundo mas ele não estava no escritório que fazer senão esperar? E o seu Mário como vai? Soube por Levina que vocês brigaram durante o Carnaval e que ele se esbaldou no Municipal. Estava louca para encontrar-me com você para saber. O que foi mesmo que houve? Estes homens não valem nada, mesmo. Quando digo que o melhor é não se prender a nenhum. Quanto tempo perdeu com ele? Imagine se o Roberto ficar sem carro sábado, que farei?

Observei a outra que escutava sorridente, um sorriso simples e bom. Pude ver que era uma mulher inteligente e senhora de si, nada futil e tola. Muito calma não dizia nada, nenhuma manifestação de enfado. Invejei-a no seu controle. Eu não aguentaria.

— Aquele film do Vitória é um bom negócio para se assistir com um namorado, porque sózinha ninguém aguenta até o fim. Você já viu? Estes americanos só sabem mesmo fazer publicidade, não vê o que estão fazendo com a pobre da Ingrid Bergman? Muita conversa, muita confusão, isto sim. «Adoro» os filmes franceses, êles sabem fazer cinema, apresentam a realidade nua e crua. Muita verdade, nada de fantasia. Você não acha querida?

O rosário de frases crescia. Acumulavam-se umas sôbre outras sem resposta. Sem despregar os olhos do céu



vi uma quantidade enorme de vultos como se caminhassem numa romaria sôbre chão escuro, e um pouco afastado, um camelo preguiçoso e lento. Durante segundos não pensei em nada mais que naquele regimento de vultos de cabeças cobertas por turbantes e associei-me ao deserto enorme e calorento da Africa. Continuei fitando e logo mais, tinha se desfeito toda aquela imensidade de gente correndo e agora aquela mesma nuvem amorenada lembrava uma mulher deitada com toda a cabeleira desfeita e solta, espalhada num mar muito negro, com seios semidespidos, bela muito bela, assim... Tinha o olhar fixo naquela visão mas num outro segundo tudo tinha desaparecido, um vento leve como sopro desfazendo, desmanchando... Do meu lado a conversa se animava. Falavam de uma vizinha de apartamento.

— Mas neste mundo tem de tudo; a Isaura tem a mania de ser santinha e melhor que as outras, você sim, aquela loura de olhos escuros e ingenuos e voz amanteigada, do apartamento 205, pegado ao de casa, ou será que não a viu ainda quando esteve lá na última vez porque êla é bem novata no edificio. E', você deve saber quem é, muito pálida e tolinha, pois bem, sabe de uma coisa? um cavalheiro (não me recordo do nome) todas as noitinhas vai visitá-la com pacotinhos de chocolates e flôres, ela cheia de mesuras, toda prosa. Você sabe que ela trabalha numa Casa Bancária, na seção de Contabilidade? Pois é, esta gente tem a mania de querer fazer dos outros idiotas. Eu é que não vou nesta.

A fila aumentava e nenhum onibus à vista. Estava ficando nervosa mas o melhor era não me irritar. Nenhuma revista para ler. Estava já mais escuro inutilisando assim o meu jogo de visão, tinha que ficar escutando aquelas conversinhas comuns. Pude ver ainda, um imenso elefante com tromba relativamente pequena para o seu tamanho. Havia desproporção mas a figura mais parecida mesma, era o elefante. Depois um catavento móvil muito alto e grande. Forçava as pupilas para ver melhor, mas agora já impossivel distinguir; as nuvens não apresentavam nenhuma forma real, e pareciam mais um extenso lençol sujo e encardido, voando.

— Ia me esquecendo de dizer. No mês passado, Pedro quis pedir-me em casamento. Imagine só, não sei o que ele tem na cabeça, ganha sómente Cr$ ... 2.000,00 cruzeiros e não sei como é que ele acha que se sustenta mulher e casa hoje em dia. Depois, é muito cheio de coisa, todo antigo, condena tudo que é divertimento, não suporta que eu use crayon, nem muito baton; imagine que êle detesta as Companhias de Revistas. Eu queria só que você visse a cara que fez quando eu disse que fui à matinée

(Conclui na pág. 58)

SILHUETAS...

TONIA CARRERO

DESDE criança pensando no teatro, mas o cinema veio primeiro — e com êle a Tonia Carrero que hoje todos conhecemos e admiramos — Um ano em Paris estudando arte dramática num curso de Jean Louis Barrault — Lembra um velho tio — capitão do exército — que trocou a farda pelo palco, tentando justificar uma possível veia artística hereditária — Muito deve a Fernando de Barros, seu diretor preferido — O futuro pertence a três desejos: progresso na arte, dinheiro e uma casa em Capri.

— "Você aí, lindeza!... Sim, você mesmo! Como se chama?"

— "Tonia Carrero, por que?"

— "Gostaria de trabalhar no cinema?"

— "Claro, quem não gostaria? Mas... quem é o senhor?"

— "Diretor do filme "Querida Suzana"!"

Este diálogo teve lugar — não há muitos anos — em Copacabana, numa manhã reluzente de domingo! Uma moça de corpo escultural, bela e saudável, sorrindo às ondas que vinham quebrar na praia, cujos cabelos doirados ofuscavam os próprios raios do sol, impressiona vivamente um diretor de cinema, que resolve contratá-la ali mesmo, tivesse ou não talento aquela cabecinha loura que não cansava de se agitar. Mas o diretor sem saber, acertara!...

Meses depois, Tonia Carrero estreava no cinema nacioinal, ao lado de Anselmo Duarte — também estreante — e da bailarina Madeleine Rosay, no filme "Querida Suzana"! A todos que assistiram o filme, mais pareceu uma linda menina num grupo de colegiais. Mas a menina aparente era a senhora Carlos Thiré, mãe de um belo garoto que já pronuncia algumas palavras!...

— "Realmente, eu me casei muito jovem: 17 anos apenas! Não quero dizer que esteja arrependida; ao contrário, um bom partido como o Carlos só se encontra uma vez na vida e acho que fiz muito bem em agarrá-lo despressa!... Ele tão bem desenha os seus quadros, como a nossa vida conjugal, que, no fundo, é um belo e harmonioso quadro! O casamento, contudo, não apagou os sonhos que me acompanhavam desde criança; nem o casamento, nem a forte oposição de alguns membros da família! Sentia que o teatro estava no meu sangue e somente as glórias do palco completariam minha felicidade. Todos os pensamentos tolos que geralmente povoam a cabeça de uma moça, muito me haviam sido afastados da minha!... Casei com o primeiro namorado e isso pode parecer insosso a outras moças, quando eu acho que evita complicações!... Engraçado, é que sempre pensando no teatro, acabei começando no cinema. Vieram, então, as primeiras dúvidas e as primeiras desilusões: a crítica foi unânime em me aconselhar a ficar em casa fazendo "tricot", cedendo lugar aos que realmente tivessem talento. Não fiquei zangada com a crítica, e sim com os responsáveis pelo filme, que me puseram em cima de uma bicicleta e mandaram que desse a volta ao mundo!... Depois disso tudo, resolvi levar o negócio a sério: arrumei as malas e fui estudar arte dramática na França! Lá permaneci quase um ano, frequentando um curso de Jean Louis Barrault, voltando, em seguida, disposta a dar uma Sarah Bernhardt ao Brasil!...

*

O insucesso de Tonia Carrero no primeiro filme, não lhe ofuscara o nome por completo! Aqui chegando, de retôrno da França, foi logo recebendo inúmeras propostas. O papel desempenhado por Heloisa Helena em "Terra Violenta" foi pôsto à sua disposição e recusado. Sentiu bastante ter fracassado num grupo de novos organizado por Luiz Barreto Leite, do qual fazia parte e na qual punha muitas esperanças. Nesse vai e vem, conheceu Fernando de Barros, que andava com a mania de fazer cinema!... Juntos estudaram o argumento de "Caminhos do Sul" e juntos planejaram o filme, recentemente consagrado pelo "Círculo de Estudos Cinematográficos" como o nacional mais completo do ano de 1949!

— "Todo êsse meu afã — por que não confessar? — tinha o ângulo egoísta: senti que "Caminhos do Sul" iria abrir-me as portas do estrelato, como senti que Fernando de Barros iria fazer alguma coisa pelo menos razoável visto o entusiasmo de que estava imbuido! Passei a viver o livro de Ivan Pedro Martins!... Vivia as mesmas emoções daquela moça que sonhava com as grandes cidades e deixou o lar paterno para viver ao lado do homem que amava! Ela era eu, eu era ela!... Confundia-me no almoço e no jantar, dias e noites, até que as filmagens fossem completadas e o filme exibido! Os dias que precederam a estréia foram de uma expectativa angustiante; era como alguém que acabara de escrever um livro e o lia e relia por várias vêzes, procurando algum êrro! Mentalmente, rebuscava um possível defeito e cada um que lograva encontrar mais aumentava o tormento! Se "Caminhos do Sul" fracassasse, talvez encerrasse minha carreira, mas satisfez e comecei a "firmar o pé"!



*

"Caminhos do Sul" deu ensejo a Tonia Carrero de satisfazer um desejo que trazia do berço: abriu-lhe as portas do teatro! Animado pelo sucesso do primeiro filme, Fernando de Barros procurou estender suas atividades ao teatro, onde estreou como produtor da comédia de Guilherme Figueiredo, "Um Deus dormiu lá em casa", entregando um dos papéis principais a Tonia Carrero, o que vem lhe valendo uma série de encômios por parte da crítica especializada. Falamos tanto em Fernando de Barros, porque os sucessos de Tonia Carrero estão intimamente ligados aos seus. Juntos, além do mencionado, fizeram o filme "Quando a noite acaba", ainda por exibir, ensaiam a peça "Amanhã se não chover" e pretendem filmar brevemente uma história de Anibal Machado, intitulada "O passado volta sempre".

A maior preocupação de Tonia Carrero é a velhice. Espera, mesmo, morrer antes que isso aconteça! Acreditamos, contudo, que se a natureza um dia resolver alijar a ação do tempo às coisas realmente belas dêsse mundo, Tonia fará jús a um pedestal imutável, e longe numa "casuccia" em Capri, viverá uma atriz sempre lembrada, com muito dinheiro no banco para que nada lhe falte nos séculos de existência!...

FRANCISCO CARLOS, A REVELAÇÃO DE "CARNAVAL NO FOGO"

Contratado pela maior emissora do Brasil — Sua carreira vertiginosa e um prêmio da Escóla Nacional de Belas Artes — "Ai, ai, Brotinho", a marcha carnavalesca que marcou o início de uma carreira promissora na vida de um artista.

Texto de Marco Aurélio de Lima

Fotos de D. Pereira

Ao piano, fazendo uma demonstração à reportagem. Francisco Carlos é um elemento de valor. E é bem possivel que sua ascenção artistica não se limite exclusivamente ao rádio. O Cinema e o teatro estão aí

A carreira de Francisco Carlos começou de uma forma imprevista. Longe estava de imaginar que o começo de uma carreira vitoriosa estivesse prestes a se iniciar. Sorte, coincidência, não o sabemos. O fato é que o inesperado aconteceu, como já dissemos, numa dessas tardes de programas de calouros, há três anos passados:

Humberto Teixeira havia ligado o seu rádio. Apanhara um matutino e lia despreocupadamente, sorrindo cada vez que o gongo eliminava um iniciante. Cachimbo à boca, pés sôbre os braços da cadeira...

De repente, o locutor anunciou "mais um candidato". O público do auditório silenciou, conforme a praxe. Talvez o encarregado do sinal temido já levantasse o braço para bater mais uma vez o gongo. Porém, seu gesto ficou por concluir, ao mesmo tempo em que um compositor, no fundo de um quintal, retirava o cachimbo da bôca e jogava um jornal para um lado. Aumentou o volume do receptor. Era todo ouvidos. E a voz simpática de um desconhecido penetrou em seus tímpanos, produziu eco pelos galhos das árvores... Elevava-se!

No auditório, havia silêncio absoluto. Silêncio que dentro em breve iria ser quebrado por uma salva de palmas ensurdecedoras. Humberto Teixeira correu ao telefone e pediu o endereço do rapaz. No dia seguinte apresentava-o à R. C. A. Victor. Esta não deixou escapulir a nova aquisição: contratou-o imediatamente. Francisco Carlos, da noite para o dia tornara-se intérprete de canções populares, estava gravando... Qual o futuro que o aguardava?...

Meses depois, ingressou na Rádio Tupí, onde conseguiu um bom contrato. O cinema o atraiu; fez um teste que lhe foi favoravel. Ei-lo fazendo uma cena de "Carnaval no Fogo", cena filmada nas imediações da piscina do Copacabana Palace, cantando "Ai, ai, Brotinho". Foi uma cena feliz. De bôa aparência, Carlos conseguiu agradar. O filme permaneceu no cartaz ainda. E há quem pergunte com certa ansiedade: Quem é êsse jovem e simpático cantor que bem poderia ser um galã?...

FRANCISCO CARLOS NA RADIO NACIONAL

Diante do interesse despertado pelo público pelo jovem intérprete, a Rádio Nacional contratou-o, aliás, diga-se de

passagem, contratou-o de uma forma excepcional. Francisco Carlos declarou ao reporter que está plenamente satisfeito com as condições que lhe foram oferecidas pela nossa Emissora. Estreou dia 20 de março, e, agradou plenamente.

LIGEIRA BIOGRAFIA DO CANTOR

Francisco Carlos é carioca da gema. Tem apenas 24 anos de idade. Jovem, portanto. E' amante da música, das letras e principalmente da pintura. Na arte de Portinari, Francisco Carlos conseguiu muito aliás. Apresentou quadros que obtiveram menções honrosas e um, em 1940, que lhe valeu um destacado prêmio concedido pela Escola Nacional de Belas Artes. Como vêem, o rapaz é inteligente e possui cultura. E' solteiro, tem um metro e setenta de altura, pesando 67 quilos.

PROXIMOS LANÇAMENTOS

O jovem cantor que acaba de estrear na Nacional gravará brevemente um bolero de Humberto Teixeira denominado: "Timidez". Depois cantará o samba de Dorival Caymi, feito especialmente para êle: "Você não sabe amar". Além dessas composições, outras estão sendo estudadas pelo jovem cantor.

Francisco Carlos merece uma vida de sucessos. E' um rapaz comunicativo e despretencioso. De boa aparência, aparência que contribuirá para outras vitórias que certamente advirão.



o microfone, desembaraçado, natural. O rapaz de 24 anos está indo melhor do que esperava



Francisco Carlos, revelação de "Carnaval no Fogo", contratado recentemente pela Rádio Nacional

Eis como se reproduz o andar de um aleijado — um mutilado de guerra, por exemplo. Um tamanco, a que se adapta um pedaço de madeira e que é prêso ao sapato do contra-regra, que anda diante do microfone, posto no chão.

(NÃO FIQUE DE BOCA ABERTA)

O MUTILADO DE GUERRA

Como se reproduz o caminhar de homem de mulêtas — Acompanhando a vida de um ex-pracinha — Do seio da família para a guerra em terras distantes — As emoções do regresso — O que se pode fazer nos bastidores do rádio-teatro — Quando o contra-regra está dentro da realidade

Reportagem de S. N.

FAÇAMOS de conta, leitor amigo, que estamos ouvindo uma bela novela, não de "gangster", de mocinho americano, mas a novela que é a história de um ex-pracinha patrício que combateu em terras da Itália. A história conta as peripécias, as vicissitudes e as lutas que teve de enfrentar êste herói brasileiro. Narra a sua vida anterior nos sertões nordestinos, nas terras rôxas de S. Paulo ou nos campos açoitados pelo minuano gaucho. Mostra-o campeando o gado nas campinas sulistas, vaquejando rezes nas caatingas paraibanas ou labutando na lavoura cafeeira. Vêmo-lo no seio de sua família, na lida cotidiana, entre seus pais, suas irmãs ou seus filhos. E' um homem de pele curtida para quem o lar e a pátria constituem pedaços de si mesmo, algo invioláveis. Por isso, ao primeiro chamado da pátria, compareceu aos postos de recrutamento para prestar serviço na última guerra. Acompanhamos os seus passos depois de sua entrada para as fôrças expedicionárias.

Presenciamos o seu treinamento, o seu preparo nos campos militares, a sua vida no quartel.

Sentimos com êle a saudade do lar, dos entes queridos, mas sentimos também o orgulho por estar a serviço da pátria, que é uma maneira de servir aos seus irmãos e à sua família.

Embarcamos com êle no barco que o conduzirá a terras estranhas. Com êle sofremos as dificuldades do período de adaptação a outro clima e a outros costumes. Depois o admiramos em preparativos para os primeiros combates, a sua fé na causa que defende. Reencontramo-lo, adiante, veterano nas lutas das montanhas italianas. Um dia, bravo entre os bravos, o vemos ferido durante um combate contra o inimigo.

Acompanhamos o nosso herói até o leito do hospital, onde uma intervenção necessária o torna um mutilado de guerra. Seguimos os seus passos no regresso à pátria. E vêmo-lo durante uma homenagem que lhe prestam aqueles que avaliam o seu sacrifício. Suponhamos que êle anda pelas ruas, pensativo, rancoroso contra a guerra, como todo homem que dela participou e que sabe os enormes sacrifícios que ela exige da humanidade.

Pelo microfone, (estamos ouvindo uma novela, não nos esqueçamos), ouvimos os seus passos, que não são o de um homem normal, são os de um mutilado que se apoia em muletas, que caminha com esfôrço. Esse caminhar é característico.

Vejamos como êle se reproduz nos estúdios.

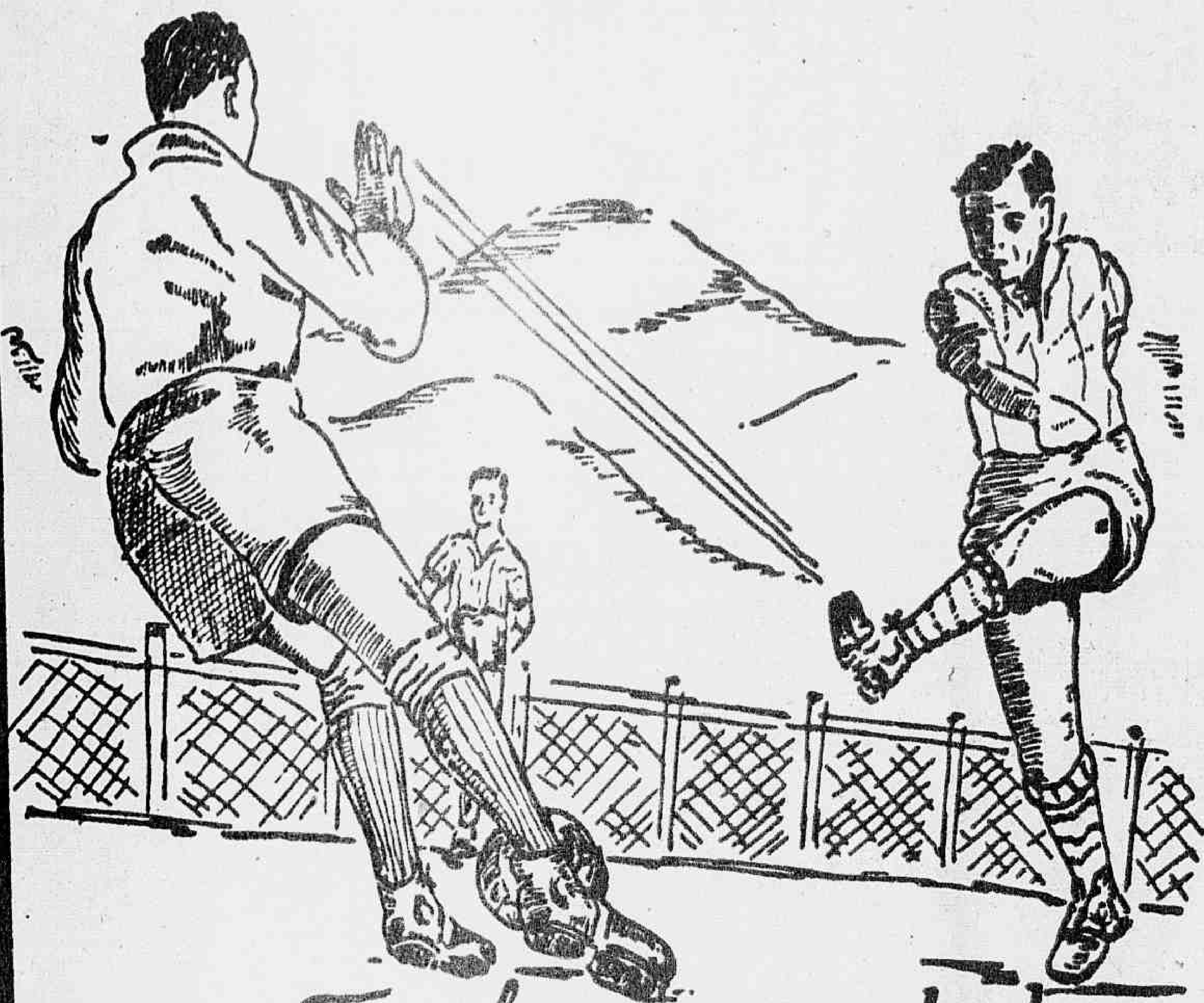
UM HOMEM DE MULETAS

Não é preciso que um mutilado de guerra venha passar diante do microfone. (Figuramos aqui o caso de um mutilado de guerra, mas poderia ser o caso de um aleijado em consequência de um acidente qualquer). Há nos estúdios um aparêlho que se presta a propósito para o caso. Trata-se de uma espécie de tamanco, a cuja parte inferior está adaptado um pedaço de madeira. Este tamanco é calçado pelo contra-regra, adaptado mesmo ao sapato e aí amarrado. Feito isto, basta ao contra-regra — ou a qualquer pessoa — caminhar junto ao microfone, que é pôsto no chão mesmo, e o ruido dos passos repete exatamente o dos passos de um aleijado se deslocando.

Assim se reproduz o som desejado

(Continua na pág. 59)

Instante decisivo!



Também num instante



Instantina

CORTA OS RESFRIADOS

(CRIADORES DE EMOÇÕE

MAX NUNES



Max ensaia com dois "tipos" criados por êle: Charlie Chan e Três por Quatro, isto é, Walter D'Avila e Duarte de Morais

MUITA gente faz idéia inteiramente falsa da maneira como se faz um programa de rádio, como grande parte dos que ouvimos diàriamente. Para tais pessoas, êsses programas não passam de improvisações mais ou menos irresponsáveis, sem nenhuma diretiva.

Tal conceito em geral se estende aos produtores de rádio.

Ninguém nega que existam maus produtores, maus diretores, criadores de programas sem noção de ética ou responsabilidade. Mas isso ocorre como em qualquer outra profissão.

A regra é que todo programa visa a um objetivo e nesse sentido, trabalham os seus produtores, quase sempre sujeitos a uma série de limitações conforme a orientação da emissora.

De outro lado, o que concorre, e muito, para a falsa idéia que se faz dos produtores de programas radiofônicos é a maneira pela qual certos "repor-teres" tem a ... sentad... púb...

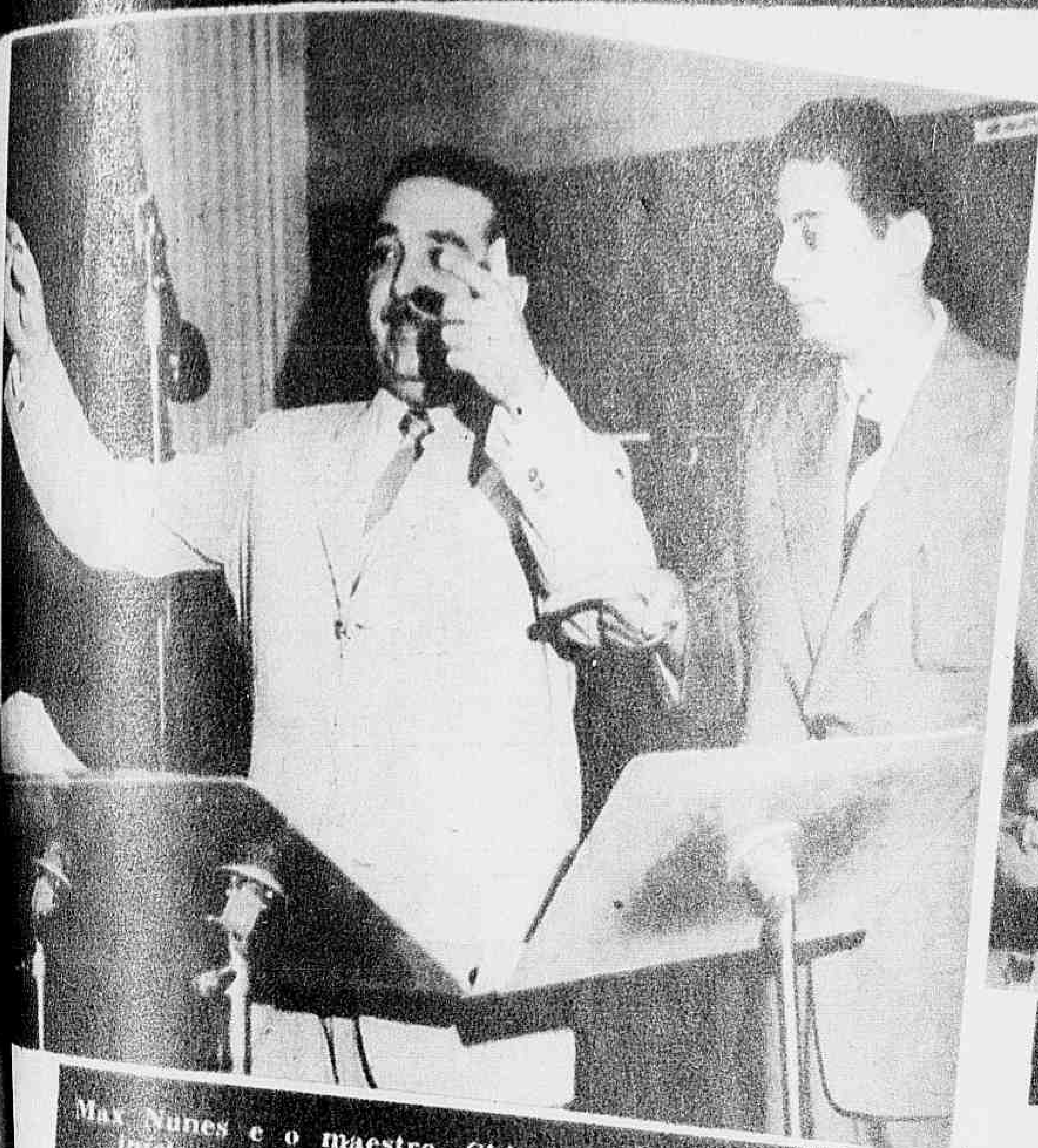


Há sempre papel na máquina de Max Nunes, o produtor de um programa por dia

O CRIADOR DE TIPOS

— Falsa idéia sôbre os produtores de programas de rádio — Quando é preciso criar um programa por dia, isto é, 365 por ano — O nascimento de um tipo e do seu respectivo "bordão" — Programa misto de imaginação e de observação da vida real — Quanto tempo leva a elaboração de um programa — O que acontece muito por trás do "dial"

Reportagem de SILVIO NUNES
Fotos de DOMINGOS PEREIRA



Max Nunes e o maestro, Chiquinho, enquanto este dá início a mais um programba de Max Nunes



Max Nunes, ensaiando com Deusa Martins

tas vezes ês-
se modo não passa da pro-
cura de um sensacionalismo, que se con-
vencionou falsamente ser agradavel ao leitor. Outras, po-
rém, decorrem da ingenuidade ou da ignorância dos re-
feridos "reporteres". Avalia-se só que a certos produtores
tem-se apresentados "enquêtes" em que se pergunta, por
exemplo: "Qual a artista do cinema norte-americano que
você preferia beijar?"

Semelhantes perguntas exasperam os profissionais real-
mente conscientes e nada adiantam, nem aos leitores, aos
ouvintes ou a quem quer que seja.

O CRIADOR DE TIPOS

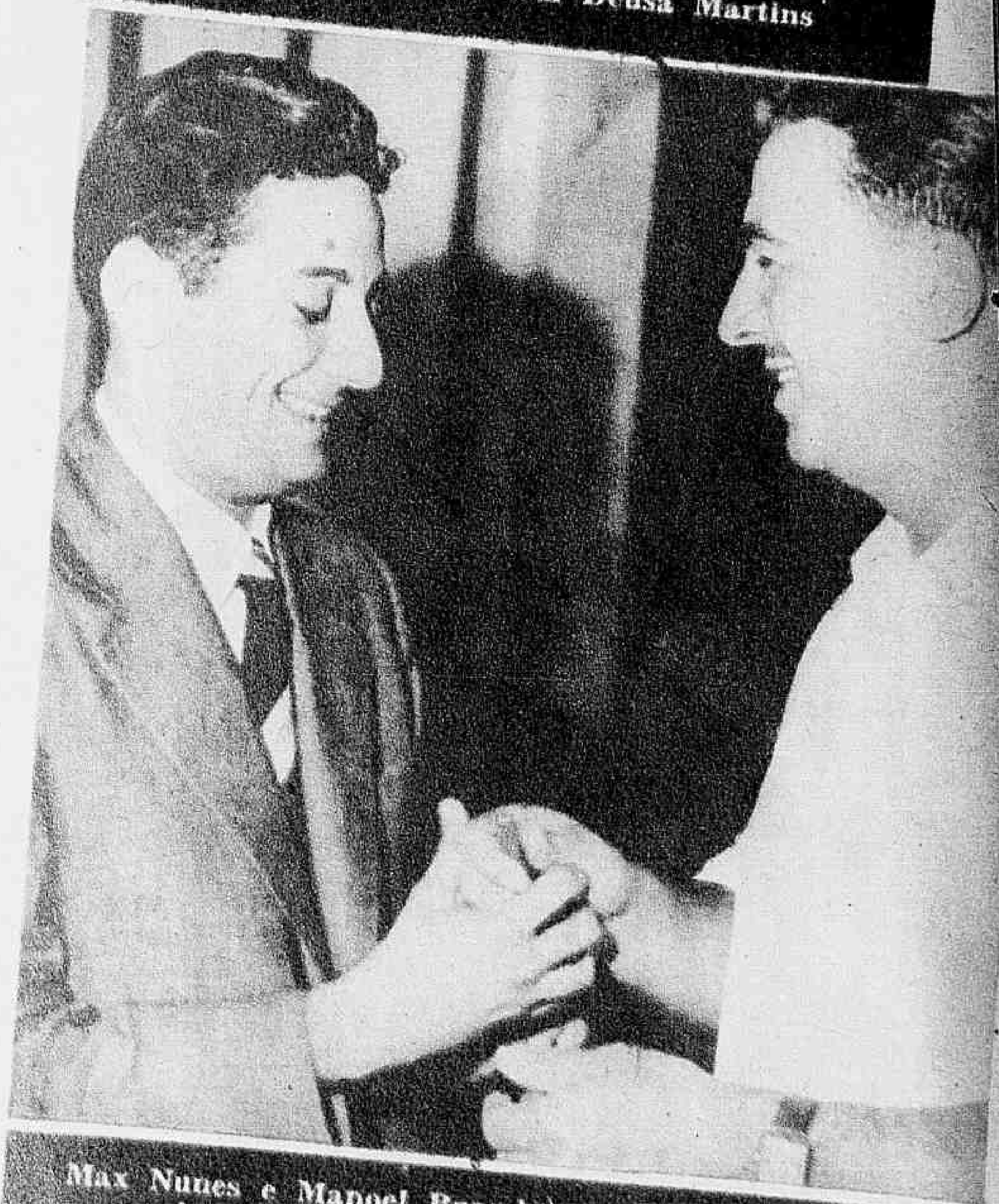
Hoje, falaremos aqui de um desses autores conscientes
de programas radiofônicos, de um dos produtores do rádio
mais conhecido, cuja atividade diária, aliada à sua ima-
ginação e capacidade de trabalho lhe garantiu um lugar
destacado na radiofonia brasileira.

Trata-se de Max Nunes, que é médico e cujo nome
todo é Max Newton Nunes. Tem êle a seu cargo a produ-
ção de sete programas por semana. São eles: "Rádio-
show é oito ou oitenta", "Enquanto o mundo gira", "O
Dr. Infezolino", "Cine metro e meio" e três "Radiolam-
pagos". Isso equivale a um programa por dia, isto é, 365
programas por ano.

Para quem conhece o rádio, essa é uma produção
verdadeiramente fantástica, e adiante diremos por quê.
Assinalemos, antes, que Max Nunes é principalmente um
criador de tipos. Citemos, entre outros, o Dr. Infezolino, Zé
Caôlho, Zé Perneta, Charlie Chan, Tibúrcio, "Seu Paciência,
Três por quatro, para só falar em alguns.

Êsses tipos caracterizam sobremaneira o gênero de
seus programas, tôda uma linha de criações leves, de
shows musicados, de crítica repassada de humor, um
humor ao alcance da enorme massa de ouvintes. Tome-
mos, por exemplo, o programa "Cine metro e meio". Tra-
ta-se de uma crítica ao cinema, aos filmes nacionais mais

(CONCLUE NA PÁGINA 60



Max Nunes e Manoel Barcelos, num ajuste durante a irradiação de um programa do primeiro

DA NECESSIDADE DE SER MALUCO

José Vasconcelos explica para os leitores quais as vantagens de não se ter juízo — "Doidinho" é o seu apelido de brincadeiras nos bastidores da emissora em que trabalha — O homem que fala sozinho na rua deve ser um humorista de rádio — Com dinheiro ou sem dinheiro, pretende visitar os Estados Unidos — Fará uma conferência sôbre o assunto, se nenhum psiquiatra interromper seus projetos futuros

—:—

Reportagem de Nestor de Holanda

Fotografia de Domingos

Um individuo que contasse piadas ao microfone sem os gestos e as caretas do Vasconcelos não conseguiria um têrço das gargalhadas que êle arranca. Esta foto, é um treino para a televisão, imitando com as mãos e o jeito da bôca o personagem que êle faz na peça...





JOSÉ Vasconcelos tem, entre os colegas de rádio, o apelido de "Doidinho". Como sabem os fãs, pelos bastidores das emissoras o ambiente é o da mais franca cordialidade, da mais pura amizade e eternas brincadeiras nas horas de folga. Quase tôda figura popular do meio radiofônico possui, entre os companheiros, nas rodas íntimas, seu apelidozinho espirituoso, inofensivo, bem colocado. Há no meio, por exemplo, o "Cavalete", o "Coruja", "Conde de Chicago", "Bolinho de Arroz", "Alfinete"„ "Chão de Garage", "Dorian Gray", "Brotinho", etc. Não diremos para os fãs quais os donos dêsses apelidos. São brincadeiras de bastidores que não devem vir a público... Quem quiser que fique curioso...

Mas, voltemos ao Zeca, isto é, ao José Vasconcelos. Como seus colegas, êle tem tambem o seu apelido, atende quando o chamam e não se zanga com a brincadeira, mesmo porque é muito mais fácil o Pão de Açúcar virar farofa do que o "homem-elenco", o notável imitador da Rádio Nacional, zangar-se com qualquer brincadeira. Ele é o primeiro a viver brincando, dando poucas "pelotas" para a existência sem levar a vida muito a sério para que não lhe surjam desde já os primeiros cabelos brancos.

Como vive eternamente brincando, José Vasconcelos ganhou entre os colegas o apelido de "Doidinho". E assim, a conversa que tivemos com o popular humorista do microfone girou em torno de seu apelido.

LOUCO, SIM! FURIOSO, NUNCA!

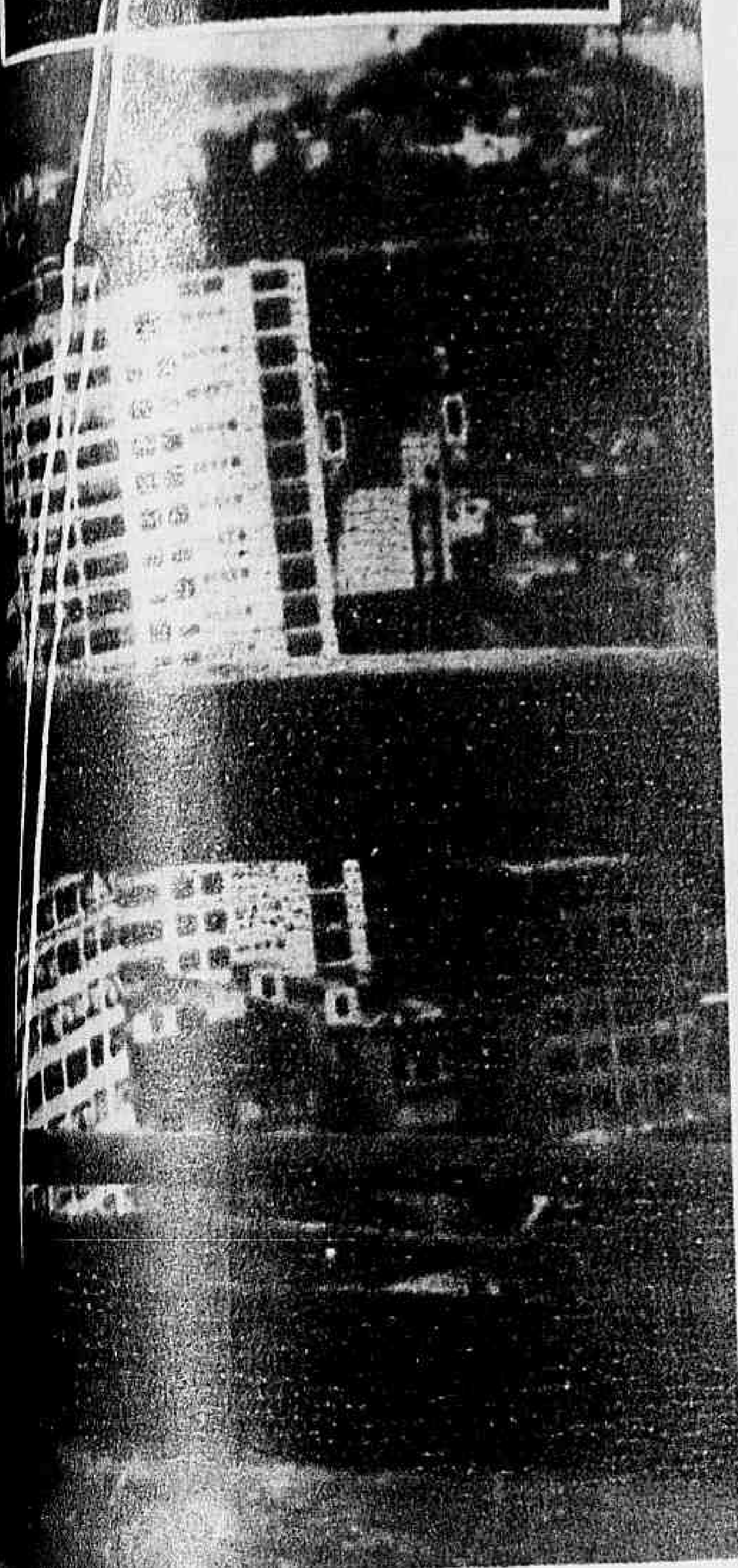
— Chamam-me de louco, diz José Vasconcelos, mas ser louco hoje em dia é uma necessidade tão grande como beber água, comer, trabalhar, tomar banho, obedecer às regras do trânsito, entrar nas filas, tirar a chapa do pulmão duas vêzes por ano, engulir comprimidos para dor de cabeça e cortar calos.

— Mas você é louco mesmo?! — perguntamos.

— Com muita honra, respondeu o humorista. Já lhe disse que ser louco é uma necessidade da vida atual. Quer que eu prove?

— Gostaria.

— Pois bem!... O individuo que tem juízo, por exemplo, anda de



A certa altura da entrevista, José Vasconcelos imitou um homem desesperado da vida que tenta o suicídio. No fim da história, tentou pular dos altos do edifício. Mas êle não é tão doido assim.



"Sou louco devido a um princípio puramente existencialista de viver a vida à minha vontade" — diz José Vasconcelos. "Um ajuizado que não gostasse de uma bebida faria esta cara? Não! Mas eu faço..."

e "Doidi-
ambien-
nas brin-
eio radio-
apelidozi-
xemplo, o
oz", "Al-
Não dire-
s de bas-
curioso...
seus co-
e não se
o Pão de
itador da
primeiro a
m levar a
eiros cabe-

hou entre
vemos com
pelido.

louco hoje
trabalhar,
as, tirar a
ara dor de

sse que ser

o, anda de



pingente na contra-mão de um bonde da Light?... Anda?... Lógico que não... Só mesmo um louco se arriscaria a jogar com a vida tão estupidamente! Mas o indivíduo que sai cansado do trabalho e precisa chegar cedo em casa, arrisca a vida como pingente de um bonde. Logo, banca o louco. Conclusão: teve necessidade de ser louco.

E prossegue Vasconcelos:

(Conclui na pág. 58)

Uma das idéias do Zeca é ir aos Estados Unidos. Com dinheiro, êle irá de camarote. Sem dinheiro, provàvelmente, irá de clandestino na vigia de um navio ————

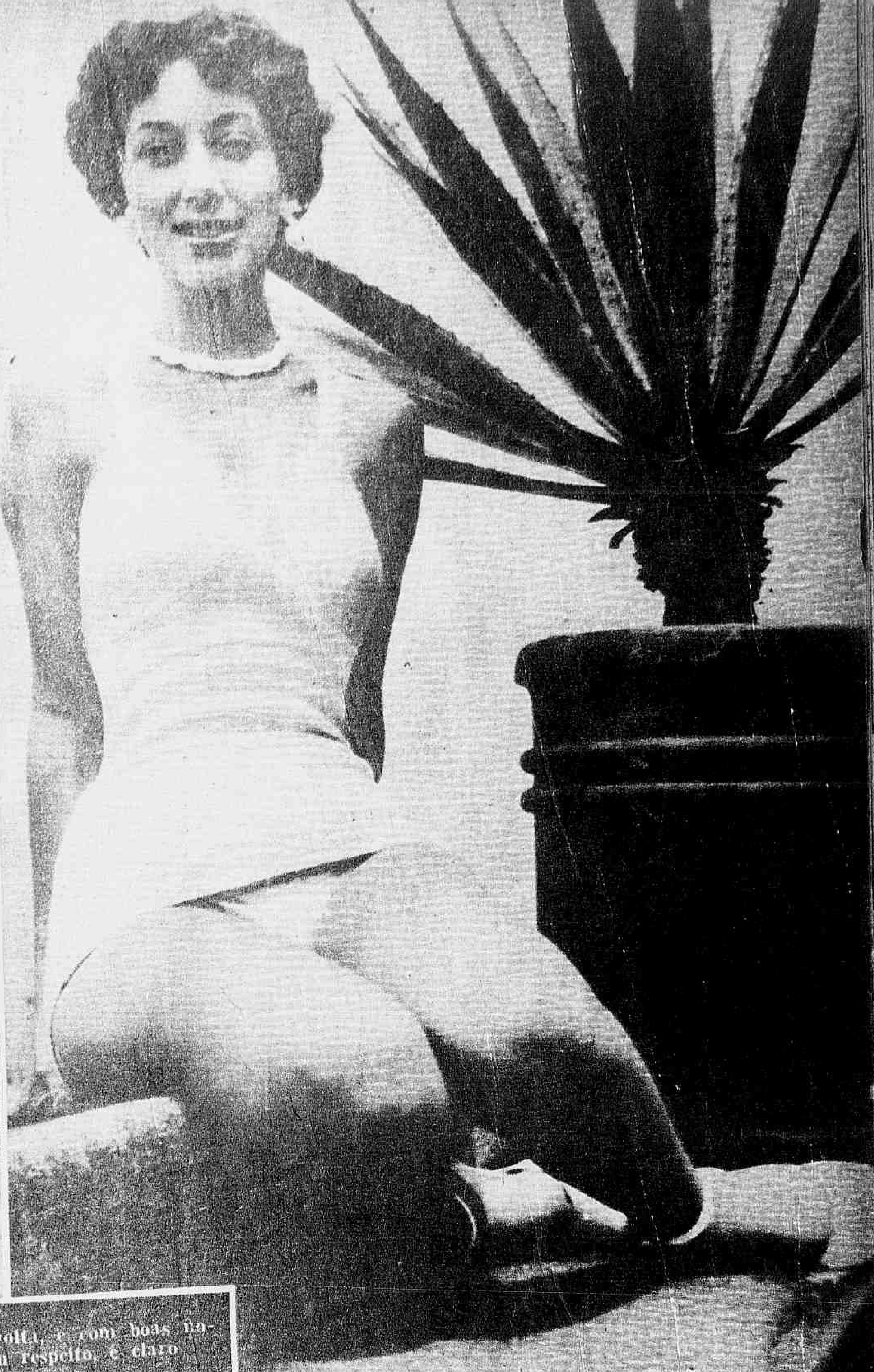
VALERIA AMAR A CAMINHO DA GLORIA

VALÉRIA Amar é dessas criaturas que marcam planos e, por paus ou por pedras trabalham afanosamente até realizá-los. Há cêrca de dois anos, quando a "A Noite" realizou um concurso combinado com a Cia. de Dulcina, para a escolha de uma estrêla para determinada peça, Valéria inscreveu-se, assentando então que seria uma atriz. O concurso correu normalmente e Valéria Amar, apesar de classificada para as finais, não conseguiu o seu intento, isto é, um contrato. Mas em compensação, tendo agradado bastante à crítica, viu seu nome amplamente focalizado, dando-a como criatura de amplas possibilidades para a ribalta. Animada com êsse fato, empreendeu esforços para que algo resultasse dessa boa semente, conseguindo afinal um contrato na Rádio Nacional. Daí para cá a sua carreira, se bem que ainda trêmula, o que é natural aos que principiam, marcou-se de vários e indiscutíveis sucessos. No teatrinho de Geisa Boscoli acentuou-se como atriz de grandes recursos cativando com sucesso invulgar o público que lá comparecia. Agora surge a notícia de que Mesquitinha, tendo organizado uma companhia de revistas incluiu o seu nome entre os principais elementos.

Fomos encontrar Valéria afanosa com as suas bagagens. É a sua primeira "tournée". Mesquitinha, neste momento deve estar chegando ao Rio Grande do



SEGUIU PARA O SUL COM A COMPANHIA DE REVISTAS MESQUITINHA



Breve estarei de volta, e com boas notícias... a meu respeito, é claro.

Sul. Lá fará a sua estréia, e Valória também sentirá a responsabilidade do primeiro contato com uma platéia desconhecida. Antes disso entretanto tivemos a oportunidade de ouvi-la. Como sempre, exuberante e animada. Suas palavras são cheias de otimismo. Não há quem não reconheça na linda atriz qualidade extraordinárias para vencer definitivamente no palco. Sua dição ideal, sua inteligência invulgar, e sobretudo sua plástica admirável, são elementos importantíssimos e definitivos para o destino que escolheu.

— "Não desejo nem espero outra coisa senão o sucesso. Sei que Mesquitinha me dará papéis que julgará dentro das minhas possibilidades. Entretanto sei também que o que quer que seja que êle me entregue para dizer num palco, poderei sempre fazer o dôbro com igual sucesso."

Isso é exatamente o jeito da estrelinha. E tem mais: — "Você acredita que a revista é campo para o seu talento?"

— "Qualquer arte exige igualmente sensibilidade e inteligência. O palco, isto sim, é o meu fascínio. Revista, comédia ou qualquer outra especialidade, isto não será o que possa impedir o meu desiderato de vencer. Sinto-me atriz, nasci para o teatro. Mesquitinha contribui agora de forma definitiva para solidificar a minha confiança nas minhas qualidades. Ser-lhe-ei sempre grata por isso. Espero, ao voltar do Rio Grande do Sul, trazer para os que me admiram no Rio as melhores notícias da minha carreira, até hoje..."

Valéria Amar seguiu sábado último para o Estado sulino. Certamente voltaremos a falar da linda estrêla, tão pronto tenhamos recebido as primeiras notícias da sua estréia.

17



Saindo do restaurante «La Rue», em Hollywood, vemos Mark Stevens e sua linda esposa, Annelle, discutindo o preço da corrida de taxi. Mark é muito admirado por sua capacidade de fazer diversos papéis diferentes, sendo que quando está trabalhando na tela raramente aparece nos lugares elegantes de Hollywood.



Broderick Crawford e sua esposa, Kay Griffith, andam sorridentes ultimamente e por um motivo muito bom. Broderick teve um grande papel em «All the King's Men», esperando-se que conquiste o cobiçado «Oscar».

Assim é H

Por SHEILA GRAHAM

HOLLYWOOD — Jamais a voz de um pai, tanto no cinema como no teatro, registrou maior orgulho e emoção do que de San Goldwyn ao me dizer que Samuel Goldwyn, seu filho, (e repetiu o nome inteiro), se unirá à companhia Golwyn, como produtor.



Ruth Roman e Ronal Reagan pareciam encontrar um pouco de dificuldade na escolha do jantar, quando esta foto foi tirada no elegante «Ciro's», de Hollywood. Ruth é uma das novas que dia a dia sobe mais no conceito de seus fans.

sa, Kay
mamen-
Brode-
«All the
conquis-



Sonja Henie recebeu este presente de seu marido, Winnie Gardiner, um granfino de Hollywood. Sonja regressou recentemente de uma «tournée», pelo oeste do país, onde apareceu em vários teatros e cinemas. Dentro em pouco, Sonja deverá fazer novo filme

é H ollywood!

SHEILA
RAHAM

Especial para CARIOCA



MacDonald Carey e sua esposa Betty foram fotografados no restaurante «La Rue», em Hollywood. Ainda há poucos meses, Carey era um artista quase desconhecido, mas últimamente tem se destacado com seus brilhantes desempenhos em vários filmes

Sam filho, que conheço desde qu nasceu, começará a trabalhar com se pai em "Nada como o presente", un filme que será feito, êste verão, na Itá lia e na Alemanha. E' uma idéia de u argumento original do jovem Goldwyn que êle mesmo escreverá com Blain Littell. Os dois são amigos desde o tempos de colégio.

Tenho a certeza de que Sammy, fi lho, está entusiasmado por sua posiçã

(Conclui na pág. 59



Membro da nova geração de Hollywood, Roddy McDowall e Amanda Blake são dos mais queridos artistas de cinema. Amanda, especialmente, promete ser uma grande artista daqui a anos, tendo feito a sua estréia ainda recentemente nos estúdios da Metro



Valli, a atriz italiana que tomou Hollywood de assalto

UM TIPO DE BELEZA LATINA EM HOLLYWOOD

ALIDA VALLI CONQUISTOU HOLLYWOOD — FOI A PROTAGONISTA DA VERSÃO ITALIANA DE "MANON LESCAUT" — AGORA, EM "THE WHITE TOWER"

De J. C. S.

ALIDA VALLI, atriz cinematográfica italiana que já nos havia dado o seu grande desempenho do papel de «Manon» da versão italiana do romance do Abade Prévot, ao lado de Vittorio de Sica, firmou o seu nome na capital do cinema de maneira rápida e surpreendente.

Seu mais recente trabalho para o seu estúdio empregador em Hollywood foi «The White Tower», rodado na pequenina aldéia de Chamonix, no pé do Mont Blanc, nos Alpes franceses. O filme tem como cenário aquela região maravilhosa, onde as montanhas vivem sempre coroadas de novo e o céu rendilhado de fiapos de nuvens.

Estrela de grande prestigio no cenário artistico eu-



Valli recebe instruções de um diretor da RKO



Com Fred MacMurray em um instante de «O milagre dos Sinos»

Europeu, foi detentora no ano passado do prêmio para a melhor atriz de 1949 no Festival Cinematográfico de Veneza pelo seu trabalho em «Piccole Mondo Antico».

Valli, que em Hollywood perdeu o seu nome de batismo, Alida, pois os diretores de publicidade acham mais cômodo sòmente o nome de Valli), nasceu em Pola, na Itália, aos 31 de maio de 1921. Ela não faz segredo do fato de ter 29 anos de idade. Da infancia à adolescência nunca pensara em se tornar estrêla de cinema. Tinha em mente ser, seguindo a mesma carreira do pai, professora. Seu progenitor se dedicara ao magistério. Era professor de Filosofia na Universidade de Milão. Depois de fazer os seus preparatórios secundários, Valli resolveu estudar arte dramática e então seguiu para Roma com esse propósito único. Após doze meses de estudo na Academia Cinematográfica de Roma ela fez uma prova de habilitação a um filme que em italiano tinha um titulo que queria dizer: «Che [illegible] o amor». E ganhou o papel.

Hoje ela é casada com o pianista,

(CONTINUE NA PÁGINA 60)



[illegible] filme com outro [illegible]


Tyrone Power, o herói de "Raw Hide", um novo filme de aventuras do Oeste selvagem...


Tyrone Power e Linda Christian... Casaram-se em Roma e agora gozam as delícias do Oeste...


Linda Christian está sempre ao lado do marido, quer êle filme em Milão, na Tunísia ou no Arizona...

Tyrone Power volta ao Oeste

O herói de "Jesse James" está filmando "Raw Hide", com Susan Hayward

DEPOIS de ter andado pela **Itália** e pela Tunísia, filmando "Prince of the Foxes" e "The Black Rose", Tyrone Power voltou a Hollywood, trazendo sua esposa, Linda Christian, com quem se casou em Roma. E agora volta ao seu elemento: o dos filmes de ação, do gênero de "Jesse James", ou seja, as películas do "wild West", como protagonista de "Raw Hide", ao qual não faltaram tiros, socos, perigos, cavalhadas, e instantes de dramático "suspense", como em geral acontece nesse gênero de películas. O diretor dessa nova criação de Tyrone Power é Henry Hathaway, que será sempre admirado pelos "fans", pelos seus grandes trabalhos, um dos quais é um modelo do gênero e constitui realmente uma criação antológica: "Lanceiros da Índia". Susan Hayward é a encantadora garota que foi escolhida para figurar ao lado de Ty Power em "Raw Hide". Susan é na verdade linda e cheia de talento. Uma companheira bem digna do seu "leading man", pois cresce, dia a dia, no conceito do público, a cada novo trabalho. Linda Christian vive piruando as filmagens, como sempre acontece... Faz muito bem, Linda... Vigie o seu marido... Não faça como sua antecessora, a confiada Annabella... Confie, mas desconfiando sempre...



Alguns artistas de "Raw Hide": Jess Barker, [illegible] T. Stevens, Hugh Marlowe e Tyrone Power, num intervalo da filmagem. Nesse dia, Susan Hayward estava de folga...



Nydia Licia Pincherle — um sonho de Apolo feit mulher.



Nydia Licia Pincherle

Nydia Licia Pincherle é uma mensagem de beleza e inteligência. A primeira vez que a vi foi a convite de uma dama do grande mundo que, sabendo-me poeta, insistiu para que eu sentisse a poesia humana de Nydia Licia Pincherle.

Cheguei vi e fui conquistado.

O caso de Nydia é bem curioso, pois, há bem pouco tempo no palco, já conquistou aplausos, papéis, e uma multidão de admiradores. A formosa artista iniciou com o grupo de Teatro Experimental de São Paulo com a peça americana "À margem da vida" de Tennessee Williams. Com o Grupo Universitário de Teatro figurou em "O baile dos ladrões" de Anouilh. No Grupo de Arte Teatral apareceu na peça "A noite de 16 de janeiro" de Raud. Ainda na capital bandeirante com o Grupo de Arte Dramática fez "Nick Bar" de William Saroyan.

Depois dessas aparições com sucesso e sempre emprestando o valor de suas interpretações, Nydia Licia Pincherle atuou numa vitoriosa temporada retumbante de sucessos do Grupo Experimental de Teatro de São Paulo no Rio de Janeiro.

Durante vários meses êsse grupo brilhante, constituido de verdadeiras vocações deu exemplos e aulas de teatro no palco do Teatro Copacabana. Ali tivemos a oportunidade de ver Nydia Pincherle viver papéis diferentes e todos com beleza e personalidade. Suas "performances" convincentes nos deixaram gratas e amáveis recordações. Em peças como "A mulher do próximo" e "Pif-Paf", ambas de autoria de Abilio Pereira de Almeida, e "À margem da vida", de Tennessee Williams, a formosa artista definiu o seu talento. Recentemente em São Paulo figurou com brilho em "Huis Clos" de Sartre.

Nydia Licia Pincherle, além do palco, dança, canta e já foi tentada pelo cinema. Em breve teremos nas nossas telas mais uma formosa estrêla. Nydia Licia Pincherle vai aparecer no filme de Fernando de Barros — "Quando a noite acaba".

O pecado de amar

(Song of Surrender) Produção da Paramount — Direção de Mitchell Leissen — Lançamento simultâneo no Plaza — Astória — Olinda — Star — Mascote.

"O pecado de amar" é um dêsses filmes que nos deixam com cara de desencantado. Não sabemos porque histórias como esta são filmadas. O interêsse é mínimo ou melhor nenhum. Ainda por cima o tratamento dado por Mitchel Leissen é nulo. O pecado de amar" é uma fitinha muito chata e sem valor humano. A direção de Mitchell Leissen profundamente fraca e desorientada. Leissen tem se enterrado cada vez mais. Mac Donald Carey é um camarada muito contração. Wanda Hendrix que tanto é anunciada como um talento, continua sem novidade na frente. Meu amigo Claude Rains, figura ímpar na cinematografia, num papel sem importância, indigno do seu gênio. Andrea King, que depois de tanto tempo reaparece, quase não é vista. Nunca me esqueci do notável desempenho de Andrea em "No teatro da vida", o célebre filme de Katherine Hepburn. Nossa amiga Elizabeth Patterson e o excelente Henry Hull, dois grandes coadjuvantes, têm "pontas" insignificantes. Foi um prazer ouvir no cinema a voz de Caruso. E como conclusão o meu amigo e poeta Leoni Machado Filho tem razão — já não convence essa história de Claude Rains no papel de homem enganado.

"Uma mulher no meu passado"

(An Ideal Husband) Apresentação da 20th Century Fox — Direção de Alexandre Korda — Lançamento simultâneo no Pal[illegible] — [illegible] — Rian — Avenida.

[illegible] peça de Oscar Wilde foi a mais acertada, [illegible] o ponto de vista do espírito wildiano, que o cinema já fez. Ape[illegible] título original — "Um [illegible]" — esta "mulher no meu passado" [illegible] méritos destacados. [illegible] está vivido nas [illegible] A reprodução da [illegible] e dos [illegible] é uma delícia. Os con[illegible] de Wilde são de uma [illegible] Entretanto há al[illegible] sérios desencantos no filme. A escolha dos artistas, falta de maior plasticidade e certo arrastamento da direção, etc.

Evidentemente Paulette Goddard não é uma artista para um papel daquele quilate. A bela e nobre Diana Wynfard (que saudades de "Calvacade", com Clive Brook, de "Reunião em Viena", com Jonhn Barrymore, etc), reaparece com muita dignidade. Michel Wilding faz com certo agrado o Lord Coring, o personagem mais wildiano da peça.

Sir Aubrey Smith faz o pai de Lord Goring. Hugh Williams está aceitável. A direção de Alexandre Korda é arrastada, sem vibração, demasiadamente fria. Faltou também certa plasticidade na continuidade da história. Apesar da excelente adaptação cinematográfica de Lagos Birjos, a história ficou um tanto inteiriça. Contudo vale a pena assistir "Uma mulher no meu passado" pelo esplendor dos diálogos de Wilde vividos com espantosa fidelidade.

"O preço da glória"

(Battleground) Produção da Metro Goldwyn Mayer — Direção de William A. Wellman — Lançamento simultâneo no Metro Passeio — Tijuca — Copacabana.

"O preço da glória" é mais um filme de guerra. Há entretanto, uma forte ressalva: é um filme de William A. Wellman. "O preço da glória" mantem uma dignidade de filme de classe. Na realidade a direção de Wellman é pontilhada de detalhes felizes e circunstâncias apreciáveis. Van Johnson, John Hodiack, Ricardo Montalban, George Menphy Marshall Tarompson, todos figuram com acêrto e discreção. Denise Darcel é uma figura estranha e fotogênica. A direção de Wellman é segura. Um ou outro lapso não vem em prejuizo do total bom da película. Entretanto dizem os entendidos em assuntos de guerra que nenhum filme tão perfeito quanto "Também somos sêres humanos". De qualquer forma William A. Wellman está com a palma. Veja "O preço da glória", que vale apena.

Post-Scriptum

Bilhete para os fans:
Procure ver "A batalha da água pesada" que é um belo documentário da classe de "A batalha dos trilhos".

*

O melhor filme da semana foi a "reprise" de "O solar das almas perdidas" direção de Lewis Allen.

*

"Carnaval no fogo", direção de Watson Macedo entrou na sua sétima semana, batendo um record memorável na história do cinema nacional.



A EX-RAINHA DAS [illegible]ZES NO TEATRO DE RE-VISTA — Clea Susa[illegible] foi a "Rainha das Atriz[illegible] em 1949. Destronada este ano por Mara Rubia, que é a atual detentora do [illegible]. Clea está atuando, [illegible]mente, nas revistas de [illegible] Caetano. Sua presen[illegible] continua a marcar [illegible] como marcou antes em "[illegible] que eu chuto". Qualquer rainha, sempre tem [illegible]tade".

JOHN IRELAND, O MODESTO

John não pretende papéis principais, embora pareça incrível — Vestir-se como deseja, um privilégio que não renuncia — Os críticos afirmam que em breve será um dos mais brilhantes atores da atualidade, apesar da excessiva modéstia de John

HOLLYWOOD tem apresentado, ultimamente, muitos atores e atrizes de valor excepcional. Temos, por exemplo, o caso da jovem Elizabeth Taylor, um verdadeiro sucesso da atualidade. Assim como ela, muitos outros têm se integrado na constelação mais brilhante. E ao lembrarmos de vários nomes de novos astros que se tornaram quase sublimes no cenário de Hollywood, não podemos nos esquecer de John Ireland, o carrancudo e modesto ator da Fox e Columbia. Ireland não é uma revelação jovem, pois já tem trinta e quatro anos. Seu aspecto é másculo. Os olhos estão sempre indicando decisão, vontade própria, orgulho, embora também indiquem agradavelmente sentimentos simpáticos. O nariz é longo, a boca com lábios grossos e firmes, as sobrancelhas carregadas e o rosto um pouco oval, com uma cabeleira vasta e castanha. Enfim, John é um homem que demonstra a idade que tem, e é, apesar do seu natural aspecto carrancudo, um homem que sabe atrair a atenção, falando francamente, de modo resoluto e honesto.

Ireland nasceu na Columbia Britânica, mas viveu grande parte de sua infância e adolescência no East End de Nova York. Durante vários anos trabalhou em papéis Se- pequenos no teatro, especializando-se em Shakespeare. gundo êle próprio afirma, foi durante êsse período que mais aprendeu da arte dramática e d avida. Ganhava pouco, apenas o suficiente, e sempre tencionando aperfeiçoar-se. E foi no teatro que o descobriram, levando-o para Hollywood, onde lhe disseram que teria um belo futuro.

— Não quero que me destaquem, nem que me dêem papéis principais — afirma seriamente John Ireland! — Minha intenção é chegar a ser um bom ator e considero muito difícil conseguí-lo quando colocam nosso nome em letras luminosas...

John é sincero e não brinca quando fala assim. Ele julga, honestamente, que a ambição não deve ser demasiada, pois sempre causa transtornos. E para explicar melhor, cita alguns astros exponenciais de Hollywood que vivem envolvidos em complicações íntimas, tanto profissionalmente quanto moralmente. E vai mais adiante, completando seu pensamento:

— Quero fazer atuações secundárias porque, além do mais, são as mais saborosas. E ficarei também tranquilo sabendo que os papéis principais estão sob a responsabilidade de outros.

Estávamos espantados com tais declarações ,pois jamais nos foi dado a conhecer nenhum astro com tais idéias, em pleno Hollywood!...

— Outra coisa que me enerva são as vestimentas que os diretores obrigam os grandes astros a usar. Eu não pretendo, em hipótese alguma, vestir-me como os ouros querem. Considero que para quem foi pobre, a melhora de vida deve pelo menos conter o privilégio da pessoa se trajar da maneira que deseja. E êsse privilégio não quero perder.

E foi então que mudamos de assunto.

— Tenho feito muitos filmes para a Fox e Columbia, e prefiro não enumerá-los. Para mim, a minha melhor interpretação foi em "All The King's Men". Nela tenho que desempenhar um papel com muitas facetas. Imaginem que, entre outras coisas, sou obrigado a me enamorar de Joanne Dru.

Joanne Dru é outra revelação, e é a esposa feliz de John Ireland. Perguntamos como aconteceu o amor. John nos respondeu prontamente:

— Um dia veio parar em minhas mãos a folha de pagamento de Joanne Dru e vi quanto ela ganhava. Daí resolvi casar-me com ela...

John estava brincando, é claro. O fato, porém, é que os dois se amam verdadeiramente e Hollywood não espera nenhuma atitude extrema dos dois.

E aí encerramos nossa reportagem. John Ireland, apesar de sua modéstia, foi considerado pela crítica cinematográfica como um dos astros de mais esplêndido futuro da capital do cinema. Esperemos...

EXIBICIONISMOS...

Por SYBILA SPENCER

AS "estrelas" têm a obrigação de chamar a atenção e conquistar a popularidade que as mantem em primeiro plano e as eleva à categoria de ídolo. Muitas atrizes querem brilhar na vida real, e, às vezes, seus exibicionismos só demonstram apresentações grotescas.

Antes de Robert Mitchum cair em falha (como muitos notaram no ator, o êrro da vaidade), era ele o mais terrivel dos "exibicionistas". Quando o reporter o entrevistava, o astro lhe contava histórias audaciosas e chocantes, não só de si mesmo como de outras pessoas... Não perdia oportunidade de exagerar o que pretendia fazer no futuro e como o faria. Mas aquele processo em que se envolveu o ator, fê-lo bem mais humilde, pois esteve a ponto de perder a esposa e o emprego. Mas a Hoy Bob, disse Mitchum que não se crê superior ao resto dos atores, nem pretende colocar sua opinião ou sua pessoa acima dos demais...

Victor Mature era, no começo de sua carreira cinematográfica, muito parecido com Mitchum em sua maneira de proceder. Também queria criar "cartaz" contando histórias escandalosas.

Nos clubs noturnos em que êle comparecia, fazia tudo para tornar-se o centro de atração. Perseguia qualquer pessoa, especialmente jornalistas, que pudesse dizer algo sôbre si ou que publicasse a sua fotografia. Ao ser fotografado, preferia aparecer ao lado da pequena que tivesse mais fama na ocasião. Atualmente, é um homem sensato e normal.

— Joan Fontaine aparece nos filmes com o ar de muito tímida, o que faz presumir que na vida real a atriz seja também assim, mas, na realidade, ela é a exibicionista número um...

Há pouco, houve uma festa em Hollywood à qual, compareceu a linda Joan Fontaine. Estava formosa como uma visão, com um precioso traje verde chifon, de linhas gregas, e dançava sózinha, com a maior seriedade do mundo... enquanto seu namorado a esperava pacientemente, com os braços cruzados. Não é muito agradável a situação, que se repete com grande frequência, para o companheiro de Joan, o qual sempre espera que ela resolva voltar aos seus braços!

Olivia de Havilland, irmã de Joan, tem o gênio oposto ao da irmã. Distingue-se por ser uma garota serena, reflexiva e extraordinariamente inteligente. Olivia preferia morrer a ser alvo de exagerada atenção.



Joan Fontaine, a simplicidade em pessoa, nos filmes; na vida real, a exibicionista número 1...

Existem pessoas que chamam atenção por serem expansivas e por gostarem de conquistar simpatias. E' o caso de Douglas Fairbanks, que atrai com sua conversa. Não ignora que sua palestra é brilhante e que tem uma cultura suficiente para discorrer sobre qualquer tema. E' também capaz de fazer hábeis imitações de outras pessoas e conta com a ajuda de Mary Lee, sua encantadora mulher.

Existem "estrelas" em condições de brilhar em qualquer situação, e que no entanto preferem não sobressair como é o caso de Claudete Colbert, Irene Dunne e Loreta Yung.

Clifton Webb desperta atenção, por se achar importante demais com o passar dos anos, e com o êxito alcançado.

Muito característico igualmente, é o caso de Betty Hutton. Quando se sente em ambiente de simpatia e simplicidade. Betty mostra-se uma pequena natural e en-

(Conclui na pág. ...)

GEORGE RAFT, que atualmente filma «Capturado» (A dangerous profession), tem ocupado as mais perigosas profissões e levado uma vida tão cheia de aventuras que a sua crônica seria capaz de empalidecer até os heróis saidos da pena de imaginosos fissionistas como Horatio Alger ou R. L. Stevenson. O conhecido ator conseguiu sucesso em sua carreira, mas com muita dificuldade. Começou por fazer uso dos punhos para ganhar a vida, como pugilista. Ele tinha que custear as suas próprias despesas no colégio e manter sua mãe. Isso fez com que êle fosse obrigado a desempenhar os mais esquisitos cargos, desde vendedor de jornais a aprendiz de eletricista, nas horas vagas. Depois, sendo a dança o seu divertimento predileto, ele entendeu de ganhar dinheiro com os pés... Naquele Charleston era o rei dos empresários e Raft se tornou logo conhecido como o «mais ágil dançarino de Charleston». E estrelou nos teatros «Churchill» e «Rector» e logo depois teve o nome em cartaz na Broadway.

Fez a seguir muitos «tours» artisticos pelo estrangeiro, tendo tido entre os seus espectadores como o Duque de Windsor, então principe de Gales, que se dizia seu «fan». Voltando a Nova York tornou-se famoso como «partenaire» da bailarina Elsie Pilcer, ao lado de quem apareceu numa série de comédias musicais na Broadway, incluindo as que se intitulavam «City Chap», «Gay Paree», «Manhatters», «Palm Beach Nights» e «No Foolin».

Quando a atriz Texas Guinan estava no apogeu de sua carreira, Raft tornou-se produtor e «co-star» de todas as suas «big extravaganzas» e quando foi para Hollywood para protagonizar «Queen of the Nigth Clubs», um dos primeiros filmes totalmente falados, êle também foi contratado. Naquela época precisamente nascia no cinema o ciclo dos «gangsters» e os produtores viram em Raft um tipo perfeito de bandido para

Num «still» com Ella Raines

GEORGE RAFT CUSTOU A VENCER

ANTES DE SER "ASTRO" FOI TUDO NA VIDA — DO "RING" PARA O PALCO — QUANDO ENTROU NO CINEMA INICIAVA-SE O CICLO DOS "GANGSTERS"...

DE RUDO MENON



Raft e Ella Raines numa cêna do filme

a tela. Seus primeiros filmes nesse gênero foram «Quick Millions», «Hush Money» e «Scarface», este o seu maior sucesso naquela época. Depois, a saudosa Carole Lombard lhe deu uma ponta em «The Killer».

Por mais estranho que pareça George Raft nunca assistiu a um filme seu. Nunca viu o seu trabalho na tela como simples espectador. Quando lhe perguntam como é que êle sabe se o seu trabalho agrada, ele responde da mais lógica dêste mundo:

— Se os estudios continuam a me pagar o ordenado que eu exijo é porque o meu trabalho está agradando.

Apesar de ser um dos homens mais bem vestidos de Hollywood e um dos «astros» de maior prestigio da terra do cinema, Raft é um rapaz modesto.

(CONCLUE NA PÁGINA 60)



Raft contracena com Pat O'Brien

O CINEMA ARGENTINO

Por ARMANDO LOUZADA

ELINA COLOMER — Uma das mais interessantes intérpretes do teatro e do cinema argentino, que neste momento apresenta no Teatro Smart de Buenos Aires, a grande peça francesa: "La leal inimiga", e que com Luiz Sandrini se apresentará na comédia cinematográfica: "El Sedutor"

JÁ se anuncia em Buenos Aires o lançamento da pelicula "Escola de Campeões", produção da Inti-Huasi, que será estrelada por Jorge Rigaud e Silvana Roth, o admirável par romântico de "A Marquesa de Santos", que tantos aplausos receberam entre nós vivendo os papéis de Domitila e Pedro I. "Escola de Campeões" é um filme oportuníssimo e que demonstra o conhecimento de psicologia dos cineatas porteños. Na Argentina, como no Brasil, o futebol é esporte das multidões, das massas, aquele que atrai milhões e milhões de criaturas para as praças de esportes, quer faça um sol de rachar, quer chova torrencialmente. Pois bem, o filme que a Inti-Huasi anuncia é uma produção de carater histórico, estudando a personalidade de Alexandre Watson, que foi o introdutor do futebol na República do Prata. A montagem de "Escola de Campeões" é qualquer coisa de extraordinário, uma vez que nos mostrará Buenos Aires desde 1880 até os nossos dias. Ruas, praças, hábitos e costumes, roupas e meios de transportes foram fielmente reconstituidos. Além de Rigaud e Silvana Roth, valorizam a produção da Inti, os conhecidos artistas Pedrito Quartucci, ex-campeão olímpico de box e hoje um dos mais populares e interessantes artistas cômicos do cinema argentino. Henrique Chaico, comediante de grandes recursos e Celia Geraldy, a Conchita de Moraes de Buenos Aires. A direção do filme está a cargo de Ralph Papier.

E é tal a atividade no cinema argentino, que essa mesma companhia já anuncia três outras grandes produções: "Cuerpo a terra", "A la sombra de los Andes" e "Pasa el tren", esta última uma película cômica. Oxalá que a Atlantida, que acaba de nos brindar com essa magnífica realização de Watson Macedo: "Carnaval no Fogo", continue nos proporcionando assunto para enviar às revistas cinematográficas e radiofônicas de Buenos Aires, crônicas como as que estamos enviando em tôrno de "Carnaval no fôgo", que nos prestou o inestimavel serviço de revelar os falsos cineastas, esses eternos "realizadores" de filmes carnavalescos.

Silvana Roth e Jorge Rigaud, os românticos de "Escola Campeões"



Silvana Roth e Jorge Rigaud, recebem os últimos retoques na "maquille", para a cena do desembarque de Alexandre Watson, em Buenos Aires, no ano de 1880



MÊS DE FÉRIAS

Conto de HERCILIA LINS

A moça armou no convés a rêde que comprara no norte e deitou-se pensando na viagem. Estaria destinada a servir de repasto aos tubarões? Por pouco não viajara no navio anterior, em que houvera um incêndio a bordo, sem grandes consequências em verdade, mas só o susto que teria levado não era brincadeira. Agora o prenúncio de uma tempestade ameaçava virar a embarcação. — "Não adianta forçar. Quando estamos sob a influência maléfica de um astro, o melhor é deixarmos correr o marfim... Inútil procurarmos evitar os revézes. Jamais poderemos fugir ao que estiver escrito no nosso Livro da Vida. Por isso é bom conformarmo-nos com a nossa sorte e aceitarmos tudo com um sorriso nos lábios".

O navio jogava cada vez com mais fôrça. O vento soprava com violência. Cada trovão parecia arrasar o barco. As nuvens pareciam tontas ante a fúria do céu que, pelos contínuos ziguezagues de fogo que cortavam-no de horizonte a horizonte, dava impressão de ter-se rachado em abismos profundos.

Preferia ficar ali deitada. Se a morte tivesse de chegar que a pegasse de surprêsa. Assim não sofreria. As amigas julgavam-na felicíssima e rica. Deu um suspiro. Melhor assim. E veio-lhe à mente uma frase que ouvira, ainda menina, de uma senhora idosa: — "Lembre-se sempre, Zeni, duas coisas jamais devemos mostrar a ninguém: a bolsa e o coração". Embora não tivesse podido atinar com o sentido daquelas palavras, não as esquecera, e a vida ensinou-lhas. De sorte que ninguém conseguiria jamais saber dos conflitos que lhe iam nalma. Mostrava-se sempre feliz, despreocupada, sorridente, para que ninguém percebesse a tragi-comédia que era a sua vida, desde a infância. Contudo aceitava tudo com resignação, evitando recordá-la. Lembrou-se de uma colega: — "Como invejo o seu senso de humor, Zeni! Ensine-me como se pode andar sempre alegre e bem disposta!..." Sorria. No íntimo sentia-se como naquele soneto: — "Quanta gente que ri, talvez, existe, — cuja ventura única consiste — em parecer aos outros venturosa". E' que essa pequena parecia sofrer de lamentação crônica, como se sòmente para ela houvesse carestia, como se sòmente ela sofresse na vida. Tinha pavor quando a encontrava. Seria possível que as lutas cruéis e incessantes não a ensinaram nunca a receber impassível as desilusões. Como num filme, o cenário de privações por que passara desenrolou-se em sua mente, até chegar àquela viagem. Provàvelmente as amigas ficaram matutando como conseguira realizá-la. Por mais que sondassem sua vida, nada conseguiriam. Ninguém haveria de saber que trabalhara anos e anos vendendo as férias, economizando o máximo, apertando o estômago, trabalhando em extraordinários, visando conhecer novos mares, novos céus, novas terras. Ultimamente, é verdade, começava a sentir-se esgotada, tudo irritando-a no íntimo. E despendia de grande energia para controlar-se. Quase não dormia. Emagrecera muito. Cerrou os olhos porque alguém passou por perto e parou. Certamente andavam à procura de um "bate-papo". O corpo parado, quieto. A respiração mansa, profunda. Podia até ouvir o som retumbante de seu próprio coração. Sorriu interiormente. Os passos se distanciaram. Podia pensar de novo. Tão dolorosa é a insônia.. Os soporíferos de nada lhe serviam. E quantas tentativas fizera inùtilmente. Lia os romances mais sonolentos. Contava um... dois... três... cem... chegava a mil, em vão. Procurava relaxar os nervos, não pensar em nada. Sem resultado. Andava, andava, até sentir-se cansada. Da mesma forma não pregava olhos enquanto ouvisse ruídos. Sentia-se enlouquecer pouco a pouco. Procurou no comércio algum aparêlho contra ruídos. Tantas coisas inventam por aí... Quem sabe não resolveria o seu caso uma peça que, colocada nos ouvidos, não lhe deixasse ouvir o menor barulho. Nada encontrou no gênero. Para amortecer o som, enchia os ouvidos de algodão. Contudo, ao deitar-se, com o cérebro vazio de idéias, pegava no sono. Bastava, porém, um retardatário enfiar a chave na fechadura do apartamento do lado... pronto. Acordava.

Custava a adormecer de novo. Ei-lo que vem vindo. Mas um cão boêmio, invariàvelmente às duas da madrugada, voltava à casa e se punha a latir. A princípio uns ganidos espaçados. Depois ganía. Iuvando, dava pulos tremendos na porta de madeira como querendo pô-la abaixo, já que o seu dono não o ouvia. Um martírio! A vizinhança acordava. Menos o dono do cachorro. De guardas-noturnos não se via sombra. Se calhava de passar uma pessoa, então esmurrava a porta até botarem o canzarrão para dentro. Pronto. Agora, sim. Com o coração agitado, os nervos em trepidação, a noite tornava-se comprida, interminável. Chegava a ouvir o ressonar dos vizinhos. Alguém que se virava na cama de molas do apartamento de cima. O relogio de carrilhão que anunciava cada quinze minutos. E invejava o sono de pedra de toda aquela gente que habitava o jardim zoológico doméstico que era aquele edifício. Que ódio! Por que sòmente ela sofria o suplício de um sono leve?! Tudo começou quando levaram para ali aquela bicharada... Hum. Até micos e galos de estimação! De repente tudo era silêncio. O mundo parecia parado. Nenhum ruído. Nem bonde. Nem carro. Nem conversa. Nem mesmo mosquito. Mas a agonia da insônia era um desespêro mudo e terrível, prolongado e angustiante.

(Conclui na pág. 58)



"Miss Descongeladora" de 1950

MIAMI — Florida — Como parte das festividades aqui realizadas durante a Exposição Aeronáutica, a população desta cidade assistiu, grandemente interessada, à eleição de "Miss Descongeladora" de 1950... Inúmeras foram as candidatas ao título e dentre elas sagrou-se vencedora a jovem Kay Dugger, que é vista depois da vitória, sôbre a asa de um avião experimental.

NASCEU NO A

Talita de Miranda começou no io,
Brasil — Mãe dedicadíssima, viv
rães ouvindo insultos e Antonio io
ouvinte eve

REPORTAGEM DE GIL SA

"Deus do Céu, quanta carta para responder!..."

DENTRE as artistas mais queridas do "cast" de rád-
tro que Floriano Faissal dirige na PRE-8, destaca-
discutivelmente, a encantadora Talita de Miranda, a
de personalidade invulgar, simplicidade e talento.

Talita de Miranda é contratada da Rádio Nacional
vivido papéis de grande responsabilidade em trabalh-
dio-teatrais transmitidos pela Nacional e consegue e
agradar e obter êxito com suas interpretações seguras

Iniciou-se ao microfone na cidade de Petrópolis, e-
quenas transmissões de teatro pelo rádio. No Rio, a
meira tentativa foi feita por intermédio do César de
car, o popular animador de auditório, que a apresento
Carlos Machado. Este conhecido ator e ensaiador tra-
va naquele tempo na Rádio Jornal do Brasil, a PRF e
realizava um concurso para rádio-atrizes. Talita e 17
candidatas disputaram o primeiro lugar. Mas as 17 sa
e Talita venceu o concurso, passando, assim, a trabalha
estação, como contratada.

Da Rádio Jornal do Brasil, transferiu-se para a ,
desta, para a Mayrink Veiga. Ao tempo em que Tale

Nas horas vagas, ela é tambem pianista...

Ela e o Capablanca da
Nestor de H

AR É NÃO É PEIXE

...io, vencendo um concurso na Rádio Jornal do ... vive para a arte e a filhinha — Celso Guimarães ... preso em baixo da mêsa — A idéia que os ... devem fazer dos artistas

FOTOS DE FENELON

Miranda se fez ouvir através das ondas da PRA-9 a então chamada de "sua estação" gozava de uma popularidade marcante. Em seu elenco figuravam as principais figuras do "broadcasting", inclusive César Ladeira, Carlos Galhardo, Ciro Monteiro, Odete Amaral, Edu e vários outros.

Logo depois de pequena atuação na Mayrink, foi contratada pela Nacional, onde se encontra até hoje, artista completa, de nome feito, popularidade e prestígio entre os rádio-escutas. Pertence há meia dúzia de anos ao elenco da emissora dos vinte e dois andares e figura ombro a ombro com os mais famosos nomes do microfone, tais como Ismênia dos Santos, Saint-Clair Lopes, Celso Guimarães, Floriano Faissal, Restier Júnior, Carlos Machado, César Ladeira, Ligia Sarmento, Brandão Filho, Valter Dávila e muitos e muitos outros.

Durante sua vida de profissional, Talita de Miranda fez uma única tentativa de cinema. Trabalhou no filme "Luz dos meus olhos", com Celso Guimarães e Grande Otelo. Fez um papel pequeno, mas destacou-se perante a opinião da imprensa. Além disso, gostou de trabalhar num filme e pretende mesmo figurar em elencos de produções cinematográficas futuras, vivendo papéis dramáticos

(CONCLUE NA PÁGINA 56)



...bianca da ... Nacional: ... stor de H...



Antes do ensaio, uma "pose" para os fãs

"FLASH" DA CIDADE

O RIO DA VELHICE IMPERIAL E O RIO DA MOCIDADE OUSADA DE HOJE — CONTRASTES BERRANTES QUE AINDA SE CONSERVARÃO POR LARGOS ANOS

De EMMANUEL AMARAL

O Rio, como tôdas as grandes cidades da atualidade, apresenta-se como metrópole típicamente contraste, sofrendo consequências ainda da mentalidade dantanho.

Talvez, para os turistas, os contrastes gritantes do Rio moderno sejam mais um motivo de atração ou de jocosas exclamações. Na verdade e a rigor, a "Cidade Maravilhosa" se divide em várias partes. A primeira, a mais linda, começa, na Praça Mauá e termina no Leblon, com as suas lindas avenidas, edifícios caprichosamente formidaveis, vida intensa nas praias. Até a topografia da Guanabara está se transformando completamente. As belas e tradicionais curvas estão cedendo à força de aterros colossais em favor de maior espaço para os automoveis e talvez para monumentais construções. O tradicional Morro da Viuva está irreconhecivel. De lugar ermo e desprezado, passou a ser um dos recantos mais belos da nossa "urbs", tantos são os altos e elegantes edifícios ali construidos em pouco mais de um ano.

O brasileiro ou o estrangeiro, na verdade, ficam admirados com a dupla beleza de tôda a zona sul — arquitetura e a fulgurante beleza natural somente sacrificada na extinção das lindas curvas de cais, entre o Calabouço e a Praia Vermelha.

Daí para cima, tudo realmente é maravilhoso, a Urca é um bairro acrobático com edifícios semelhantes a ostras, encrustados na rocha e com apartamentos subterrâneos de dois e mais andares; Copacabana é um sucedâneo de construções monumentais; o Leblon imitou a sua vizinha e Ipanema, finalmente, é um verdadeiro jardim, alegre, bem construido sem a existência de "arranha-céus". Todas as casas são residenciais e dentro de uma característica bonita, sendo obrigatória a confecção de jardins de pelo menos cinco metros de frente. Este é o Rio maravilhoso dos cariocas e dos forasteiros.

Agora o contraste berrante. Logo à esquina da tradicional Avenida Rio Branco, a majestosa Presidente Vargas, uma das mais largas e bem construidas do Continente. Lado a lado com esporádicos e grandes edifícios bancários, a extensa avenida apresenta chocantemente prédios velhíssimos, denegridos pelo tempo, restos de incêndios e ainda o inútil e sempre sujo Canal do Mangue.

Quem sai daquela região lindíssima que descrevemos acima e enfrenta logo um cenário tão triste, conclui realmente que o Rio tem várias cidades no seu perímetro enorme. Para salvar a zona norte, existem apenas dois "oasis" — a Tijuca e o Grajau. O primeiro bairro, aliás um dos mais antigos e aristocráticos, cresceu espantosamente em poucos anos, possuindo uma Praça monumental, a Saenz Peña, uma verdadeira cinelândia e um comércio dos mais elegantes. O Grajau é uma jóia parecida com Ipanema só lhe faltando a beleza do mar, compensada, porém, com a imponência da serra e dos picos arrojados do Andaraí. O resto é ainda muito triste, ninguem pensa no progresso de Vila Isabel e de São Cristovão, justamente bairro de grande população. Não existem cinemas de boa qualidade e, a não ser uma outra rua nova que surge com edifícios elegantes e moderníssimos, tudo é triste e arcaico. Enfim, como Roma não se fez num dia, o Rio de Janeiro, orgulho do Brasil, ainda venha a ser ou justificar completamente o título internacionalmente conhecido: "Cidade Maravilhosa".



O SUCESSO DE MARY E ALBA NO TEATRO FOLLIES — As irmãs Mary e Alba realizaram um feito audacioso em sua carreira artística. Após seis anos de afastamento do palco, voltaram à ativida de, estrelando o elenco do Follies. Foi uma aventura perigosa para as duas, que tinham abandonado a carreira, com fama, depois de terem brilhado no Teatro Maypo de Buenos Aires, no Carlos Gomes, do Rio, com a Companhia Tró-ló-ló, de Jardel Jercolis; após excursões vitoriosas pela Europa e Africa. Mary e Alba decidiram voltar e o reaparecimento em "Tô de olho", revista atualmente em cartaz no "Follies" foi be mrecebido pelo público e pela crítica. O seu feito poderá animar muitas veteranas (Mary Lincoln, Aracy Côrtes, etc.), para bem do nosso teatro

A quebra dos grilhões

VINICIUS LIMA

A corrente era forte; tinha elos de aço que tiniam quais sinos de igreja. Aço bem temperado e de ruido desigual ao barulho produzido por chocalho fabricado de sucata... Mas uma fôrça tornou-a tensa, uma fôrça colossal que se chama liberdade. A corrente quebrou-se libertando para a vida a água represada de um açude que servia a um latifúndio. Formou-se um córrego que percorrerá terras conduzindo seixos lavados pela grande permanência no caudal. Filtrando areias finas, tabatinga e tijuca, escorre a água livre, murmurando pelos obstáculos, vencendo-os, formando um leito que afundará o solo, um leito que será um caminho definito para aquelas águas, aquelas águas livres, outrora represadas. Não deterão. Prosseguirão céleres para o destino. Todo rio corre para o mar; êsse igarapé também terá um objetivo, o objetivo lógico de seu curso livre, a sabedoria, o engrandecimento das letras brasileiras!

•

A Academia Paraense de Letras quebrou um velho e arraigado preconceito incluindo a poetisa Adalcinda entre os seus "Imortais". Nada mais acertado poderia ter feito De Campos Ribeiro, desta feita. Nada mais justo que incluir a escritora entre os acadêmicos de minha terra.

Adalcina é uma poetisa de verdade. Seus versos parodiam as corredeiras, formando um paralelo com a imagem que iniciou esta crônica. Sua vida apenas diferencia-se porque, sendo um rio de maiores proporções, sempre provocou pororocas. Pororocas que faziam desaparecer os barrancos, pororocas que inundavam as margens não muito profundas. E nunca conduziu lama.

Muita vez uma corrente, pelo seu volume dágua, conduz casualmente os detritos. Mas em compensação, em cada enseada ou curva sobressai uma correnteza onde a água é cor das esmeraldas, reflete imagens, narcisismo por parte dos galhos que se olham no espelho liquido. Adalcinda jamais pertenceu a ela própria. Sua inclusão entre os "imortais" confirma isso. Ela simboliza uma quebra dos grilhões que tolheu gerações inteiras. Ela, agora, representa o início de uma época, o reconhecimento de uma pretensão justa, uma pretensão que somente agora as mulheres conseguiram tornar realidade.

Adalcinda nasceu em Santarém, cidade paraense do Baixo-Amazonas que fica na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. Santarém parece uma princesa das épocas medievais disputada por dois cavaleiros andantes. Cada mareta do Amzonas suja as águas do Tapajós,

Esses rios parecem representar dois extremos da vida. Límpido, o Tapajós, qual um anão sacode o Golias. Límpido afogenta a lama do mais caudaloso rio do Mundo. Luta, é um dos extremos como na literatura. Representa o belo. O Amazonas, o fabuloso e imundo, a vida, a traição nos bancos de areia onde os barcos encalham. O Tapajós é profundo, sem arrecifes e escolhos.

Bruno de Menezes deve estar radiante. Nos seus setenta anos viu assaí sem mistura de abacaba. Georgenor Franco, o M. Dely paraense, terá inspirações mais fortes sentindo a graça feminina ao seu lado. E Adalcinda, qual uma roseira num jardim de cactus que também produzem flores, sentirá a sua presença como se fora uma nova mistura que vem melhor integrar a palavra liberdade. Confundirá com o seu talento os fatos e as lendas.

E como paraense me orgulho dessa atitude digna dos meus conterrâneos; como paraense me orgulho dessa quebra de preconceito, dessa quebra inolvidavel de grilhões.



Bette Davies

DUAS NOTAS DE HOLLYWOOD

UM ANO MAU PARA BETTE DAVIES

PARECE que sua despedida da Warner tem custado caro a Bette Davies. Considera-se que a última película , "Beyond the Forest", que fizera com êste estúdio, onde estivera tantos anos, foi para a atriz um dos seus mais discutidos trabalhos.

Explicamos: No mesmo dia em que Bette se apresentou à Côrte para solicitar o divórcio de seu terceiro marido, William Grant Sherry, a Legião Nacional da Decência condenou "Beyond the Forest", impedindo com isso que 26.000.000 de norte-americanos vissem o filme. Entretanto, os críticos parecem de acordo em relação ao fracasso artístico de "Beyond the Forest". Consideram mesmo a pior película da referida "estrela". E como se isto não bastasse, a igreja também apresentou restrições contra o argumento. Declarou que se tratava de uma "história sordida" e que é narrada de maneira ofensiva à moral.

O que mais surpreende ao público em geral, todavia, é a maquillage usada por Bette nesse filme. Usa uma cabeleira postiça preta, que se parece com qualquer coisa, menos com cabelo natural, e seu papel é o de uma pessoa nada normal...

A personagem que ela representa é de uma jovem esposa que engana o marido, assassina seu leal amante e mata impiedosamente seu próprio filho antes de nascer! Fora da maquillage, teve que suportar o papel mais antipático de sua carreira, e depois de tantas coisas más em 1949... é de se esperar que 1950 seja um ano menos mau para Bette Davies!

(Conclui na pág. 63)



COM o mês de março surge o que se considera a «temporada verdadeira de teatro». Estamos, portanto, na melhor época para o artista e para o público espectador, sem o amargor do calor, afastados dos tradicionais festejos carnavalescos, numa ocasião em que os veranistas regressam aos seus lares, felizes.

Eis o momento exato de começar! E, quase a um só tempo, todos os teatros começam a abrir suas portas e os cartazes, anunciando os grandes espetáculos, são fixados nas fachadas das casas destinadas à arte de representar.

O gênero que verdadeiramente tem se feito anunciar tem sido o de revista. Inicialmente são três as companhias que vão dedicar-se ao gênero mencionado. O teatro João Caetano onde se vai encenar a revista de J. Maia e Max Nunes, intitulada «Bonde do Catete», tem sido pródigo em propaganda. Por outro lado, o empresário Hélio Ribeiro

OS TEAT RO

da Silva sentiu-se à vontade para fazer uma aventura e resolveu formar uma companhia de revista, deslocando do gênero comédia a consagrada estrela Bibi Ferreira. O conjunto do teatro João Caetano que marcou sua estréia para o dia 3 do corrente, tem à frente o famoso cômico Colé; a «aventura» de Hélio Ribeiro da Silva tem como figura principal na direção o nosso conhecido e experimentado homem de teatro — Chianca de Garcia. A revista a ser apresentada no teatro Carlos Gomes recebeu as chancelas de Hélio Ribeiro da Silva e Chianca de Garcia e intitula-se «Escândalos 1950».

Ao escrevermos esta crônica já estamos perfeitamente conhecedores da formação de um outro conjunto teatral destinado à revista. Trata-se de uma organização orientada por Walter Pinto que apresenta a atriz Dercy Gonçalves na revista a ser brevemente estreada no Teatro Recreio, denominada «Nega maluca».

Nos três conjuntos em evidência, destinados aos espetáculos musicados, as credenciais são as melhores possíveis. No Teatro João Caetano há uma verdadeira concentração de artistas de primeira grandeza; por outro lado, no teatro Carlos Gomes os elementos são rigorosamente escolhidos, falando-se até em bailarinos argentinos; no teatro Recreio, estamos certos, a mão de Walter Pinto saberá escolher artistas de conformidade com a vontade do público que tanto tem aplaudido o empresário herdeiro de um venerado amigo do teatro.

Maria Della Costa que apresentará um propalado drama, «O poço», no Estado de São Paulo e que nos promete espetáculos para breve

É mister não esquecer que na data em que estamos escrevendo estas linhas está sendo estreado no Teatrinho «Folies», em Copacabana, a revista «Tô de Olho», de autoria de Jorge Murad e Mary Daniel, apresentado como artista cômico principal Badú.

No momento, o Teatro Jardel encontra-se sem companhia. Mas já estamos informados que dentro de poucos dias Geisa Boscoli, o empresário que tem feito «miséria» dentro de «uma caixa de fósforos», irá apresentar uma esfuziante revista tendo como figuras de proa — Alvarenga e Ranchinho.

Assim poderá o apreciador de teatro analizar êsta espécie de «avalanche» para o gênero revista. E pensar que há pouco todos acreditavam que o teatro musicado estava morto. O teatro, seja em que gênero fôr, jamais morrerá. Desaparecem, isto sim, os céticos, os incompetentes. Sim, porque a Arte é eterna e as ocorrências se repetem mais cedo ou mais tarde.

Falemos do teatro de comédia. No dia 3 de março, Eva Todor, sob a direção de Luiz Iglesias e acompanhada por seus artistas, levará à cena a comédia de Dario Nicodemi, «A felicidade vem depois», título que substitue «La maestrina», do original famoso desde muitos anos. Luiz Iglesias está disposto a fazer uma bela temporada no teatro Serrador, escolhendo com especial cuidado o seu repertório, pois terá que seguir para Portugal no fim deste ano, onde vai cumprir interessante contrato.

Foi estreada a peça de Nelson Rodrigues — «Dorotéia». Trata-se de uma peça diferente das de todas que o autor tem escrito até hoje. No elênco se encontram nomes de reconhecido valor, tais como o de Luiza Barreto Leite, como intérprete e Z. Ziembinski, como diretor responsavel. O espetáculo vem sendo carinhosamente preparado e será apresentado no Teatro Fenix, salientando-se no empreendimento a estréia de certos elementos que ainda não atuaram em nossos palcos e que segundo muitas opiniões prometem verdadeiras vitórias, principalmente o nome de Eleonor Bruno.

Outro falado espetáculo está sendo dado. Trata-se de um original do escritor Henrique Pongetti, denominado «Amanhã, se não chover» que será encenado no teatro «Copacabana», dirigido também por Ziembinski e vivido por essa primorosa atriz Tônia Carrero, e por Paulo Autran, Vera Nunes e Armando Couto.

Ainda no mês de março teremos no teatro Regina uma famosa peça de Alejandro Casona. A muito elogiada «As árvores morrem de pé», numa elevada tradução de Waldemar de Oliveira e que terá a direção hábil de Dulra

(CONCLUE NA PÁGINA 60)

ROS ABREM SUAS PORTAS...

LUCIO FIUZA

Inah D'Avilla e Gualter Silva famosos sapateadores que representarão na revista «Bonde do Catete», no teatro João Caetano



Eis aqui três artistas de primeira grandeza: Bibi Ferreira e Belmira de Almeida que vão enfrentar o gênero revista, no teatro Carlos Gomes, e Delorges Caminha, que irá dirigir a companhia de Alda Garrido.



ALCEU BOCCHINO E O CONCEITO QUE DELE FORMOU FLORENT SCHMITT

De HESTIA BARROSO

Os frequentadores de concêrtos e os ouvintes da rádio Mayrink Veiga conhecem a sensibilidade de Alceu Bocchino pois esta surge evidente em suas interpretações. Ignoram, entretanto, as possibilidades e o valôr daquele rapaz loiro, de atitudes modestas que prefere aparecer como acompanhador de solistas ou fazer orquestrações, para outros figurarem em primeiro plano

Apesar do nome e do tipo sugerirem origem estrangeira, é bem brasileiro e disso se orgulha. A primeira vez que teve contacto com o público, tinha apenas cinco anos e dêle se ocupou a imprensa, cercando seu nome de elogios. Daí por diante nunca mais deixou de dedicar o melhor de seu tempo ao estudo do piano, mesmo quando, já rapazinho, fez seu curso na Faculdade de Direito. Compreendendo que o espirito do músico se pode lançar em vôos mais altos quando apoiado em cultura mais generalizada, não se diplomou para mudar a rota enveredada em tão tenra idade ou pela vaidade de adquirir o titulo de «doutor», do qual não faz uso, mas para servir, como maior grandeza à arte pela qual se deixou dominar.

Espirito sonhador, ainda de calças curtas, quando outros se preoucupam com a partida de football, marcada com os companheiros, já se dedicava à composição, escrevendo páginas como «Tema de um relógio», encanto de objetividade descritiva, a qual continua a merecer elogios, por parte dos criticos mais severos.

Como elemento precioso junto a concertistas os mais afamados Bocchino tem percorrido o Brasil de Norte a Sul, colhendo também assinalado triunfo quando se exibindo como solista. Entre os muitos artistas com os quais viajou estão Tito Schipa, Norka Rouskaya, Norina Grecco, Rosina da Rimini, Attilio Ranzato, Alice Ribeiro, Tomaz Alcaide e outros.

Quando aqui esteve, há alguns anos o Conde Jean Beaussack, ex-redator do «Paris-Soir», após ouvir as produções do jovem brasileiro, quis levá-lo em tournée pelo Chile, Argentina e América do Norte, o mesmo tendo acontecido, em 1941, com o famoso Schipa, de quem recebeu magnifica proposta para se tornar seu acompanhador exclusivo. A guerra e compromissos anteriores impediram fossem realizadas essas «tournées». Sim, porque Bocchino é também emérito professor, tendo já tido, sob sua responsabilidade, a cátedra de canto orfeônico no Conservatório Musical de Santos, quando na direção do mesmo, se achava a grande pianista Antonieta Rudge Muller e de «Transporte e acompanhamento ao piano» e «Leitura à primeira vista», na Escola de Belas Artes do Paraná. Aqui, ainda no ano passado, foi chamado a fazer parte da banca examinadora do concurso efetuado na E. N. de Música, para provimento da cadeira de piano, quando foi vencedora a candidata Iolanda Ferreira. Recentemente foi alvo de igual distinção, tendo vivamente impressionado a assistência pelos conhecimentos demonstrados durante a arguição da tese apresentada por Santino Parpinelli, para a docência de violino.

Conhecida é a exigência de Florent Schmitt, quanto à interpretação de suas composições, o que é plenamente justificável por se tratar figura das mais respectivas da intelectualidade francesa. É presidente da Academia de Música Francesa e critico musical dos mais respeitados. Aqui chegando, como hóspede de nosso govêrno, para dar a conhecer sua música, perguntou a Villa-Lobos, referindo-se a Bocchino: — «Le pianiste, jone-t-il toutes les notes?»

Apesar da confiança que lhe deveria inspirar a indicação feita pelo amigo de longos anos, exigiu um ensaio, para ter uma impressão pessoal... Chegado o dia da audição, diante dos que o iam cumprimentar, não hesitou em dizer: — «Il joue mieux que les meilleurs accompagnateurs de Paris!» e, confirmando a magnifica impressão deixada pela capacidade de nosso jovem patricio, ofertou-lhe um programa no qual, após haver grifado o nome de Alceu Bocchino, escreveu: «excellent musicien quoique pianiste remarquable», fazendo seguir seu autógrafo.



Alceu Bocchino

É, porém, no terreno da composição que Bocchino tem suas maiores possibilidades. Convidado a apresentar seus trabalhos à «1ª Exposição de Música Erudita e Folklorica» e reconhecido o mérito dêstes, o público se mostrou igualmente contagiado pela inspiração do artista, quando da audição efetuada no salão Leopoldo Miguez.

Sua «Dança Brasileira», para violoncelo e piano, obedecendo a ritmo assaz dificil de ser vencido, mereceu de parte do concertista Edmund Kurtz a inclusão em um de seus programas, ultimamente, em Paris.

Bocchino é um apaixonado por sua arte, por isso, nunca se impacienta quando é levado a repetidos ensaios a fim de se ajustar ao temperamento do solista e penetrar o verdadeiro sentido da página a interpretar. Seu coração, como de todo verdadeiro artista, é generoso. É sempre com visivel emoção que se refere ao professor João Pocck, de quem recebeu as primeiras aulas eficientes.

A convite da Comissão Artistica do Teatro Municipal, este ano, deverá dar a conhecer ao público, naquela casa de espetáculos, algumas de suas produções. E o sucesso dessa audição, certamente, será igualado ao de tantas outras vezes em que o jovem patricio tem aparecido como compositor.

DIGESTÃO DIFICIL que produz sono...



O senhor fica sonolento depois das refeições? Isso é sintoma de uma digestão pouco normal. Convem nesse caso tomar uma dose de SAL DE UVAS PICOT em meio copo de água. Altamente digestivo, tira o peso do estômago e alivia a cabeça.

SAL DE UVAS PICOT

REFRESCANTE E GOSTOSO



EM VIDROS DE 3 TAMANHOS

DIGESTIVO LAXANTE ANTIACIDO

REFRESCANTE · ESTOMACAL · SABOROSO



José Vasconcelos — Senhor de uma verve inesgotável, criador e imitador de tipos, com sua arte muito pessoal. Surgiu de um programa de Renato Murce.



Nilza Magrassi, uma das intelectuais do rádio, brilhante figura de teatro e cinema. Revelou-se num programa para calouros.



Luiz Gonzaga, uma das mais sensacionais descobertas de Renato Murce e criador das mais belas melodias que correm o Brasil inteiro. Sanfoneiro eximio.

CALOUROS DE HOJE, "ASTROS" DE AMANHÃ

Despretenciosas considerações de um ouvinte — Um pouquinho de psicologia

Por H. D. C.

QUANDO o calouro enfrenta, pela primeira vês, o microfone, olha para tôda aquela gente que está no auditório e multiplica-a por mutias vêzes. Êle não pensa que os não presentes são muito mais. E por um fenômeno psíquico, a que não pode escapar, a sua capacidade de resistência mental diminui, diminuindo, consequentemente, as suas aptidões artisticas. Não digam que há calouros indiferentes à platéia. Só os inconscientes. Há veteranos que nunca venceram a timidez. Êsse estado psicológico é mais do indivíduo do que do artista. A diferença está em que o artista profissional sente nêsse quase temor uma solicitação de maior apuro, um acúleo aos seus dotes artitsicos. Com o calouro, porém, se dá o diametralmente oposto. Manifesta-se-lhe, de modo incoerível, a dúvida perturbadora. E é preciso ter muita resistência mental para não prejudicar a habilidade artística

Ouvimos, muito a meúde, dos organizadores ou condutores de programas de calouros essa frase, depois de exibido o número:

— «É pena, foi prejudicado pelos seus nervos.

Ou:

— «Para outra vês deverá estar mais calmo». Simples prêmio de consolação à bravura de enfrentar um auditório de diversa mescla social. Os frequentadores de estações emissôras manifestam-se sempre de maneira demasiadamente ruidosa...

Certa vês ouvimos o locutor, muito irritado, dirigindo-se à platéia:

— «Eu peço aos meus amigos que se manifestem de forma mais educada»...

Imaginem o que acontecia.

(Continua na página 62)



Outra descoberta: Adelaide Chioso, a graciosa acordeonista. Agora mesmo fez grande sucesso num film nacional. Sabe também, e bem, movimentar-se em cena.



Juanita Castillo, grande intérprete das músicas espanholas, também descoberta em programas para calouros



Alexandre Dumas

Texto de FERDINAND FABRE

EM quatro de novembro de 1854, à noite, houve um grande reboliço em tôrno do teatro do Odeon. Raras pessoas das que haviam podido introduzir-se na véspera durante o ensaio geral da peça "La Consciense", um novo drama em seis atos de Alexandre Dumas, afirmavam que, dentro de poucos momentos Laferrière ia ser soberbo no papel de Edouard Ruhberg, e que o sucesso da peça ia ser grande. Estudantes e homens de letras, todos nós quiseramos assistir a essa "première", que nos mantinha fora das cervejarias e que trazia o "quartier" sobreexcitado. Infelizmente, antes de penetrar na sala era indispensável contar certo número de moedas e entregá-las à pessoa que vendia os bilhetes e para a maioria de nós essas moedas eram muito escassas. Que fazer? Em grupos de três e quatro, nós íamos e vinhamos através das galerias, ruidosos e alegres, apesar de nossa desdita cruel, procurando escarnecer dos bons burgueses que se comprimiam em filas diante da barreira e que, fazendo uso de suas bolsas bem atopechadas, iam gozar do espetáculo que seria representado a poucos passos de nós.

— Oh... Esse boticário com a sua demoiselle!...

— Senhor Purgon, estão esperando-o na farmácia!...

— Corre de pressa! E' o doutor Machin que administra uma pílula à sua senhora!...

Entretanto, os "guichets" haviam sido abertos e a multidão que aguardava o momento, desaparecia para o interior do teatro. Às oito em ponto, quando, segundo o cartaz, se devia levantar a cortina, os companheiros, desencorajados, — haviam contado com amigos que não vinham — afastaram-se. Dentro em pouco, por sucessivas deserções, não formavamos mais que um grupo de cinco, vagando, da Livraria Masgana à livraria de Mme. Gaut, abrindo um livro aqui e acolá, depois devolvendo-o ao seu lugar, sem ler uma linha, ociosos, aborrecidos e moidos.

Por que essa espera obstinada? Queríamos saber a sorte da peça; depois, quem sabia se antes do sexto ato não conseguiríamos comprar entradas a preços reduzidos?

Essa esperança de que o espetáculo não terminaria sem que nós não obtivéssemos o nosso quinhão — revirados os bolsos, nós cinco somaríamos dez francos, — havia sustentado a nossa coragem; e com um passo menos pesado, regressávamos à livraria Tarride, ao encontro de um rapagão jovial com o qual trocáramos algumas palavras alegres, quando um carro parou no meio da calçada e um homem de alta estatura, uma espécie de gigante, apareceu sob as galerias.

— Viva Dumas! — gritou dm dentre nós.

— Viva Dumas! — repetimos todos em côro.

Êle parou nos contemplando.

— Estou comovido, meus filhos; fico muito comovido. Mas que diabo fazem vocês aí? Em vez de aclamar-me na rua, preferiria vê-los aplaudindo a minha peça na sala.

— E' que... senhor Dumas. E' que... — Balbuciei eu.

— Estão sem dinheiro?

— Eis aí...

— Conheço isso...

E com uma pernada, dirigindo-se para a porta da diretoria, falou num gesto largo:

— O teatro devia ser gratuito para a mocidade... Ah! Se eu fôsse rico!... Entrem, meus filhos.

E' fácil de se adivinhar o nosso espanto. Para mim, pobre montanhês dos Cévennes, tímido em excesso, subindo a escada, não me refazia da surpresa de ter ousado falar a Alexandre Dumas, sem mais nem menos, sem me ter dado ao trabalho de preparar uma frase. Mas também êle era de uma simplicidade que nos punha fàcilmente à vontade e tinha uma bonhomia tão amável e sorridente!

Não sei quantos corredores escuros percorremos seguindo os passos dêsse guia glorioso. Por intervalos, uma abertura invisível deixava escorrer sôbre o soalho alguma réstea de luz e o ruido da sala, esfervilhante como uma imensa colmeia, chegava até nós. Ó sorte! O espetáculo ainda não tinha começado.

Finalmente, desembocamos num amplo círculo, em que os meus olhos, subitamente deslumbrados, pareciam sentir excesso de luz. Como o havia feito sob as galerias, Dumas, mostrando-nos uma entrada profunda que não era protegida por nenhum obstáculo, disse. "Entrem". Mas um homem encolhido sôbre um tamborete ergueu-se incontinenti e nos barrou a passagem.

— Seus bilhetes? — indagou.

— Não há bilhetes, respondeu Dumas, e recomendo-lhe colocar bem êsses rapazes. Sou eu quem paga a festa de hoje.

★

Ser-me-ia difícil aventurar a menor palavra a propósito dessa primeira representação de "La Conscience". O espetáculo, para mim, não era no palco, mas foi todo inteiro no camarote, onde, depois de alguns instantes, Alexandre Dumas acabava de tomar acento com alguns amigos. Ver êsse romancista, célebre entre todos, cujos livros maravilhosos me haviam encantado, me havia arrebatado na solidão dos Cévennes natais, bastava-me. Eu não tinha necessidade de outro espetáculo, além do espetáculo dessa possante cabeça alegre, onde o gnio me parecia visível. E, como inteiramente transtornado, sentia-me incapaz de admirar o homem, ouvir-lhe a obra e dela nada compreendi. Certamente que há um pouco de loucura nesses entusiasmos excessivos da juventude. Mas, entre os artistas de todas as artes, se existem os que não tenham conhecido essa loucura feliz, essa loucura sagrada, que ousem levantar as mãos. A alma entumece-se na proporção da al-

(CONCLUE NA PÁGINA 56)

FIGURAS NOTAVEIS

HECTOR BERLIOZ

BRANCA DE CASTRO

ENTRE as mais notáveis figuras da Música que, no passado, inscreveram seus nomes nas tábuas da imortalidade, está a de Hector Berlioz, compositor de obras imperecíveis que chegaram aos nossos dias como mensagens harmoniosas de seu talento e de sua alma de artista verdadeiro.

Hector Berlioz nasceu em um ponto da França em 1803, decerto em berço obscuro, pois seus biógrafos não fazem referências à sua família.

Devia, porém, ter sido uma criança de inteligência clara e de pendores artísticos muito acentuados que alguém aproveitou com êxito, pois já em 1830, com vinte e sete anos de idade, Berlioz alcançou sua grande e primeira vitória artística, conquistando o grande "Prêmio de Roma", destinado a compositores, com uma grandiosa peça (cantata) composta sôbre "A morte de Sardanapalo" de Lord Byron, sua figura central.

Paupérrimo estudante estrangeiro no grande centro consagrador da Itália, a vitória de Berlioz foi considerada como "estrondosa", e seus resultados financeiros deveriam solucionar-lhe os problemas dificílimos da "casa" e da "alimentação", pelo menos por uns três anos, tendo em vista o carater moderado do rapaz que sempre se mostrou avesso a aventuras amorosas e a esturdias com companheiros de mocidade, mas Berlioz era francês até à medula, não sabendo viver, sem sacrifício, longe de seus boulevards parisienses, de seus ambientes de atristas, e das paisagens coloridas do Sena, e assim, apenas três meses depois de seu êxito, aproveitou a oportunidade para regressar à pátria, tão saudoso dela se encontrava.

Na verdade, não era só a saudade da França que obrigou Berlioz a deixar a Itália, onde começava a ter fama, porque um outro sentimento muito poderoso o impelira a voltar — o seu amor profundo e sincero pela linda e famosa atriz dramática, Henriqueta Smithson, uma jovem irlandesa de grande talento que era consagrada intérprete das tragédias de Schakespeare, que êle conhecera ainda antes de partir para Roma.

Berlioz era, porém, como todos os predestinados para a imortalidade, uma criatura nascida para ser infeliz.

Em 1833 conseguiu realizar seu ideal de ventura casando-se com a bela e amorosa Henriqueta. Ambos eram pobres e honestos, contando, apenas, com os proventos de suas lides artísticas para manterem um lar tranquilo e feliz, porém, mal podiam imaginar como duraria pouco essa felicidade, pois, pouco tempo depois de casados, Henriqueta foi vítima de um desastre que, para sempre, a inutilizou para a arte de representar, e o músico viu-se, sózinho, para lutar, sem base certa, pela manutenção da casa e da adorada enferma.

Nessa ocasião Berlioz havia composto mais uma obra musical de grande valor — "Episódios da vida de um artista", que o grande Paganini, de público, considerou superior ao seu próprio trabalho — "O Carnaval de Veneza".

O público, porém, não compreendeu toda a beleza dessa obra e sua apresentação foi um insucesso. Para não morrer de miséria, Berlioz viu-se obrigado a voltar a exercer suas pimitivas funções de crítico musical, mister que acabou exercendo por espaço de vinte e seis anos.

Mais tarde, foi nomeado bibliotecário do Conservatório de Música de Paris.

Sempre lutando com grandes dificuldades financeiras, pois, os rendimentos de seus trabalhos nos dois empregos que tinha eram, lamentàvelmente, parcos, Berlioz, satisfazendo os imperativos de sua sensibilidade criadora de belezas musicais, e procurando meios de que nada faltasse à espôsa adorada e incapaz de mover-se, não deixava de compôr, aproveitando todas as horas que lhe sobravam de suas ocupações quotidianas, e foi nesse período angustioso de sua vida que êle escreveu um punhado de suas melhores obras, que foram as páginas românticas de "Harold na Itália", "Romeu e Julieta", a bela ópera "Benevenuto Celini" e o famoso "Requiem" com que homenageou os heróicos soldados franceses, mortos nas batalhas da Argélia.

Mais um doloroso golpe lhe reservava a má sorte, pois, em 1840, viu morrer em seus braços, sem nada mais poder fazer para salvá-la, a sua muito amada Henriqueta, e o seu drama sentimental, que quase o levou à loucura pela inconformação com a perda da companheira querida coincidiu com os primeiros êxitos do alemão Roberto Schumann como regente de suas composições, que se constituira o paladino do grande e quase incógnito Berlioz, divulgando suas obras

(CONCLUE NA PÁGINA 56)

APRENDA PRATICAMENTE
RÁDIO
TELEVISÃO
E
CINEMA SONORO



Sem sair de sua casa e aproveitando uns poucos minutos das suas horas de folga: dentro de pouco tempo V. S. estará perfeitamente capacitado para

MONTAR E CONSERTAR APARELHOS DE RÁDIO, DE TELEVISÃO, AMPLIFICADORES, EQUIPOS DE CINEMA SONÓRO, DE RADAR, etc.

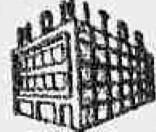
V. S. poderá montar êste magnífico receptor de 7 válvulas para ondas curtas e longas.

O nosso moderníssimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradável e fàcilmente compreensível. Para o seu treinamento prático lhe forneceremos, inteiramente grátis, um jôgo completo de ferramentas, aparêlho de laboratório e peças para experiências.



Ser-lhe-á enviado gratuitamente um jogo completo de ferramentas.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: CINCO MESES
MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS



EDIFÍCIO MONITOR
Sede própria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência.
FUNDADA EM 1939

Este é o curso mais eficiente, rápido e prático, pois V. S. mesmo sem nenhum conhecimento prévio, ficará habilitado em poucas semanas, a ganhar com biscates, muito mais que o custo dos seus estudos.

Decida seu futuro, enviando hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.

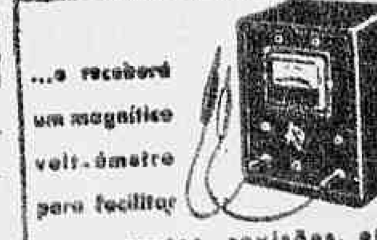


Receberá de graça os acessórios para construir muitos aparelhos de experiência.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR
RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - S. PAULO

Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis o seu folheto, como ganhar dinheiro no RÁDIO e na TELEVISÃO! R-030

NOME .... N. ....
RUA ....
CIDADE ....
ESTADO .... E. ....



...e receberá um magnífico volt-ômetro para facilitar os consertos, revisões, etc.

NOVIDADES, BOATOS E MEXERICOS DE HOLLYWOOD

Por MARIA GERTRUDES

NÃO é atôa que Clark Gable cora toda vez que alguem fala no seu passado cinematográfico. O grande ator não gosta nem de se lembrar da sua estréia no cinema... Há vinte anos que Clark realizou o seu primeiro "test" cinematográfico — de sarong e com uma flor vermelha atrás da orelha...

*

Os William Gargan são considerados como um dos casais mais felizes de Hollywood. Talvez o hábito de renovarem seus votos matrimoniais de 5 em 5 anos muito tenha contribuido para isso. Estão casados há vinte anos e já se "casaram" quatro vezes relembrando e avivando, dessa maneira, os sagrados laços que os unem.

*

As crônicas cinematográficas publicaram, no outro dia, uma nota em que se anunciava que Ethel Barrymore fôra assistir "Pinky", violando, assim, pela primeira vez, uma das regras que governam a sua vida, isto é, nunca assistir a um filme em que toma parte. A notícia porém, não foi exata, pois a grande Barrymore quebrou pela primeira vez essa "lei" quando compareceu à premiéere de "Night Song", há dois anos, e onde tinha um dos principais papeis. Isso deve-se ao fato dela querer verificar se seu gato, Ethel Barrymore III, que tambem atuava no filme, se portara à altura da tradição Barrymore!

*

Hollywood ficou surpreso ao saber da briga de Marlene Dietrich com o famoso desenhista e modista parisiense Christian Dior. Marlene é considerada uma das atrizes de melhor gênio e com quem é agradável trabalhar, pois está sempre pronta a cooperar e a conciliar os multiplos interesses surgidos durante uma filmagem.

O incidente, que causou a briga, deu-se durante a filmagem, na Inglaterra, de "Stage Fright". Segundo testemunhas, tudo começou quando Dior, que fôra contratado para criar e executar o guarda-roupa de Jane Wyman e Marlene, insistiu que esta última usasse vestidos tão compridos que escondiam as suas formosissimas pernas...

*

Apesar dos inúmeros e firmes desmentidos continuam a circular na capital cinematográfica, os rumores de que nem tudo é um mar de rosas na vida de Rita Hayworth e seu principe.

E' bem possivel que os boatos, que ninguem quer perfilhar, sejam apenas invencionices de invejosos da situação única em que se encontra a atriz. Entrevistado sobre o assunto, o pai de Rita, Eduardo Cansino, famoso professor de danças, declarou que tudo corria às mil maravilhas na vida de sua filha e que apenas a atriz se sentia um pouquinho "homesick" (com saudades de casa)...

*

A pobre Valli foi realmente vitima de sua posição de estrela durante a filmagem de "The White Tower". A conhecida atriz italiana interpretou o principal papel feminino desse filme na RKO, rodado nos Alpes. Imaginem vocês o que é passar dois dias fingindo escalar um metro de rocha! E não foi tudo, depois desse tormento ainda teve que subir ou melhor engatinhar até em cima de uma chaminé!

*

Apesar de se ter retirado do cinema e abandonado a carreira cinematográfica para se dedicar inteiramente à vida privada, Janet Gaynor ainda consegue de vez em quando surpreender e causar sensação numa cidade em que impera a novidade. Recentemente, num jantar de gala oferecido por Mrs. Dollyw Walker em homenagem a Sir Charles Mandl, no meio de mulheres lindas e moças, Janet foi a "nota da noite".

Inspirado pela sua recente viagem à Africa, Adrian, o famoso desenhista e esposo de Janet, criou especialmente para ela um vestido de noite cuja seda estampada é uma replica perfeita da pele de um tigre... em Janet o vestido estava "de abafar", noutra pessoa temos as nossas dúvidas...

*

Jane Wyman e James Stewarte foram os atores escolhidos pelos fãs cinematográficos dos Estados Unidos como os melhores de 1949. Jane deve a sua escolha ao seu maravilhoso trabalho em "Belinda" e Stewart a sua atuação em "Sangue de Campeões".

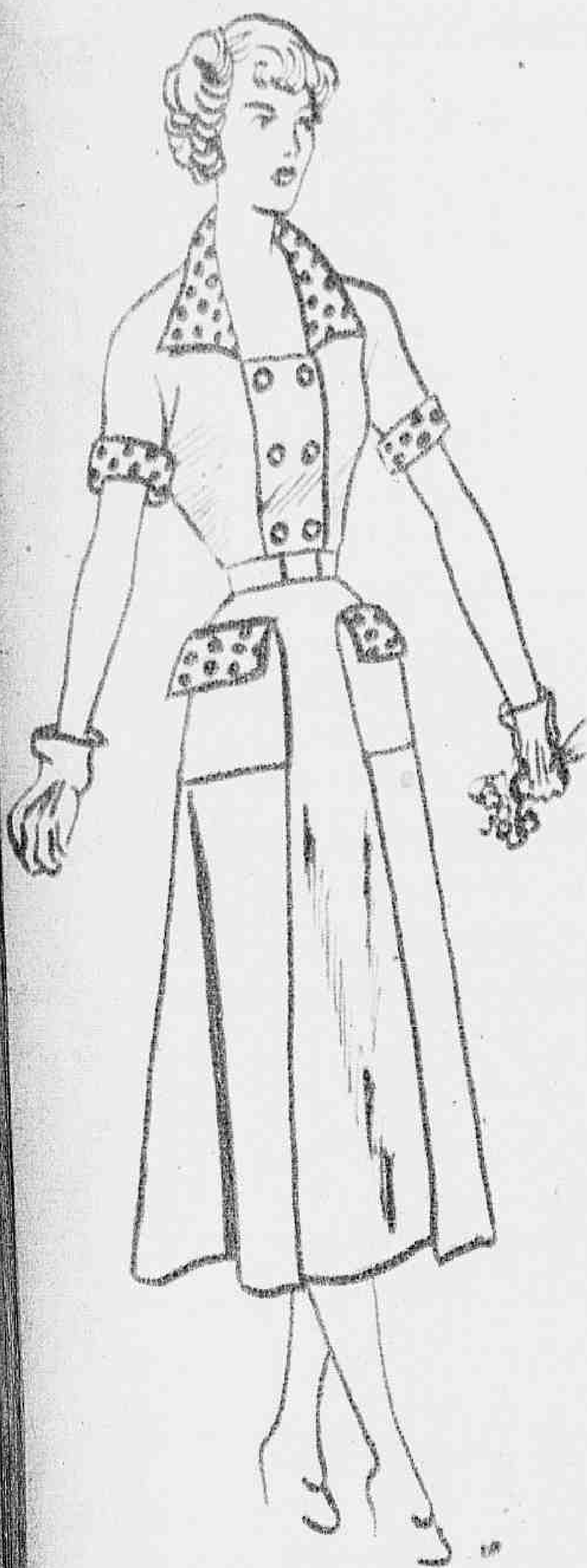
PINHEIRO, SÍMBOLO DO PARANÁ!
ANTISARDINA,
SÍMBOLO DA BELEZA
ANTISARDINA UM PRESENTE DA CIÊNCIA PARA A CÚTIS FEMININA.

EM COPACABANA

ESCOLHER um trajo praiano que seja elegante e original não é tarefa muito facil. Os figurinos não trazem grande variedade, limitam-se aos modelos corriqueiros que já estão mais do que batidos, modelos que vão dos estampados ao fustão guarnecido com bordado inglês. Uma estrêla porém pede muito mais e tem obrigação de revelar às fans as grandes novidades lançadas pelos costureiros de Hollywood. Estes por sua vez não poupam esforços para transformá-las em verdadeiras beldades, combinando tecidos, jóias, tudo o que possa contribuir para aumentar os encargos dessas fascinadoras criaturas.

Aqui vemos Marta Toren, atriz da Universal-International que aparecerá brevemente em "Deportado" com um modelo originalíssimo de algodão com aplicações formando frutas e flores tanto na saia como no "maillot". Não merece ser copiado e não fará furor em Copacabana? Claro que sim!

Esperançosa



Olhos azues



Moreninha milionária



Respostas às Leitoras

As cartas para esta seção devem ser dirigidas a Marion. Redação de CARIOCA — Praça Mauá, 7

ESPERANÇOSA. Pirassununga. Eis um modelo bonito, simples, guarnecido com seda pastilhada. Seu estudo: Espírito sociavel capaz de conquistar boas amizades e simpatias. Afeições ardentes. Quando tem uma opinião torna-se intransigente, inflexivel. E' preciso ser mais acessivel, mais docil neste sentido. Algumas lutas financeiras. E' ambiciosa e não desanima facilmente. Trate portanto de ir economizando para um futuro melhor. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 22 de dezembro e 20 de janeiro.

OLHOS AZUIS. Paraná. Muita graça empresta ao modelo esse laço de seda listrada ou xadrez. Segue o horóscopo: Você tem um temperamento afavel porém voluvel. Envolve-se em situação embaraçosas por falta de reflexão. Seja mais ponderada, porque correrá perigo. Procure encaminhar sua vida de modo mais espiritual. Você seria capaz de escrever de maneira agradavel; deve ter vocação para representar ou recitar além de vencer no comércio. Os cuidados e as fadigas podem perturbar a sua saúde e o seu sistema nervoso. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 22 de novembro e 21 de dezembro.

MORENINHA MILIONARIA. Piracicaba. Muito interessante é êsse figurino para "faille". Vejamos o estudo: Você precisa aprender a ter força de vontade e energia. Controle-se afim de não ter momentos de desânimo e para não se deixar vencer por eles. Apesar disso deseja ser independente, coisa que so poderá ser adquirindo as qualidades acima referidas. E' estudiosa e aprende com muita facilidade. Boas relações sociais, pretensões e estima. Procure viver muito ao ar livre. Sua saúde só lucrará com isso. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 23 de agosto e 23 de setembro.

A Pensativa



Esperançosa





A PENSATIVA. Rio. Muito bonito é o modelo que escolhi para você. Os corações são presos com caseados. Eis o seu estudo: Caráter sociavel, simpático. Você possui o dom de persuadir. E' tenaz e capaz de vencer na vida. Poderá contar com amigos valiosos mas também terá inimigos que poderão prejudicá-la. Talvez suas condições financeiras melhorem depois do casamento. E' possivel que venha a exercer duas profissões ao mesmo tempo. Mudança de vida de 15 em 15 anos. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 21 de junho e 21 de julho, 23 de outubro e 21 de novembro.

ESPERANÇOSA. Rio. Seu costume de linho ficará encantador se for bordado, caseados e "pois", em azul marinho. Acho que sendo assim tão leve, as mangas curtas são mais indicadas. Sem a data do nascimento nada posso dizer sôbre o horóscopo.

•

Duas peças — a blusa chemisier branca, de longas mangas, pregueada na frente, e o "corselet" em tecido escocês de cores alegres, ligeiramente franzido na saia. Uma deliciosa sugestão para os dias frescos que se aproximam

Carioca

EMPRESA A NOITE
PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS
Redação, Administração e Oficinas
Praça Mauá, 7-3.º and. - Tel. 23-1910
Rio de Janeiro — Brasil

★

Diretor — HEITOR MONIZ
Gerente — ALMERIO RAMOS

★

Número avulso:
EM TODO O BRASIL .. Cr$ 1,50
ASSINATURAS:
Para o Brasil, países das Américas, Espanha, Portugal e Colônias
12 meses .... Cr$ 70,00
6 meses .... Cr$ 40,00
OUTROS PAÍSES
12 meses .... Cr$ 145,00
6 meses .... Cr$ 100,00

Arealense Triste.

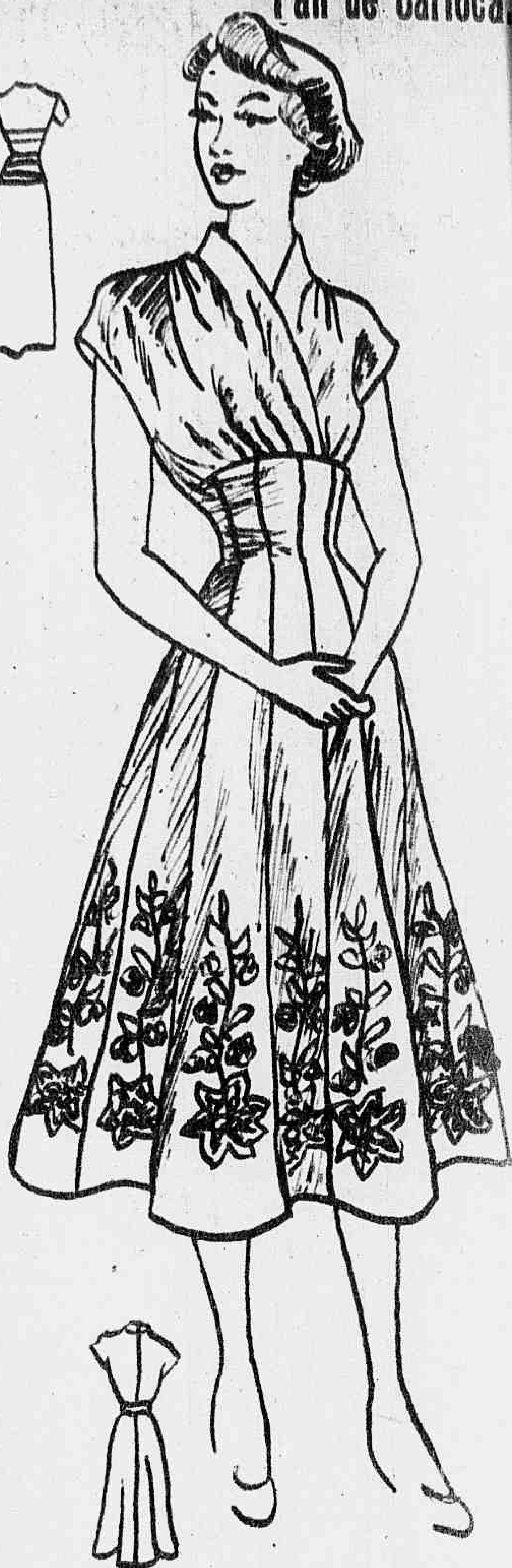


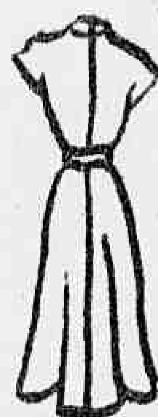
Diva.





Fan de Carioca.





AREALENSE TRISTE. Areal. A gran- de gola e os recortes da saia dão muita gância a êsse vestido. Seu estudo: Vo- é inteligente, ambiciosa e empreende- dora. Sincera e fiel quando quer bem. Não desanima facilmente. Possui um co- ão generoso capaz de julgar as coisas sem paixão. E' dotada de boa intuição e gosto artístico. Aprecia a vida social, os divertimentos, mas poderá, também, se quiser, voltar-se para coisas mais elevadas. Mudança de vida de melhor para pior e vice-versa de 8 em 8 anos. ente prazer ao ver-se cortejada nas festas que frequenta. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 21 de eiro e 19 de fevereiro, 21 de maio de junho.

DIVA. Tatuí. Enfeite o seu vestido de linho branco com viezes azuis-marinho. Seu horóscopo: Espírito independente e franco, dado a discussões e a polêmica. Terá algumas lutas na vida mas com firmeza e fôrça de vontade sairá vitoriosa. Encontrará várias ocasiões de melhorar sua situação, associando-se a pessoas influentes, valendo-se de amigos dedicados. Confia em si, é impressionavel e caritativa .Disposição sincera e enérgica, vontade bem equilibrada. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 21 de março e 19 de abril.

FAN DE CARIOCA. Sorocaba. Penso que êsse modelo corresponde ao seu pedido. Seu estudo: Inteligência e boa intuição. Terá afeições ardentes. Elevação na vida. Carater firme, ambicioso mas reconhecido aos que lhe fazem bem. Gênio um tanto violento por vezes agressivo. Deveria ter estudado pois encontraria maior facilidade para vencer. Se confiar demasiadamente nos outros sofrerá desenganos. E' esperançosa e confia no futuro. Procure levar sempre uma vida correta e harmoniosa com as pessoas que a cercam. Harmoniza-se bem com as pessoas nascidas entre 22 de março e 21 de abril. 23 de novembro e 21 de dezembro.

Para o seu RECREIO

Problema Sorocabano

VERTICAIS

1 — Palácio real ou episcopal (inv.) — Falha; quebra.

3 — Cidade da Caldéa — Regra; lei (s/a últ. letra) — Antes de Cristo.

2 — Barrete de bispo (plura).

4 — Tomateiro (inv.).

5 — Carlinga — Aragem.

6 — Sufixo que disigna o agente ou autor — Governador de algumas províncias muçulmanas.

7 — Planta da família das Bromeliáceas.

8 — Algum; certo — Planta labiada, espécie de jenipi (Plural) — Em psicanálise o substrato instintivo do psique.

9 — Inchação ou tumor das gengivas (s/a últ. letra).

10 — Tédio; enjôo — O mesmo que olmeiro.

HORIZONTAIS

1 — Orixá das águas — Comichão; cócegas.

2 — Polvilho.

3 — Instrumento agric. (inv.) — Mamifero da família dos Felídeos — Ulisses Costa.

4 — Fravga nova; antiga medida — Rio da África.

5 — Apologia — Côncavo; fundo.

6 — Deserto; descampado — Nair Alves Nogueira.

7 — Divisão; parte — Vasconço.

8 — Carta de jogar — Semelhantes — Avô de Priamo (s/a últ. letra).

9 — Zomba.

10 — Tórax; costado — Rancor.

Resultados do número anterior

Problema Ivan: Horizontais — 1 — Imo. 4 — Lar. 7 — Pólvora. 9 — Es. 10 — As. 11 — Ar. 12 — Em. 13 — Ad. 14 — Al. 16 — Lienite. 19 — Iam. 20 — Mar. Verticais — 1 — Ipe. 2 — Moradia. 3 — Ol. 4 — Lo. 5 — Aramata. 6 — Ras. 8 — Va. 13 — Ali. 14 — In. 15 — Ler. 17 — Em. 18 — Im.

Problema Ademar: Horizontais — Hálito. Eramá. Tapa. Era. Ra. Verticais — Hetera. Arara. Lapa. Imã. Te.

Problema Mona: Horizontais — Mola. Ocas. Cama. Acas. Verticais — Moca. Ocac. Lama. Asas.

Problema Vera Lúcia: Horizontais — Uaire. Em. Al. Webia. Neuro. Verticais: Newton. Ame. Rai (Raia). Elação. Bácu.

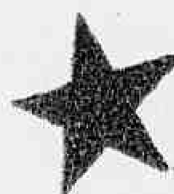
CORRESPONDÊNCIA

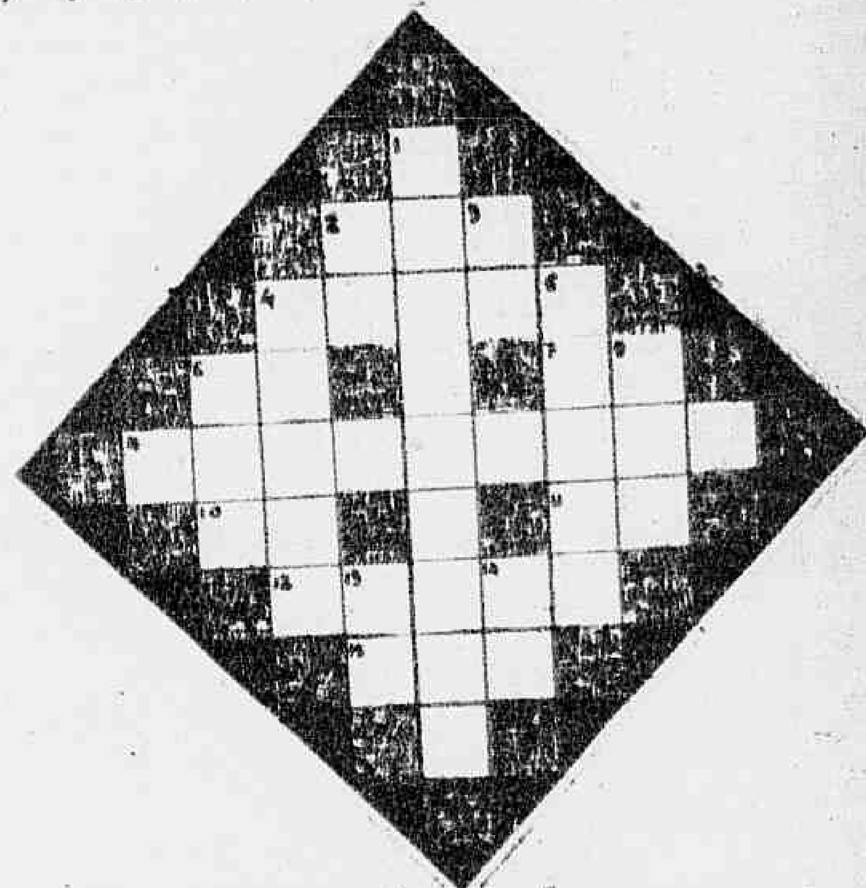
Osvaldo Hernandez Rodrigues — Sorocaba — Ótimos. Serão aproveitados. Continue que aqui estamos. Obrigado.

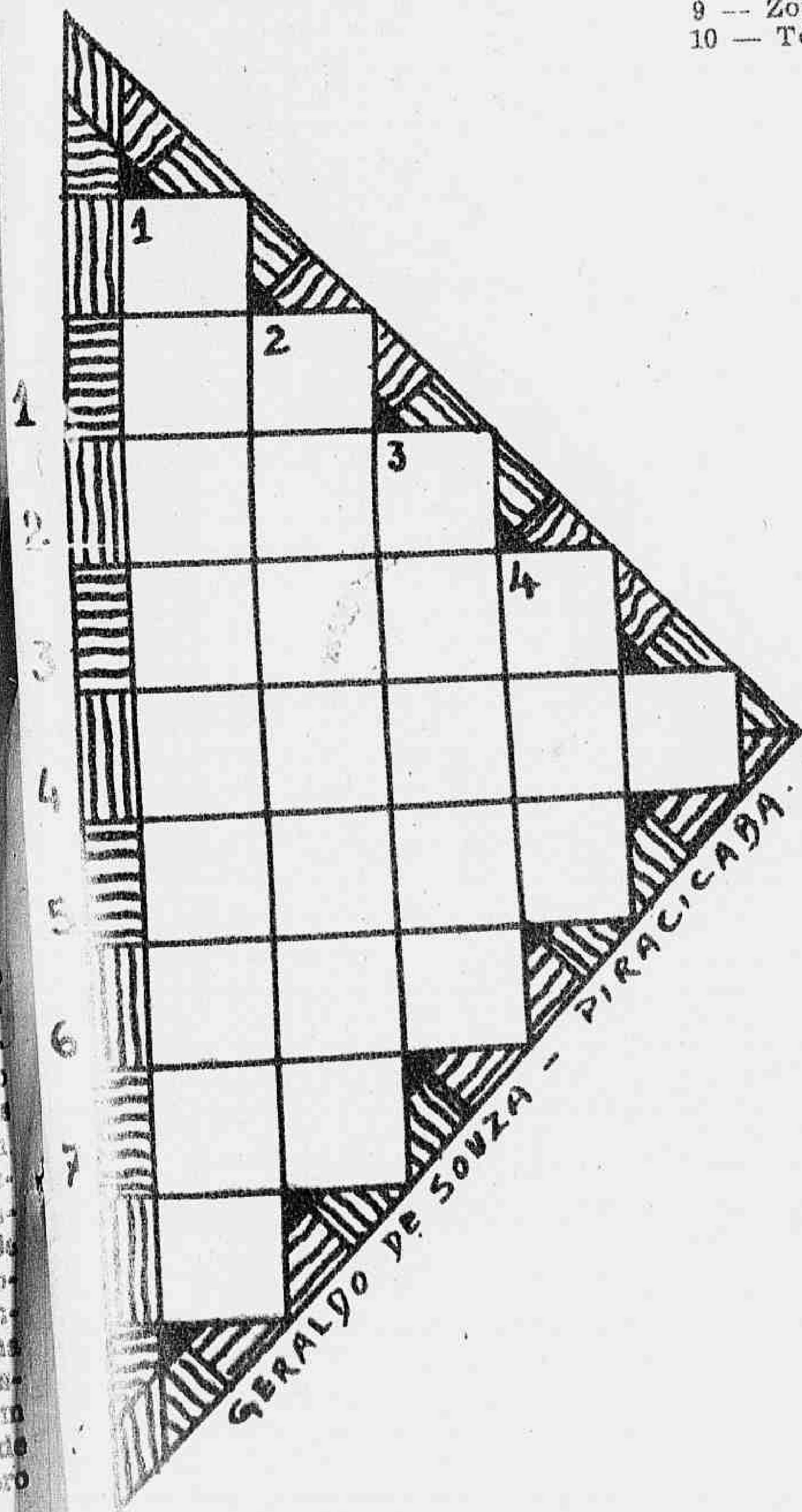
Dilo — Sorocaba — Está bom. Será publicado.

Paulo Henrique Cavalcante — Rio — Como primeiro trabalho está maravilhoso, porém a numeração das chaves não devem ser repetidas. Observe outros problemas e o seu, que breve sairá publicado.

Nair Santos — Rio — Se há facilidade de nos enviar a nanquim, será melhor.







Problema Geraldo

HORIZONTAIS

1 Forma arcáica do artigo «o».

2 Pessoas que exerce poder absoluto.

3 Coruta.

4 Bolso.

5 Planta da família das Ninfeáceas.

6 Jaculatória da liturgia da macumba.

7 Em a.

VERTICAIS

1 Tecido usado em encadernações.

2 Mancha branca na córnea transparente.

3 Toma como modêlo.

4 Fama.

Problema Isabel

HORIZONTAIS

2 — Singular, único em seu gênero e espécie.

4 — Acredite.

6 — Espécie de estorrinho.

7 — Igreja episcopal.

9 — O mesmo que vermelho.

10 — Aparência.

11 — Contração.

12 — Caminhas.

15 — Tira de pano sôbre que se ajustam os punhos.

VERTICAIS

1 — Engodado, seduzido — pl.

2 — Pátria de Abraão.

3 — Ditongo.

4 — Receber, readquirir.

5 — Ângulo formado por duas barras que se afastam inferiormente.

6 — Haste que termina em ponta.

8 — Composição poética — inv.

13 — Newton Carvalho.

14 — Variação pronominal.

POR TRÁS DO DIAL

As cartas, para esta seção, devem ser enviadas a MIGUEL CURI, Redação de CARIOCA, Praça Mauá, 7 — Rio.

Noticiário

Sadi Cabral deixou a Rádio Mayrink Veiga, assinando contrato com a Rádio Ministério da Educação — Francisco Carlos e Dick Farney pertencem, agora, ao elênco da Rádio Nacional, tendo Dick, debutado no último domingo — Roberto Paiva estreou, ante-ontem, na Rádio Guanabara — A Rádio Nacional tem novo programa, aos sábados. Trata-se de «Não estamos sós», de Ghiaroni — Raimundo Magalhães Junior apresenta, na Rádio Nacional, «Acredite se quiser» — Carlos Ramirez iniciou, ontem, sua temporada na Rádio Globo — Ainda na Rádio Globo, teremos, em 15 de abril, a estréia da orquestra argentina de Juan Carlos Barbará e, em 3 de junho, a da de Felicio Brunelli. No dia 3 de maio, terá começo, na PRE-3, a temporada de Fernando Albuerne — A cantora amazonense Neide Maria, estreou na Rádio Tupi — Os «Trigêmeos Vocalistas» renovaram contrato com a Rádio Nacional, o que não se dará com os «Quatro Ases e Um Coringa», que, no dia 31 do corrente, terminarão sua atuação na E-8 — Dentro de alguns meses, Cesar Ladeira será pai — Até junho, Gregório Barrios deverá estar, outra vez, no Rio — Xavier Cugat, provavelmente em setembro, realizará mais uma temporada na Rádio Globo — O jornalista Oswaldo Gouvêa é o responsavel pelo «Diário Político», do Rádio Club — Lígia Sarmento já terminou a feitura de duas novelas, «O sabor da vingança», com a co-autoria de Maria José Bastos Ribeiro, e de «A vida que você sonhou».

Vamos trocar cartas?

O «The Portuguese Club» — cujo endereço é: New Bedford High School, New Bedford, Massachusetts, U. S. A. — deseja obter correspondentes em inglês e português, para seus associados.

*

O Sr. John A. Hutchins, ajudante do professor de português do Departamento de Línguas Estrangeiras da Academia Naval de Annapólis, comunica-nos que, dos 150 cadetes inscritos no curso de português dessa academia, trinta dêles estão interessados em manter correspondência com moças brasileiras, em português, variando, sua idade, de 17 a 19 anos. As patrícias interessadas devem escrever — e antes disso, pensar se podem bem escrever — para Mr. John A. Hutchins — Assistant Professor of Portuguese — United States Naval Academy — Department of Foreing Languages — Annapolis, Maryland, U. S. A.

*

O Sr. H. Barros, representante, no Brasil, de dois clubes de correspondência, um norte-americano, outro, português, comunica, aos que lhe escreveram, que seus pedidos já foram encaminhados ao «Correspondence Club». Outrossim, os que quiserem entrar em contacto com aqueles dois países, podem se dirigir ao Sr. H. Barros, Caixa Postal 4.300, Rio de Janeiro, D. F.

*

O Clube Panamericano de Extensão Cultural, ao qual se uniu a Associação Brasileira de Correspondência, está solicitando representações em todos os estados e países, devendo os interessados dirigir-se para C. Postal 6.190, capital de São Paulo.

As inscrições sociais continuam abertas, devendo, os futuros sócios, pagar a anuidade de trinta cruzeiros, o que não é nada, em vista do que recebem, em vantagens e benefícios, como, por exemplo, fotos tiradas pelo Departamento especializado daquele clube, sôbre coisas, monumentos, etc., de São Paulo. Também um boletim será lançado em breve. Mais pormenores, daremos depois, quando recebermos mais notícias. Em tempo, prevenimos que as inscrições feitas através do Cube Panamericano têm prioridade sôbre as outras, independente da sua data de recebimento.

*

Em Marília, foi fundada a Sociedade Epistolar Internacional, cuja «finalidade é expandir a cultura nacional por meio de salutar inetrcâmbio epistolar, desenvolver o espírito de cooperação e solidariedade dos jovens e manter, entre os associados, um centro de convivência». A sociedade vem recebendo apoio da população local e tem, como diretores: presidente, Benedicto Barbosa Cintra Neto; vice, Hamilton Pinheiro de Sá; 1.º secretário, Kamel Miguel Nahás; 2.º, Silvia Marina Kemp Cavalcante; 1.º tesoureiro, Carmen Diez, e 2.º Fausto Raineri.

Os interessados em participar desta sociedade, devem escrever para o Sr. Hamilton Pinheiro de Sá, rua São Luiz, 659, Caixa Postal 411, Marília, São Paulo.

*

E sempre util a troca de cartas. Mantenha uma, escrevendo a um dos nomes abaixo ou, então, enviando-nos o seu, acompanhado, obrigatoriamente, de idade e direção.

A seguir, damos o nome dos que desejam iniciar uma troca de cartas com os seus patrícios ou não. Após os nomes, vêm, quando indispensáveis, a idade de quem quer corresponder-se, os seus temas, idiomas e lugares preferidos, além do endereço:

U. S. A. — Margaret Brooks, 14 anos, em inglês; 2.203, 29th West, Seatle 99, Washington.

PORTUGAL — Lisboa — Manuel Antonio Gomes, 20 anos; Bairro da Madre de Deus, Beco Esquerdo, n.º 6. (Cadaval) — Hemerito F. Santos, 19 anos; R. Anselmo Carneiro da Silva, s/n. (Queluz) — Adelino Cabrita dos Reis e Américo Ascenção Matos, 20 e 21 anos; Dr. José Alberto Ferraz, 5 e 0 — Manuel Estevão dos Ramos, 18 anos; Bairro Almeida Araujo, 8-A.

ANGOLA — Luanda — Carlos A. Pereira, com moças de 16 a 25 anos, cine, postais, regioanlismos: C. Postal 114, África.

AMAZONAS — Manáus — Egberto da Gama Rodrigues, em port. e esp.; Manáus. (Nome enviado pelo Clube Panamericano).

PIAUÍ — Parnaíba — Iara e Rosangela de Avilar Campelo, 18 e 20 anos; R. Riachuelo, 773. (Teresina) — Heglacy Castro, 22 anos; Lucidio Freitas, 1.212.

MARANHÃO — Caxias — Ludgarda e Angela Iris, com os 2 sexos; Gustavo Colaço, 12. (São Luiz) — Ana Cristina Macedo e Sônia Regina, 20 anos; Maria Teresa Almeida de Souza, Carla Mara Mascarenhas, Lúcia Maria Gomes da Silva e Maruska Martins da Silva, 21 anos, e Célia Maria Martins, 17 anos, com militares também; Av. G. Vargas, 202 — Maria Leonarda, 23 anos, com maiores de 25 de São Paulo, Rio Grande, Port. e Esp.; Cândido Mendes, 201-A.

CEARÁ — Fortaleza — Rosemary F. Bezerra, 17 anos; Jaime Benevolo, 306 — Marília Nadja, 17 anos; Rua J. da Penha, 285, Aldeota.

RIO G. DO NORTE — Macáu — Maria Lourdes Souza, 15 anos; Pereira Carneiro, 157. (Natal) — Amaury Nunes, 19 anos; Quartel General. Guarnição de Natal.

PERNAMBUCO — Pirangi — Edelvita Cabral, 21 anos, com nortistas e sulinos; R. da Paz, 291, Palmares. (Recife) — Creusa Lopes de Barros, 21 anos, com os 2 sexos; Ed. Trianon, 5.º andar, sala 504, a/c da Emprêsa Cinemas São Luiz.

BAHIA — Ubaitaba — Nelito Vasconcelos, 19 anos; R. Joaquim Távora, s/n — Germinio Souza e Lourival Pereira, 21 e 23 anos, com moças além de 18; Av. Pres. Vargas, 176 — Jorge Camargo dos Santos e Domingos Bispo de Andrade, 18 e 23 anos, com moças além de 18; Av. Pres. Vargas, 210 e 418. (Santo Antônio de Jesus) — Maria Lúcia F. de Menezes, com maiores de 20 do Br. e ext. em port., esp. e ing. cartas e selos, revistas, postais; Pç. Padre Mateus, 37 — Maria Conceição Sousa, 20 anos, com maiores de 20 do Pará, Maranhão, Ceará, Minas e E. Santo; Prudente de Morais, 5. (Salvador) — Cesar Barroso, 19

(CONCLUE NA PÁGINA 57)

Mamãe... LEIA COM ATENÇÃO

MARCIA

PROBLEMAS DE SEU FILHO

APROVEITAMENTO ESCOLAR

Não **decida imediatamente** que o mau **aluno tem um desenvolvimento mental insuficiente**. Há várias **razões possíveis** para um desajustamento **na escola**. Às vêzes a **própria escola** é causa dêsse **desajustamento**: quando seus métodos são **demasiadamente** rígidos, quando **a atitude** para com o aluno é **demasiadamente** severa e pouco **compreensiva**, quando a turma **é grande** demais para que a **professora** ou o professor possa dar **atenção** a cada aluno.

★

Muitas vêzes as dificuldades **partem da própria criança**. Do **lado físico**, pode haver **defeito** de **visão ou de audição**, estado de **depauperação**, ou **moléstia** crônica ou **tendência particular** a cansaços. **Do lado psiquico**, pode haver **nervosismo** ou **excessiva preocupação** com **problemas** extra-escolares.

★

Não **castigue** uma **criança** que tem **dificuldades**. **Experimente** encontrar a **causa** do **problema**. Consulte o professor ou a professora. Faça testes com ela. Leve-a a um médico, para um exame físico e psiquico.

★

Acontece, às vêzes, que uma criança está, mentalmente, acima da média de sua classe. Os estudos, portanto, a aborrecem pela excessiva facilidade que mata a curiosidade. O remédio, nêsse caso, é fazê-la "pular de ano".

★

"Pular de ano" apresenta, porém, seus perigos. Só é aconselhável quando a criança é também fisicamente desenvolvida para a sua idade e, socialmente falando, avançada. Meter uma criança miuda, que gosta de brincar com crianças miudas, numa classe de mais velhos, apenas porque sua capacidade mental é larga — pode criar uma série de problemas. Um dêles, e não o menos importante, é o isolamento em que a criança pode cair. A questão, pois, de pular de ano não é tão simples quanto parece e deve ser estudada com a professora.

J. GUEPETO (Rio de Janeiro, D. F.) — O suco de laranja, exposto ao calor ou preparado com longa antecedência, perde suas qualidades nutritivas.

CLARINHA (?) — E' difícil opinar a respeito. De um lado, sua experiência como mãe é bastante grande. Mas de outro lado, há a considerar o perigo de uma excessiva confiança nessa experiência. Se a criança está com dor de cabeça, você toma suas providências. Mas para um médico a dor de cabeça, por exemplo, pode significar várias coisas. Outro exemplo: nem tôdas as dôres de estômago devem ser tratadas do mesmo modo; só um médico pode indicar o remédio necessário. O fato de você ter convivido com médicos também não basta. Bem sei: você ficou sabendo da existência de um grande número de remédios. Mas sabe exatamente quando aplicá-los? ou quando não os aplicar? Você fala em "sulfa", por exemplo. Mas "sulfa" não é panacéia. E é perigoso usá-la como tal. As reações podem ser inesperadas e desagradáveis. Não, Clarinha, se de médico e de louco todo o mundo tem um pouco, não queira por isso um diploma para êsse pouco. Você não acredita em médico? isso, desculpe, é uma grande bobagem. Se você não acredita em médicos, que são médicos, como acreditar nos que nem médicos são? Um pouco mais de confiança na boa vontade e no saber dos outros não lhe fará mal, cria-me. Sobretudo em se tratando de cuidados em tôrno dessa coisa preciosa e frágil que é uma criança. Aconselho-a a ter um pouco mais de humildade, sem deixar, contudo, de confiar em si própria. Quanto à segunda pergunta... aconselho-a a procurar um médico especialista. Desculpe...

MARIA CAROLINA (S. Paulo) — Amar uma criança não é mimála, não é estragá-la. Você pode e deve demonstrar seu amor: tanto você como sua filhinha precisam dessa demonstração. Você interpretou mal os livros que leu. E' dos exageros de cuidados e carinhos que os livros falam e falam mal. "Educação moderna" não significa secura, Maria Carolina. Leia menos e seja mais natural. E' prefevível, em geral, errar com o coração que errar com a cabeça.

ELEONORA (Rio de Janeiro, D. F.) — Há germes em toda a parte. A maior parte dêles são relativamente inócuos. O que você pode fazer é evitar a aproximação de pessoas gripadas, por exemplo. Quanto à segunda pergunta, aconselho-a a dispensar a calça de matéria plástica, uma vez que seu filhinho é sujeito a assaduras. Essas calcinhas impedem a evaporação da urina e favorecem a formação de amônia. Também para evitar assaduras, lave todos os dias as fraldas e deixe-as secar ao sol longamente. Ferver as fraldas também é aconselhável. Procure nas farmácias produtos especiais para o caso. Até a assadura passar, mude as fraldas tôdas as vêzes em que estiverem molhadas.

M. J. T. (?) — De um modo geral, uma criança entre dois e três mêses reconhece uma pessoa. Com três meses, olha em todas as direções. Logo que nasce, o bebê pode distinguir entre a escurdirão e a luz. A maior parte dos bebês começa a articular alguns sons com significado perto de um ano de idade. Mas há crianças perfeitamente normais que se iniciam nos mistérios da linguagem mais tarde. Não é questão de inteligên-

(CONCLUE NA PÁGINA 57)



Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil
Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda.
Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembolso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" n.º ....
NOME ....
RUA .... N.º ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

Pergunte o que quizer

CORREIO DO FAN

Esta seção responderá às perguntas dos leitores sôbre assuntos de cinema. As cartas devem ser enviadas a PERY RIBAS. Redação de CARIOCA. Praça Mauá, 7. Rio. Só respondemos por aqui. Não enviamos fotografias de atristas. Os pedidos de números atrasados devem ser feitos diretamente à gerência da revista.

*

ENDEREÇOS DOS ESTÚDIOS DE HOLLYWOOD — **Columbia-Studios**, Gower Street, Hollywood, Cal. **Metro-Goldwyn-Mayer-Studios**, Culver City, Cal. **Monogram e Allied-Studios**, Sunset Drive, Hollywood, Cal. **Paramount-Studios**, Marathon Street, Hollywood, Cal. **RKO-Rádio-Studios**, Gower Street, Hollywood, Cal. **20th-Century-Fox-Studios**, Beverly Hills, Hollywood, Cal. **United-Artists-Studios**, N. Formosa Avenue, Hollywood, Cal. **Universal-International-Studios**, Universal City, Cal. **Walt Disney-Studios**, Burbank, Cal. **Republic-Studios**, North Radford Avenue, Hollywood, Cal. **Warner Bros-Studios**, Burbank, Ca. — U.S.A.

*

FAN DE MARIA (Rio) — Maria Antonieta Pons nasceu em La Habana, no dia 5 de março de 1923. Tem, portanto, 26 anos.

* * *

ARIETA (São Paulo) — Da lista de filmes franceses que nos envion, apenas um — "O milagre dos lobos" — foi exibido no Brasil. "Páginas do livro de Stan", de Dreyer, esteve a pique de ser apresentado. Fôra adquirido por um importador brasileiro, mas este desistiu do negócio de cinema antes da apresentação da pellcula. À qual dos "Golem" se refere? Houve três, todos exibidos entre nós. Pode mandar a nova lista. Responderemos o que soubermos. Convém, entretanto, fazê-la pequena, pois nossa correspondência é grande e temos que atender a todos os leitores.

* * *

LEITOR CACETE (Rio) — Não precisa escolher pseudônimos como o seu, pois nenhum leitor é cacete para nós, mesmo quando temos que fazer pesquisas trabalhosas, o que não sucede com a pergunta que o leitor fez. Os intérpretes da primeira "Inocência" foram: Vittorio Cafellaro (Cirino), Henrique Fragalle (naturalista), Santino Giannatasio (Manecão Dóca), Eduardo Cassoli (Martinho Pereira), José Maria Campos (Anão), José Batista Campos (Juque). Não temos o nome da protagonista.

* * *

H. T. (Rio) — O autor de "Também somos irmãos" é Alinor Azevedo.

* * *

A. BANDEIRA (Porto Alegre) — Os filmes silenciosos de Sam Wood foram os seguintes: "À toda velocidade" (Double Speed), "Desculpe a poeira" (Excuse My Dust), "Corajoso automobilista" (What's Your Hurry?), "Doente a muque" (Sick Abed), "O dançarino maluco" (The Dancin Fool), "Rosa desfolhada" (City Sparrow), "O garotinho" (Peck's Bad Boy), "Intrigas do carnaval" (Hre Beloved Villain), "O seu primeiro rapto" (Her First Elopment), "A orgulhosa" (The Snob), "O grande momento" (The Great Moment), "Esposa martir" (Beyond the Rocks), "E' a mulher mais forte que o homem?" (Her Husband's Trademark), "Ao ardor do chicote" (Under the Lash), "Não digas tudo o que sabes" (Don't Tell Everything), "Minha esposa modelo" (My American Wife), "Filhas pródigas" (Prodigal Daughters), "A impossivel Senhora Bellew" (The Impossible Mrs. Bellew), "Da pobresa à opulência" (Her Gilded Cage), "A oitava mulher de Barba Azul" (Bluebeard's Eight Wife), "Na vertigem do luxo" (His Children's Children), "Bluff" (idem), "Desonra honesta" (The Next Corner), "A fe-mea' (The Female), "Desafio à mocidade" (Fascinating Youth), "Recrutas" (Rockies), "Coléguinha leal" (The Fair Co-Ed), "Modas de Paris" (Latest From Paris), "Dom Piratão" (Telling the World), e "Um minuto de êxito" (One a Minute to Play).

* * *

ARZELINA F. (São Paulo) — Cornel Wilde nasceu em New York City, a 13 de outubro de 1915. Pode escrever-lhe para os 20th-Century-Fox-Studios.

* * *

J. CAPARROZ SALDANHA (Jundiaí) — "Acabaram-se os otários" foi um dos primeiros filmes falados produzidos em São Paulo. Dirigiu-o Luiz de Barros. Os intérpretes foram Genesio Arruda, Paraguassú, Tom Bill, Rina Weiss, Gina Bianchi e Margadet Edwards. Produção Synchrocinex. "Alô, alô, Brasil!" foi produzido e dirigido por Wallace Downey. "Alô, alô, carnaval!", produção Waldow-Cinédia, dirigida por Adhemar Gonzaga. "Argilia" é filme falado de 1942. Produção Brasil-Vita Filme. Daremos os elencos num dos próximos números. O espaço tem que ser racionado, para servir a todos.

* * *

MARILENA LANAND (Araraquara) — Não enviamos nem vendemos fotos. Veja o cabeçalho da seção.

* * *

NATALY (Piracicaba) — Não tem diminuido — continuam sendo importados como dantes, porém, existe a concorrência dos filmes europeus, que diminui o número de produções americanas programadas pelos exibidores... Betty Grable — "The Beautiful Blonde From Bashful Bend". Marilyn Maxwell — "Champion". Gail Russell — "El Paso". "Entre o amor e o pecado" — "Forrever Amber".

* * *

VALLY KOPACK (São Paulo) — Xavier Cugat anda aqui pela América do Sul. No cinema americano pode escrever-lhe para os M. G. M. — Studios. Os filmes em que apareceu são os seguintes: "Amores de uma diva" (Mae West), "Bonita como nunca" (Rita Hayworth e Ferd Astaire), "Novas de Tio Sam" "Sedução tropical" (Mae West), "Duas garotas e um marujo" (June Allyson, Gloria De Haven e Van Johnson), "Aquí começa a vida" (Ginger Rogers, Walter Pidgeon, Lana Turner, Van Johnson), "Escola de sereias" (Esther Williams e Red Skelton), "Romanos no México" (Walter Pidgeon, Ilona Masey e Jane Powell), "Sem licença, nem amor" (Van Johnson e Pat Kirkwood), "Numa ilha com você" (Esther Williams e Peter Lawford), "Transatlântico de luxo" (George Brent e Jane Powell), "O príncipe encantado" (Elizabeth Taylor, Robert Stack, Carmen Miranda), "A filha de Netuno" (Esther Williams e Red Skelton), e "Saudade de teus lábios" (Esther Williams e Johnnie Johnston).

RENATO G. BARBOSA (Canavieiras) — Glória Warren experimente Monogram-Studios. Rita está residindo na Europa. Mas não abandonou o cinema. Jean Kent é britânica, nascida em Londres. Agradecemos e retribuimos.

* * *

PEDRO SALEPENQUE (Assaí — Paraná) — Não aceitam. E mesmo que o fizessem, dariam preferência aos candidatos residentes aqui.

* * *

MANOEL ROSA Jr. (Água Preta) — Aí vão os títulos originais pedidos: "Casino de Paris" — "Go Into Your Dance". "Primeiro amor" — "First Love". "Anjo em férias" — "Angel's Holiday". "O Picolino" — "Top Hat". Pode endereçar a carta para a Cidade do México, que ela receberá.

* * *

ELISEU (Itajaí) — O produtor do filme "A escrava Isaura" é a União Cinematográfica Brasileira, cujo endereço é rua do México, 51. Pode escrever para Fada Santoro aos cuidados da mesma U. C. B.

* * *

NORMSI (Rio) — O último filme de Frank Morgan foi "Annie Get Your Gun", com Betty Hutton. Seu primeiro filme é difícil precisar. Trabalhou em muitos filmes silenciosos, na Select-Pictures, Goldwyn e Realart. E' irmão de Ralph, sim. Até trabalharam juntos mais de uma vez, se não nos enganamos.

* * *

IOLANDA RODRIGUES (Rio) — Montgomery Clift: Paramount-Studios. Ele está interpretando a nova versão de "Uma tragédia americana". Os galãs de "Marujos do amor" são Frank Sinatra e Gene Kelly. Qual o papel que fazia o outro? Será o cantor Carlos Ramire? Frank e Gene: M. G. M.-Studios. O título de "Marujos" é "Anchora Aweigh".

* * *

ZULMIRA MENDONÇA (Araguarí) — Alan Ladd nasceu no dia 3 de setembro de 1913.

* * *

CASTILHO (São Paulo) — Não temos o endereço da artista citada.

* * *

FRANCISCO DA CUNHA FRANCO ((Rio) — Ida Lupino — Filmakers, Inc. Hollywood, Cal. (Endereço que não está na relação do alto da página, por ser emprêsa nova). Ida Lupino agora é produtora e também diretora, tendo estreado como cineasta em "New Fear", com Sally Forrest, Keefe Brasselle, Hugh O'Brian, e sua irmã — Rita Lupino. Envia foto, sim.

* * *

SAM DAVIES (Caicó) — Don Douglas faleceu há algum tempo. Tom não tem endereço certo. Experimente o estúdio da Columbia.

* * *

CLARICE DA COSTA PINTO (Turiassú) — Escreva diretamente ao secretário da revista, pedindo. O assunto não é de nossa alçada.

HUMBERTO M. MOURÃO (S. Paulo) — Só respondemos sôbre assuntos de cinema. Em todo o caso: Carmélia — PRA-9, Rádio Mayrink Veiga. Dora, Heleninha e Marlene — PRE-8, Rádio Nacional, Praça Mauá, 7. O verdadeiro nome de Marlene é Vitória. Ademilde — PRG-3, Rádio Tupi, avenida Venezuela, Rio. Não temos o endereço das outras.

* * *

NILSA NUNES — Petrópolis) — Em "Prá lá de bôa": Silva Filho, Manoel Vieira, Hortensia Santos, Cléa Suzana, Maria da Glória, Alma Castro, Totó, Rosa Radi, Walter D'Avila, Carlos Grossi, Walter Siqueira, João de Deus, Paulo Celestino, Luiz Silva, Maria Leblie, Augusto Anibal, Vicente Marchelli, Manoel Rocha, Spina, Carmen Costa, Mayna Montenegro, Trio de Ôsso, Trio de Ouro, Lauro Borges e Castro Barbosa, Heleninha Costa, Linda Batista, Carlos Barbosa, Zé e Zilda, Abilio Lessa, 4 Ases e Um Coringa, Salomé, Iracema Vitória, Marlene, Cesar de Alencar, Xerem, Zé Trindade, Trigêmeos Vocalistas e Moreira da Silva.

* * *

MARIO QUADROS — (Pôrto Alegre) — Aí vai a distribuição de "A quadrilha de Hitler"; Hitler — Robert Watson; Capitão Ernst Roehm — Roman Bohnen; Joseph Goebbels — Martin Koeleck; Rudolph Hess — Victor Varconi; Heinrich Himmler — Luis Van Rooten; Herman Goering — Alexander Pope; Pastor Niemoeler — Ivan Triesault; "Geli" Rauber — Poldy Dur; Angela Raubel — Helene Thimig; General Ludendorff — Reinhold Schunzel; General von Hindemburg — Sig Ruman; Julius Streicher — Alexander Granach; Gregor Strasser — Fritz Kortner; Alfred Rosemberg — Tonio Selwart; Adolf Wagner — Richard Ryen; Cardeal von Faulhaber — Ray Collins; Gustav von Kahr — Ludwig Donath; Anton Drexler — Erno Verebes; Franz von Papen — Walter Kingsford; General von Epp — Fred Nurney; Coronel von Reichenau — Artur Foft; Thyssen — Lionel Royce. E mais: Frank Reicher, Studart Holmes, Paul Avalon e Robert O. Davis. Dos outros dois não temos a distribuição. O filme francês parece que foi destruido pelos nazistas.

Costurar
para economizar com uma
MINERVA
em seu Lar!
Em 15 PRESTAÇÕES
SEM ENTRADA...
SEM FIADOR...
CASA NENO
RUA DO NUNCIO, 7
FILIAL — RUA BUENOS AIRES, 151, 1.° and.

COMO PENSAM OS RADIO-OUVINTES

CARTAS SELECIONADAS

A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SEÇÃO DEVE SER ENVIADA, CONTENDO APENAS A OPINIÃO DO OUVINTE, A PAULO JOSÉ — Redação de «CARIOCA» — Praça Mauá, 7, 3.º andar.

Sr. Paulo José — Na qualidade de leitor assíduo dessa apreciada revista que é CARIOCA, e particularmente da utilíssima seção que redigis, quero manifestar-me contra o fato da Rádio Nacional, incontestavelmente a maior e melhor do Brasil, não reservar ao menos 30 minutos por semana para um recital com a querida Emilinha Borba. — Todos nós, os seus fãs, que a apreciamos e admiramos, protestaremos sempre, enquanto não a pudermos ouvir ao menos uma meia hora por semana. Patrocinadores não faltarão, para um programa com a melhor intérprete nacional da música popular brasileira. Esperando ser atendido, e de antemão muito grato, firmo-me atenciosamente

Encruzilhada do Sul — VILSON NUNES DE OLIVEIRA — R. G. do Sul.

Prezado Sr. Paulo José — Sendo eu um grande leitor dessa conceituadíssima revista CARIOCA, tomo a liberdade de enviar-lhe a presente comunicando-lhe que a página que mais me atrai nesta querida revista e, sem dúvida, a sua «Como Pensam os Radio Ouvintes». Sendo eu um grande fã da querida Heleninha Costa, noto que quase nada de novidade sôbre minha favorita Heleninha Costa tem saído, o que deixa insatisfeitos e impacientes os inúmeros fãs dessa admirável cantora. Contando com sua boa vontade em publicar meu apêlo.

LUIS CARLOS ROCHA — Ponta Grossa — Paraná.

Sr. Paulo José — Saudações — CARIOCA sempre foi minha revista predileta, e esta preferência aumentou com a nova seção «Como Pensam Os Rádio-ouvintes», onde nós, os leitores temos a oportunidade de opinar sôbre nossos queridos artistas. É justamente sôbre uma grande artista que desejo falar: trata-se da grande sambista Araci de Almeida, que é sem dúvida nossa melhor intérprete da música popular, destacando-se assim em primeiro plano como «o samba em pessoa», pois realmente o é. — Grata pela atenção, subscrevo-me

ENY SOARES OLIVEIRA — Vitória — Esp. Santo.

Sr. redator — Como admirador desta revista, principalmente da seção «Como Pensam Os Rádio-Ouvintes», tão brilhantemente dirigida por V. S., venho por meio desta também falar em Marlene. Sou fã ardoroso de Marlene, devido à sua voz ser 100 % brasileirinha e agradavel. A Rádio Nacional devia ter um horário exclusivamente para ela, e acho que se ela gravasse isso só seria melhor. Marlene, na minha opinião, é a maior expressão da música popular brasileira. — Na cidade onde resido, o cartaz de Marlene é grande, e ela possue grandes admiradores também em diversas cidades do Norte do Paraná onde tenho passado: Londrina, Apucarana, Rolandia, Sertanopolis e outras. — Faço votos para que esta seção seja sempre bem sucedida, principalmente entre os fãs de rádio, e desejo-lhe muitas felicidades pela brilhante iniciativa que teve em criar esta seção. Cordialmente

JORGE SALIM — Paraguaçú Paulista — Est. de São Paulo.

Sr. Paulo José — Veterano leitor que sou dessa conceituada revista, resolvi também enviar minha opinião,



O CARTAZ

ARY EVANGELISTA BARROSO, natural de Ubá, onde nasceu lá pelos começos do século, começou a vida como caixeiro de armarinho na sua cidade natal. Veio para o Rio quando começou a sentir «cocegas» de se fazer bacharel em direito, e comeu o pão que o diabo amassou.

Tocou piano para se manter, lutou muito, e acabou de posse do canudinho que lhe dava o direito de pleitear em juizo. Mas pleitear o que ? Já tendo, por essa época, uma reputação como homem de rádio e como compositor, Ary não se preocupou em procurar resposta para a pergunta. E continuou no rádio, como animador e locutor esportivo. E seguiu nos dando belíssimas composições.

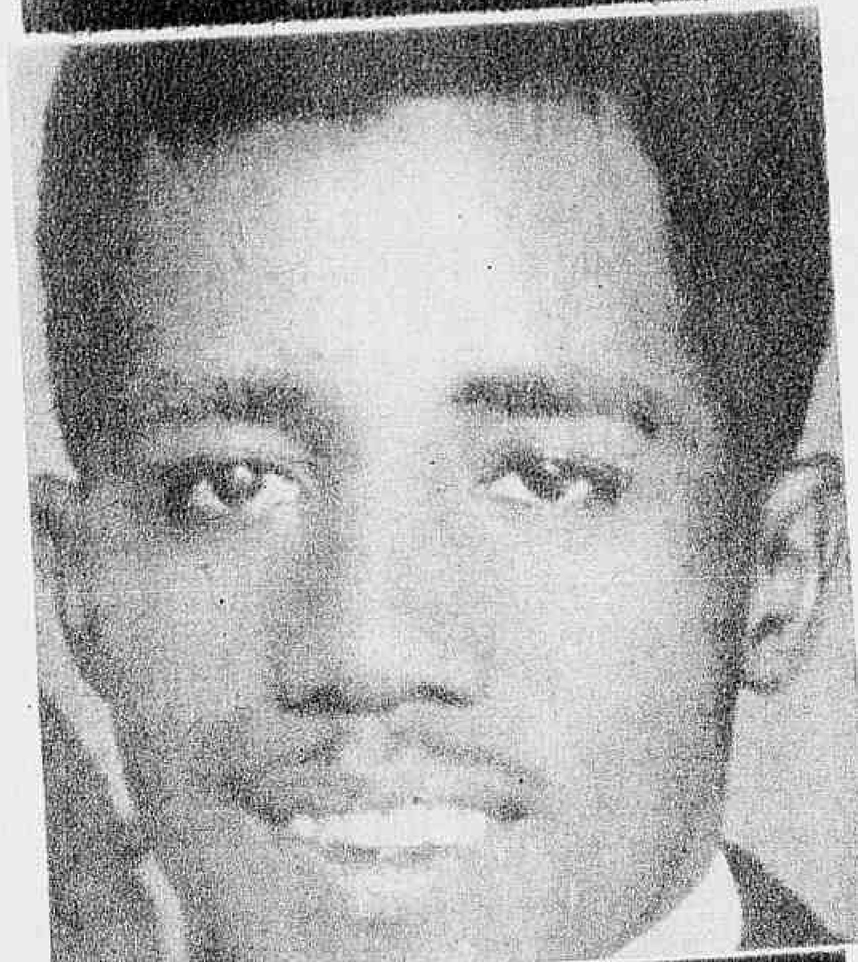
Ary é um dos melhores compositores nacionais e seus maiores sucessos(aliás, quase todas suas músicas constituem sucessos garantidos), foram «Baixa do Sapateiro» e a formidavel «Aquarela do Brasil».

Sua Excelência é hoje um respeitável e conspicuo vereador, continua sendo ferrenho torcedor do Flamengo e exercendo suas atividades radiofônicas e ainda espera se dedicar a muitas outras atividades. Tem dois filhos, uma bela esposa, «gaita», uma boa «lata» moderna, mora no Leme, é vacinado, e tem fama de ser um bom sujeito.

Rádio há dez anos



VICENTE CELESTINO contava a um jornalista que começara a sua carreira em 1916, no Teatro São José, tomando parte no côro; que gravara discos por dez mil reis; e que tinham previsto que sua voz não aguentaria dois meses.



MOACIR NASCIMENTO começara sendo o «cantor da tropa» no Tiro de Guerra em que tirara seu certificado; depois cantára no côro da Candelária; em 1928 estreara no João Caetano e em 1936 no rádio, por intermédio de Ary Barroso; e era agora conhecido como «o Gigli negro».



CARMEM MIRANDA tinha cantado na América um programa dedicado aos seus fãs do Brasil. E nunca se tinha visto tanta gente agarrada ao rádio como naquele dia, ou melhor, naquela noite.

ATENÇÃO LEITORAS

Pedimos às seguintes leitoras que nos enviem seu endereço, a fim de que possamos tratar, diretamente, de assunto de seu interêsse:

RIO — Elizabeth Muniz, Zadyr, Zilah, Zeneida, Augusta, Décia Alves, Gilda M. da Silva, Wanda Soares, Mary, Linda Menezes, Maria Angela da Silva, Maria José, Lêda, Maria Aparecida Monteiro da Silva, Alba Maria, Maria Célia de Alcântara, Miryam, Heloisa Hasperoy, Helena, Catarina Monteiro, Yedda Santos, Tânia Marly, Suely Costa Maria Clara, Lourdes Lopes, Leonor, Jandyra, Olga, Lourdes, Odilia, Marly, Neide, Judith, Iracema, Marlene M. da Silva, Linda de Olaria, Terezinha Pereira Macedo, Georgina Carvalho, Adele, Neusa, Jurema, Edyr, Enyr, Elenyr, Luci, Neusa, Helena de Campos e A. Gomes, Mary Nobre, Marina Borges e Angrelucia Grey.

Dulce Machado, Maria Glória, (Tijuca).

Maria Helena Duque Estrada, (Botafogo).

Carmem Soares, (Flamengo).

Yolanda Ferreira, (Colégio).

Moreninha de Olhos Negros, (Campo Grande).

Ceci, (Meyer).

Leilá, Olga, Judith, (Engenho Velho).

NITERÓI — Maria Lúcia Melo, Olivia Alves Gomes, Elizabeth Braga, Edna Lima de Araujo, Edmen Nazareth de Araujo.

DUQUE DE CAXIAS — Sheila Keyes.

NILÓPOLIS — Lêda M. Vasconcelos.

PETRÓPOLIS — Helena, Hedy Micheleve, Nilza Neves, Rosalina Marques.

CAMPOS — Norma Freitas, Josete R.

ITAPERUNA — Adair Fontes.

ANGRA DOS REIS — Nélia de Aragão.

BELO HORIZONTE — Maria José.

JUIZ DE FORA — Sandra Maria, Glória Ribeiro.

UBERABA — Zulmira Lopes.

POÇOS DE CALDAS — Dulce S. A.

DIVINÓPOLIS — Yára, Cláudia, Rosa.

SANTOS DUMONT — Deicy Selva.

SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ — Celina Costa.

CURVELO — Helena Maria.

FRUTAL — Neide Maria Nogueira Machado — Tânia Mára Silva.

LIMA DUARTE — Ilma de Almeida.

PATOS DE MINAS — W. Almeida.

SÃO PAULO — Haydée, Ana Maria Buzato, Maria Tereza, Maria Cláudia.

Santos — Telma Soares.

ITAPEVA — Aparecida Moura Souza.

BIRIGUI — Maria Inês.

JOSÉ BONIFÁCIO — Ana Maria.

BOTUCATU — Cinira Biral.

CATANDUVAS — Elena Lucia.

SANTO ANASTÁCIO — Olga Marchi.

LONDRINA — Vera B. S.

SANTO ANTONIO DA PLATINA — Maria Fernandez.

BLUMENAU — Luci Soares.

MAFRA — Carmem Castro.

CAMPO GRANDE — Teresinha Borges.

GOIÂNIA — Herminia dos Santos.

VITÓRIA — Maria Sierra, Sonia Abigail, Suely.

CACHOEIRA DO ITAPEMIRIM — Teresinha Caiado Vasconcelos.

SALVADOR — Edna Lucia, Elzina Maria.

MACEIÓ — Maria Graça Leite.

FORTALEZA — Sonia Gracinda.

MANÁUS — Edina.

PRUDENTÓPOLIS — Maria Teresa Camargo.

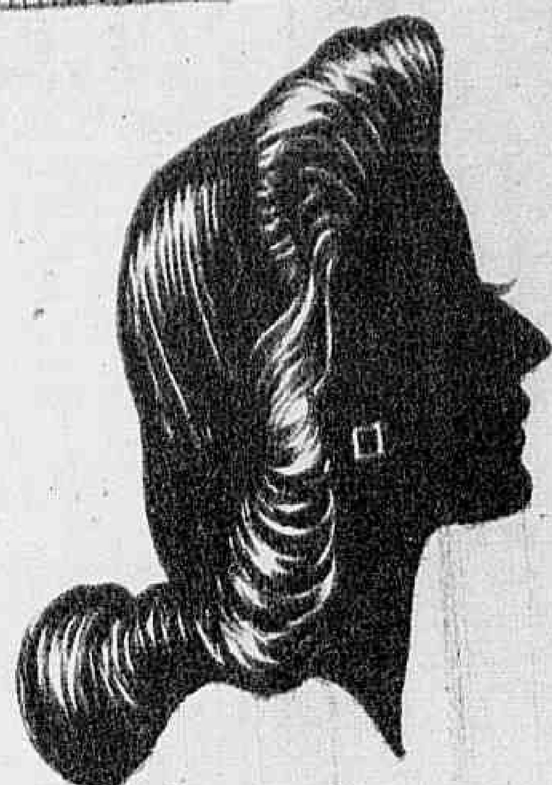
CURRAIS NOVOS — Glorita Neves.

PENÁPOLIS — Sonia Maria.

CATALÃO — Maria de Lourdes.

RECIFE — Glória Teixeira.

(CONCLUE NA PÁGINA 61)



Oleo
Loção
Brilhantina

Phenomeno
TARRÉ

3 Produtos indispensaveis para ONDULAR FORTIFICAR E FIXAR os cabelos

PERFUMARIA TARRÉ
RUA VISCONDE DO RIO BRANCO - 60 - RIO

Cravos e Espinhas

Tratamento definitivo dos cravos, espinhas e seborréia. — Extração radical e sem marca dos pelos do rosto, verrugas e sinais

Dr. Pires

(Prát. hosp. Berlim, Paris, Viena, N. York)
(Rua México, 31 - 15.° — Rio de Janeiro
Peça informações sem compromisso

Nome ....
Rua .... Estado
Cidade ....

Jazz, Blues e Swings

N.º 39

Por DANIEL TAYLOR

CURIOSIDADES

Você sabia que...

... o "Big Apple" apareceu lá pelo ano de 1932?
... o "Boogie-Woogie" na sua verdadeira concepção é somente uma modalidade pianística, imposta por Pine Top Smith?
... o "Swing" na realidade não é uma dança em si? Esta palavra não é mais do que a denominação do ritmo do jazz? Na autêntica linguagem jazistica é simplesmente, tocar jazz?
... o "Lind-Hop" renasceu por pouco tempo e seu nome deve-se ao coronel Lindeberg?
... "Hop" significa salto?
... o "Turkey-Trot" (Passo do peru) apareceu em 1912 abrindo a marcha de uma série de danças inspiradas em animais domésticos?
... o "Bear and Dog" significa o urso e o chachorro?
... o "Bunny-Hug" quer dizer "abraço do coelho"?
... o "Black Bottom" veio da África e encontrou grande eco nos Estados Unidos?
... Gilda Grey foi a bailarina que popularizou a dança "Shimmy"?
... Johnson e Dora Dean foram os criadores da dança "Cakew-Alk"?
... o "Geechie-Walk é uma dança originária da Carolina do Sul?
... o dançarino Baker foi quem criou o "Rang Dang Doo"?

RITMOS GRAVADOS

Ouvimos, gostamos e recomendamos o disco que contém em suas faces dois notáveis fox-blues na interpretação de Jo Stafford e Gordon Mac Rae, sob os títulos de "Whispering hope" e "A thought in my heart".

★

O público norte-americano recebeu com simpatia duas gravações de Jimmy Durante, o ótimo ator-cômico da Metro-Goldwyn-Mayer, sendo que uma delas — "It's my nose's birthday" — gira em tôrno do seu famoso narigão... A outra é "Fugitive from Esquire".

★

Mais um disco da pequena que tem mel na voz... Desta vez, Dinah Shore nos brinda com as canções "Lovers' gold" e "Wait till we get married".

★

ALBUNS

"Trumpet Time" é o titulo do novo álbum de Harry James.

★

Com os ritmos "The old lamp-lighter", "Say it isn't so", "Friendship", "Thinking of you", "Pushin' sand", "Huggin' and chalkin'", "Ole buttermilk sky" e "Who wouldn't love you" está compôsto o novo album da excêntrica orquestra de Kay Kyser.

★

No album "Kiss me Katte", da Capitol, Jo Stafford e Gordon Mac Rae cantam uma seleção de Cole Porter: "Wunderbar", "Too darn hot", "Were thine that special face", "I hate men", "Bianca", "Always true to you in my fashion", "So in love" e "Why can't you behave".

LETRAS SELECIONADAS

Não é somente a música norte-americana que é detentora de magnificos foxes. Tambem a música italiana o é. Citamos, por exemplo, o fox "La Strada del Bosco", cuja letra já publicamos aqui mesmo, em "Letras Selecionadas". Agora, temos o prazer de estampar as palavras de um outro fox-blue encaixado no filme da Art Film, "A Canção do Bosque". É êle: "Soli soli nella notte", de C. A. Bixio:

I

Notte limpida e serena
fatta apposta per amar...
quando c'é la luna piena
com'é bello camminar!
Vagabondi, senza meta,
non sappiamo dove andar...

II

Giá qualcuno s'avvicina,
giá s'illumina un balcon...
Su, coraggio, mia piccina
é d'effectto le cazon!
Su, stringiamoci la mano...
soffochiamo l'emozion!

RITORNELLO

Con te, soli soli nella notte,
con te, fischiettando una canzon...
Con quest'aria profumata
che fa tutto palpitar,
sento nascere nel cuore
tanta voglia di cantar...
Con te, sotto il raggio della luna...
Nel ciel mille stelle per sognar...
Chi lo sa se tante stelle
poi si porteran fortuna?...
Non ne ho vista mai nessuna
tanto bella come te!

★

Eis a letra de "Just for a while", fox-canção de Jack Brooks e Serge Walter, apresentado por Marta Toren, no filme da Universal-International, "Legião sinistra":

From all our sadness
and our sorrow
Let's turn our thoughts away,
Before we think about tomorrow,
Let's bring back yesterday;
Just for a while
let's bring back memories
that yesterday we dreamed away.
Just for a while
let's sing those melodies
we used to know so long ago.
A springtime love nearly
started as starlight
danced in the air.
Although too soon we were parted,
I'm sure the stars are still there.
So close your eyes,
and try remembering
Your heart will smile
Just for a while.
Just for a while.

A MÚSICA DO LEITOR

DINAH LAMP — Rio — Pois não! — Desde que a senhorita nos pediu apenas uma letra, aqui vai, na frente de muitos outros leitores, que nos pediram mais de uma... "I only have eyes for you", de Al Dubin e Harry Warren, gravado magnificamente por Dicky Haymes, conforme a senhorita mesma diz em sua cartinha:

Are the stars out tonight
I don't know if it's cloudy or bright
'Cause I only have eyes for you
The moon may be high
But I can't see a thing in the sky
'Cause I only have eyes for you
I don't know if we're in a garden
Or on a crowded avenue
You are here so am I
Maybe milions of people go by
But they all disappear from view
And I only have eyes for you.

MARIA CHRISTINA (Curitiba) — Parece que a senhorita adivinhou... "Begin the Beguine" já foi publicada. Aproveitando o envelope selado, enviar-lhe-emos sua letra, pelo correio. Volte sempre.

★

FREDDY RAY (Rio) — Damos abaixo a letra do fox de Seymour Simons e Gerald Marks, "All of me", cuja melhor gravação é, sem favor algum, a de Frank Sinatra. Volte outra vez, Freddy, porém, com o pedido de uma só letra.

All of me,

Why not take all of me;
Can't you see,
I'm no good without you.
Take my lips,
I want to lose them:
Take my arms,
I'll never use them.
Your goodbye,
Left me with eyes that cry;
How can I go on dear without you,
You took the part

That once was my heart;
So why not take all of me.

★

JOAO CARLOS MOREIRA (Pôrto Alegre) — Bem, meu amigo! — O senhor não mencionou o nome da música que deseja, do filme "A Canção do Sul". Se, por ventura, é "Sooner or later", comunicamos-lhe que já foi divulgada. Será "Song of the South", de Sam Coslow e Arthur Johnston? — Então, tome-a:

I hear the murmur of the south wind
And feel a half remembered thrill
Plaintive echoes faintly clanging
And old plantation air is still ringing
Song of the south
Your music weaves a magic spell
Song of the south
I see the scenes I know so well
Cotton woods is blossom over my cabin [door

Pale moolight on a field of white
You bring them back once more
I seem to hear those gentle voices calling [low

Out of the long long ago
This heart of mine is in the heart of [Dixie

That's where I belong
Singing a song
A song of the south.

— * —

MARLENE CASTRO — Rio — A letra de "Please don't say no"? Pois não! — E' só verificar o n.º 738, de CARIOCA.

— * —

JURACY F. DA SILVA — Rio — Fan de Perry Como, heim? — Muito bem!... Já publicamos o endereço de "Perry Como & Haroldo Eiras Fan Club". Viu? Volte sempre que precisar de nós. Não faça cerimônias; a casa é sua!

— * —

DARCY GONÇALVES — Rio — Não menosprezamos nenhum cantor. Apenas não iludimos com "cartazes"... Quanto à parte final de sua estranha carta, temos a perguntar-lhe: Acaso o seu favorito, Sinatra, não é também do mesmo sexo?

— * —

JULIO K. NETTO — Curitiba — Obrigado por tudo. As letras solicitadas pelo senhor já foram publicadas, ou seja: "Be careful it's my heart", no n.º 724 de CARIOCA e "On a slow boat to China", no n.º 749. Pronto! — Satisfeito?

— * —

M. ABREU CASTRO — Rio — "Sorry"... Procure averiguar bem o nome do fox, que a senhorita deseja, do filme "Dois malandros e uma garota", volte novamente.

★

ROBERTO CIMINO (Marilia) — O senhor deseja que lhe indiquemos umas revistas especializadas em música norte-americanas, a fim de assiná-las? — Pois não. Ei-las: "Metronome", "Down Beat", "Record Changer", "Jazz Hot", "Variety", "Billboard", "Song Hits" e "Best Songs". Para melhor orientação, queira dirigir-se, pessoalmente, ou por carta, à Avenida Nilo Peçanha, 12, 10.º andar, sala 1019 — Rio de Janeiro, ou, ainda pelo telefone 42-7346, quando vier ao Rio, ou mesmo daí, se conseguir ligação. Com referência ao "Kenton Progressive Club", seu endereço já foi divulgado na nossa sub-seção "Noticiário dos Fã Clubs", há bem pouco tempo. Viu? Se desejar ser sócio do mencionado club, queira escrever para o endereço do mesmo, em nome do seu presidente — Sr. Silvio Wander. Qualquer embaraço, volte outra vez.

★

EDUARDO AUGUSTO ABREU (Rio) — "Sorry", mas não podemos publicar tantas extras. Queira, por conseguinte, escolher uma das letras solicitadas, e escrever-nos novamente. Ficamos na expectativa.

★

NORA NEVES (Rio) — As letras de "All of me", "One slow boat to China", "Laroo, laroo, Lilli Bolero" e "Douce France" já saíram nesta seção. Não viu?

★

CARLOS MACHADO (Cachoeira do Sul) — Se o senhor leu os últimos números de CARIOCA, já deve ter em mãos a letra de "Douce France", fox-canção. Agora, a "tal" música do filme "Aladin e a princesa de Bagdá", assim que descobrirmos sua letra, sairá. Okay?

★

FÃ DE FRANK SINATRA (Rio) — Muito interessante a sua cartinha! Infelizmente, as letras que a senhorita deseja — "Golden earings" e "So in love" já foram publicadas. Viu? A senhorita sendo uma leitora assídua...

★

MAGALY NOGUEIRA (Machado) — Sim! Está bem!... Mas, que espécie de músicas a senhorita nos solicita? Serão foxes? Volte novamente.

★

RUTH MARINHO (Rio) — E, agora? — Tudo azul? O seu endereço será divulgado em nossa sub-seção "Do Fã para o Fã". Disponha sempre.

★

MARIO RODRIGUES DA SILVA (Ponte Nova) — Aqui não publicamos letras de sambas brasileiros, mas faremos o possível de publicar "Canta Brasil" e "Parece até brincadeira", nas páginas de "Club dos Amores", em sua seção "Club dos Ritmos". Está bem?

★

RAFAEL E. FILHO (Santa Maria) — Agradecemos a gentileza. O senhor pode muito bem aprender a letra do delicioso fox de Carmichael, "Star dust", em inglês, como deseja, se passar os olhos no n.º 729 de CARIOCA. Com referência ao "Strange and Sweet", sua letra será estampada aqui, oportunamente. O senhor ainda quer a nossa opinião sôbre a orquestra de Artie Shaw? — Boa. Para o senhor — é a melhor? Está bem! Cada um tem a sua opinião. Sôbre os demais intérpretes, estamos de acôrdo. Volte sempre, Rafael.

★

J. CANSADO (Niteroi) — As músicas apresentadas no filme "Duas garotas e um marujo", da Metro, foram "The young man with a horn", "My mother told me", "Sweet and lovely", as melhores. Pode escolher, porém, apenas uma de cada vez. Lembramos, ainda, ao amigo que nesse filme foram apresentadas outras melodias, cujos nomes não nos ocorre no momento.

★

MIRIAN STEVENS (Santa Cruz do Rio Pardo) — Antes de mais nada, o nosso muito obrigado. As letras solicitadas: "I don't know why" e "I'm always chasing rainbows" já foram publicadas nesta seção. Queira, por favor, dar uma olhadela nos n.º 733 e 729 de CARIOCA. A Srta. diz ainda ser uma grande fã de Dick "Melody" Haymes e crê mesmo que não existe outro de voz mais doce do que êle para interpretar as encantadoras melodias americanas. Salve ela!

★

NANCI D. ALVES (Campinas) — Por nada, Nanci. Estamos aqui para isso mesmo. Disponha sempre. Aguarde o correio, com os boleros pedidos.

★

LEONE SOUZA LUZ (União dos Palmares) — A letra de "I'll know it's love" (Saberei que é amor), interpretação de Dick Haymes, em "Mascarada tropical", da Fox, só mesmo em inglês, meu amigo. Serve? — Então tome-a:

Love will find a way
To my heart some day
I can only say that the
moment it happens
I'll know it's love
It will cast a spell
And I know quite well
I could never tell
how I'll know
But it'll know it's love.
I will hear a breeze
Rustling through the trees
Gentle as the sigh
of the flight of a ove
Then I'll hear my heart,
It will stop and start
With the first romantic glow
I'll know it's love.

(CONCLUE NA PAG. 62)

NOIVOS

Leiam, tôdas as sextas-feiras a seção "AOS NOIVOS" de A NOITE



NASCEU NO MAR...

(Conclusão da página 33)

ticos. São duas artes diversas que a seduzem: o rádio-teatro e o cinema. Não pretende dedicar-se ao teatro.

Talita de Miranda tem dois fatos curiosos de sua vida, que merecem destaque especial numa nota feita assim, embora em pequenos traços, sôbre a sua vida. O mais importante, é o que diz respeito a seu lar. A simpática "estrêla" do microfone tem uma filhinha. Chama-se Gilza. Aquela criaturinha de pouco mais de dois anos Talita dedica tôda a sua vida. Afirma mesmo que vive para a sua arte. É mãe dedicadíssima. Para ela, o mundo se resume em Gilzinha, a moreninha robusta que já conversa horas esquecidas com a mamãe e faz perguntinhas interessantes.

Gilza é todo o encanto de Talita de Miranda. Talvez até os fãs da rádio-atriz da Nacional ignorem isso. Ouvintes do interior, que vivem afastados dos nossos artistas famosos, talvez até nem saibam que Talita tem uma filhinha e que a ela, unicamente a ela, dedica todas as horas que passa fora do microfone.

Há detalhes curiosos na vida de um artista popular que, às vezes, embora importantes e até decisivos para a sua vida, são, por vezes, inteiramente desconhecidos do grande público e só as reportagens sucessivas sôbre a mesma figura podem revelá-las. É êste o caso de Talita. Talvez até muitos pensem que ela é solteira, pois, não raro, o ouvinte faz uma idéia da pessoa do artista pelos papéis que êste vive ao microfone. Talita, por exemplo, quase que só aparece interpretando mulheres más, astuciosas, perversas, cínicas. Muitos escutas até antipatizam com ela, julgando-a assim mesmo na vida real. Mas êstes se enganam totalmente. Na faculdade de convencer o espectador ou o ouvinte é que um ator ou um rádio-ator mostra seu talento interpretativo. Talita de Miranda é tôda meiguice e simplicidade. Como dissemos acima, vive para a sua arte e para a sua filhinha. É incapaz de fazer mal a uma mosca e tem um coração do tamanho de um bonde. Assim, os ouvintes se enganam e se enganam muito com as novelas.

A propósito do assunto, tem-se verificado fatos engraçados nos meios radiofônicos. Já houve um caso, certa vez, com o próprio Celso Guimarães. Em certa novela o Celso fazia o papel de um sujeito injusto, perseguidor, mau. Dias depois, foi apresentado a três senhoras e ouviu uma verdadeira chuva de desafôros e ofensas. As três senhoras chamaram-no de tudo, só porque êle cometera a injustiça de mandar matar o personagem que era inocente e nada tinha a ver com determinada encrenca.

Outro episódio foi o de Antonio Laio. Numa novela intitulada — "Titio Heitor", Antonio Laio fazia o papel de um indivíduo que, por qualquer motivo, ficara prêso e amarrado em baixo de uma mesa por uma quadrilha de bandidos. Pois bem, passando, certo dia, por um grupo de colegiais, o artista se viu metido em maus lençóis, pois rapazes e moças saíram atrás dêle, gritando a um só tempo: "Ficou prêso em baixo da mesa! Tem mêdo dos bandidos!", etc.

Contando êsses casos, mostramos como os ouvintes de novelas imaginam os intérpretes. Em geral, êles julgam que os artistas são na vida real os mesmos que aparecem nas histórias em série. E Talita não poderia fugir à regra. Mas a grande verdade, como ficou dito, é que ela é mãe extremosíssima e uma grande amiga de seus colegas.

Dissemos acima que há dois fatos curiosos na vida de Talita. Um, já narramos. E o outro, que muita gente ignora, é o lugar onde ela nasceu. A intérprete de "Suzana", da novela "Paixão Selvagem" não nasceu em cidade alguma. Nem em Estado. Nem em país nenhum. Nasceu no mar, em pleno oceano, a bordo de um navio inglês que já foi a pique — o "Darro". Isto é um fato muito raro e interessante para ser revelado aos fãs de um artista.

Finalmente, queremos esclarecer que o navio foi para o fundo do mar, mas, já então, Talita estava em terra firme e registrada no Brasil. É, portanto, brasileira legítima e mãe de uma autêntica brasileirinha de olhos e cabelos negros.

ALEXANDRE DUMAS...

(Conclusão da página 40)

tura ao fim que pretende tocar. O caminho que conduz à beleza é tão longo, tão áspero, tão exposto aos temporais e à morte!

Enquanto Laferrière se agitava no palco com um passo desenfreado, atirava violentamente os cabelos para trás, batia nas coxas com as duas mãos com um gesto que lhe ficara familiar desde Antony, elevava a voz — uma voz cujas vibrações simpáticas os anos não haviam enfraquecido — eu, numa espécie de encantamento, fazia uma viagem à terra natal. O espírito obcedado pela obra de Alexandre Dumas, toda inteira fervilhando na minha cabeça, segui os rendeiros das montanhas e descobri, um a um, os redutos onde me havia sentado, onde me escondera para devorar "Fernand", "Le Capitaine Paul", "Le Chevalier d'Harmental", "Amaury". Era em Camploxig, em casa do meu tio Fulchan, que eu havia lido "Os Três Mosqueteiros", no verão, à sombra das grandes figueiras do jardim; fôra retirado, agachado numa caverna do "Roc-Rouge", tendo a meus pés Bédarieux, diante de mim o bloco granitico de Coroux, que eu havia lido "Monte-Cristo". Que recordações! A gente não se desliga da terra onde foi plantada e, quando o vapor nos sobe à alma subitamente, mesmo misturado às coisas mais amenas — o nosso ser é sacudido até as mais íntimas profundezas. E que há mais doce que o evocar do primeiro despetrar do espírito?

O caso é que, desde a minha chegada a essa sala do Odeon, tão ardentemente aspirada, sentia-me presa de uma emoção pungente como uma dor, que não me dava trégua nem repouso. Certa feita, durante um entreato, ergui-me para fugir. Mas, nesse momento de suprema angústia, um dos meus olhares foi direito a Alexandre Dumas e Alexandre Dumas me sorriu.

Seria um sorriso comum que se dirigia a qualquer pessoa encontrada sob as galerias do teatro? ou o do gênio capaz de intuições divinas que tivesse adivinhado o suplício de um artista, o martírio de uma vocação que se debate em incertezas, enviando-me o socorro de um encorajamento? Sem dúvida que Alexandre Dumas estava, entre os grandes cérebros, como as grandes cordilheiras sacudidas pelos ventos das alturas, como aqueles ventos das alturas de Cévenes. Naquele momento parecia que êle me havia arrancado de Cévennes e transportado para París. E distinguia-me, sustentava-me. Com efeito, a minha educação religiosa não me impedia de maneira alguma de crer num milagre. Experimentei imediatamente a sensação de duas escoras que me fôssem postas sob as axilas e nas quais futuramente eu me poderia apoiar.

Subitamente fui presa de um grande medo sem perceber imediatamente as causas. Era do palco que vinha o tumulto; a situação complicada dos personagens, as vozes cada vez mais barulhentas dos atores indicando a aproximação do desenlace. Dentro em pouco seria preciso partir, voltar à praça do Panteon, regressar ao quartinho da rua Copeau. Adeus, sonho delicioso, apesar do sofrimento; amanhã, o trabalho encarniçado na biblioteca de Santa Genoveva, o trabalho cheio de dúvidas e de um resultado tão incerto! Não importa! Não esquecerias êsse grande sarau. Recordar-me-ia eternamente de Alexandre Dumas, êsse novelista prodigioso, êsse dramaturgo único, abrindo-me a porta do Odeon, sorrindo-me com êsse sorriso que só os seus lábios conheciam, no qual transpareciam todas as bondades, todas as generosidades da mais rica, da mais alta natureza que jamais existiu.

Êle me havia arrancado da minha terra natal, e quem sabe o que eu me tornaria, talvez sem talento, mas em qualquer caso com as rudezas de carater, as inaptidões para a vida literária que, em París, aniquilam infalivelmente o homem? Mas, afinal de contas, seria Dumas o único culpado da minha aventuresca vinda a París? Quando êle chegou para emocionar-me, deslumbrar-me e decidir-me, que estragos já haviam feito em mim Lamartine, Hugo, Musset. Antes da prosa, já a poesia não havia dado o primeiro golpe?...

Céus! A cortina desce... Os aplausos parecem fazer desabar a sala... Encontro-me na rua, todo trêmulo... Vamos! Mãos à obra, mau obreiro, e trata de honrar aos que, na paz de tuas montanhas, terias melhor feito não lhes ouvir a voz.

FIGURAS NOTAVEIS

(Conclusão da página 41)

além de no "Neue Zeitschrift für Musik", de Viena, em Berlim, Londres e São Petersburgo, impondo-lhe uma retumbante compensação do anterior fracasso que tivera anos antes, em París, com a "Danação do Fausto".

A seguir, também Franz Listz, que foi discipulo de Berlioz, e estava então em plena fôrça de sua ascensão artística, já respeitado e famoso, entendeu que devia ao velho mestre muito de sua própria glória, e achando injusto e cruel o quase abandono em que vegetava o grande compositor, promoveu a audição de sua grande peça sinfônica "Infância de Cristo", que foi executada em Weimar, em 1850, por uma orquestra de 30 músicos, coisa notável, embora hoje nos pareça ridículo tal número de executantes para uma tão extraordinária apresentação oficial, tendo em vista que, naquela época, o local onde se estabelecera a modesta Côrte Aleman, era um Estado menor e muito menos importante do

que qualquer comarca, por exemplo, do Brasil ou dos E. Unidos.

Mesmo com tão reduzido número de executantes a peça de Berlioz alcançou um grande êxito, pois, Listz, em Weimar, tinha um grande prestigio, e era considerado uma honraria o ter-lhe a assistência e a amizade, tanto que o Regente do Grão Ducado, pôs à sua disposição para tal apresentação o seu famoso e consagrado auditório — o "Kappelmeister" por onde só passavam as celebridades.

Berlioz, porém, cotninuava sempre a viver em meio de grandes dificuldades, sempre querido de todos que dêle se acercavam, porque foi sempre um indivíduo bonissimo, calmo, organizado, extremamente delicado e modesto, mas incapaz de vencer a má sorte de sua vida privada, por incapaz de usar da generosidade e prestígio de seus amigos poderosos, como do menor gesto de cabotinismo.

Já bem idoso, sentindo-se por demais isolado, casou-se com a grande cantora Adelina Patti, já também velha e afastada da cena lírica, cantando, apenas, em récitas de caridade, e novamente enviuvou dois anos depois.

Heitor Berlioz deixou uma grande obra musical que jamais perderá seu inestimável valor. Foi mestre de mestres com Franz Listz e contemporâneo de grandiosos vultos da música universal, e seu nome, através dos tempos, continua a resplender na história artistica da França!

POR TRAS DO DIAL

(Conclusão da página 48)

anos; Prof. Mussurunga, 34 — Luegia Moreira, 17 anos, esportes, mús., lit. e costumes; R. Independência, 22 — Aurea Cavalcante, 28 anos, com maiores de 30, psicologia humana; Alexandre Gusmão, 8, Rio Vermelho. (Ilheus) — Ana Vera Marcelo, 18 anos, com maiores; Av. Dr. Soares Lopes, 886 — Juvemário B. Pereira, 17 anos, com Br., Arg. e EE. UU., em esp. e port. moedas, fotos, revistas, selos e livros; Marquês de Paranaguá, 170.

RIO G. DO SUL — Maratá — Emilia E. Costa, 15 anos; 7 de Setembro, 213. (Pelotas) — Cinthia Alvez, 19 anos; Av. Bento Gouçalves, 127 — Gilda Alves, 18 anos, com maiores de 25; Andrade Neves, 969 — Magda Halfeu, 15 anos, com maiores de 18; Prof. Araujo, 253. (São Leopoldo) — Nair e Solange B. Silva, 20 e 2. anos; Marquês do Herval, 874. (Porto Alegre) — Olga M. Costa, 19 anos; Comendador Azevedo, 162 — Gladys Ribeiro, 15 anos; Prof. Ivo Consenil, 42.

MINAS — Belo Horizonte — Wilson Guimarães, 28 anos; Av. Brasil, 67. (Santos Dumont) — Aigda Doroti, e Miriam Arena, 18 anos; Severiano Resende, 216. (Juiz de Fora) — Heloisa de Almeida, 23 anos, com os 2 sexos de 24 a 30; Av. G. Vargas, 754. (Araguarí) — Maria Angélica Santos, Lúcia Helena Godoy e Rosangela Cavalcante, 15, 20 e 30 anos; R. Virgilio de Melo Franco, 47 — Lileia de Carvalho e Léa Maria Cruz, 30 e 19 anos; Dr. Afranio, 4.

ESTADO DO RIO — Santanessia — Maria José do Carmo, 18 anos; Cia. Industrial de Papel Piraí. (Duque de Caxias) —Jorge de Deus e Virgilio Paulo Silva, 21 anos; Av. Manuel Reis, 860 — Aristóteles S. Filho, 18 anos. Otávio Ascoli, 977. (Niterói) — Paulo Roberto, 18 anos, mormente com moças de Juiz de Fora, Cruzeiro, Lorena e Além Paraiba; Benjamin Constant, 366.

DISTRITO FEDERAL — Samuel Ferreira, comerciante, 38 anos, viuvo, quer casar-se; R. do Senado, 76, sobrado — Afonso A. Nascimento, 20 anos; Pç. Cruz Vermelha, 32-2.° andar — José Ricardo Bergman, com paulistas, cine e rádio nacionais; Porf. Gabizo, 243, Tijuca — Olga Lima Menezes, 15 anos, cine e rádio, com jovens além de 19; Buarque de Macedo, 33, Flamengo — Arlindo Rosa de Morais, 25 anos; R. Rio G. do Sul, 83, Meyer — Sandra Santos, 18 anos; Dona Tereza, 145, sobrado — Tania Serrano, Albertina de Barros, Mirza Molina, Mara Smith, de 22 a 25 anos, e Aimée Drumond, 20 anos; R. Morales de Los Rios, 22, Tijuca — José Leite Noronha, 18 anos; Contra Torpedeiro Baependí, M. da Marinha — Ednaldo Holmes, 19 anos, mormente com Manáus; CT Araguaia, M. da Marinha — Lurdinha Sousa, 18 anos; Sá Viana, 83, Grajaú — Adão Costa, 19 anos, troca de músicas norte-americanas, cine, rádio, teatro; Cons. Mayrink, 362, Rocha.

SÃO PAULO — Capital — Olga Pinto Gonçalves, estudos; R. Hipodromo, 1.420. Nome enviado pelo Clube Panamericano — Lucie Marques, 27; R. Vergueiro, 960 — Celso Alves, 28 anos. R. 7 de Abril, 273, Lojas Eletron. (São Caetano do Sul) — João Samuel de Jesus, cartas e postais com moças do Er., Arg., Port. EE. UU. e Itália; Av. Paulo Afonso, 56. Nome enviado pelo Clube Panamericano — André Lourenzoni, 17 anos, cine, esportes, desenho e pintura; Espírito Santo, 724. (Itapetininga) — Marineta Pacheco, 15 anos; Gaspar Ricardo, 23 — Marilena Alves 17 anos; Alfredo Maia, 151. (Birigui) — Aracila Cano, 17 anos; C. Postal 191. (Barra Bonita) — Yara Barbosa Lima e Maria Silvia de Castro, 20 e 22 anos, com maiores de 28; Primeiro de Março, 25. (Araraquara) — Miriam R. da Costa, 14 anos; Av. Feijó, 966 — Roberto e Carlos Roberto Guimarães, Ednéia Mendes e Heloisa Penha, 22 e 17 anos; Av. 26, n.° 205. (Itirapina) — José Duarte, 19 anos; Benjamin Constant, 29. (Campos do Jordão) — Tania Tavares, Rosemary de Albuquerque e Miriam Lopes, 22, 19 e 23 anos, com mulheres, com rapazes do Rio e Niterói e com homens de 20 a 46 anos, respectivamente; C. Postal 130. (Pindamonhangaba) — Isabel e Maria Yoshinaga, esta, com maiores de 25: Fazenda Coruputuba, C. Postal 1. (Casa Branca) — Virginia Cruz, Alexis Oliveira, Araci Amaral e Maria Genezia, todas com 17 anos; R. Ipiranga, 589. (Franca) — Maria do Carmo e Jupira Maria, 16 e 17 anos; Couto Magalhães, 677.

MAMÃE

(Conclusão da página 49)

cia: é mais de temperamento e personalidade. O aparecimento dos dentes também varia muito. Há crianças que mostram seu primeiro dente aos três meses, outras com um ano. Ambas são normais e sadias.

P. R. S. (?) — "...se êle tiver sorte...". Você faz mal em repetir isso a seu filho. Não é dêsse modo que você lhe dar fôrça. Pelo contrário, assim você preparará um ser passivo, disposto a esperar que as coisas caiam do céu. Sorte? Sim, bem sei que os acasos podem ser ou não favoráveis. Bem sei que há adversidades na vida que não dependem de quem as suporta. Mas, ao lado delas, há sempre a possibilidade de construção de um tipo de vida, há as possibilidades de auto-direção. Sorte? muitas vêzes nós a preparamos. Não é com a sorte que êle deve contar. E sim com sua própria fôrça de determinação, com seu carater, com seu trabalho.



Completou, no dia 23 do corrente, o seu primeiro aniversário, Osmar Magalhães Lacerda, filho do Sr. Odilon R. Lacerda e sua esposa, Sra. Edina M. Lacerda. A foto acima é do aniversariante.

VOLTA PARA CASA

(Conclusão da página 6)

da peça «Estou com tudo e não estou prosa». Tenho uma bruta pena dele. Só porque a mamãe se dá com a familia dêle, acha que eu devo gostar dele. Eu realmente não o tolero, mas sou amável e naturalmente confundiu isto com amor. Creio que não se olha ao espelho, tão magriço de calção de banho que mais parece uma linguiça. Tem a mania de ser filosofo e estudar a vida dos grandes homens. É todo tirado a Dostoiseiwisck. O que ele tem é complexo de inferioridade. Quando me falou em casamento tive vontade de rir, mas tive pena da cara patética lembrando um personagem fracassado.

Chegou o primeiro onibus. Fiz ligeiros calculos mentais, e logo soube que não iamos naquele. Meus vizinhos de fila e eu. Talvés no próximo, assim mesmo...

Não tinha com quem conversar. Os meus vizinhos de frente estavam também entretidos numa conversa toda diferente de as outras vizinhas de trás.

— Não, aquele Café Vila Izabel vendi para outro, aquilo não dava nada, muito pequeno e escuro. Estou agora associado ao Armando com um na Haddock Lobo. Precisa aparecer por lá, está muito chique precisa ver. E você está ainda com o açougue no Catete? Aquilo dá também, não? Não quis mais escutar. Santo Deus, se ao menos pudesse pensar...

O onibus se foi super-lotado. A fila se tornou menor. Quem sabe, provávelmente no outro que chegasse... Não seria nada máu...

DA NECESSIDADE DE...

(Conclusão da página 15)

— Quer outro exemplo? Um "auto-lotação" ou um "gostozão". Já viu algum viajar a menos de 80 quilômetros em pleno centro da cidade? Pois bem, um individuo que tenha juizo faz dessas coisas de loucos? Não faz. Mas o que precisa viajar nos "lotações" ou nos "gostozões" é obrigado a bancar também o louco. Por quê? Necessidade da vida, meu amigo. A necessidade de ser maluco.

Acrescentou o engraçadissimo artista:

— Um doido nunca perde a paciência, já observou isso? Ele faz as suas asneiras horas seguidas e não se cansa nunca. O mesmo acontece aos camaradas que vivem na rua, esperando ônibus, comprando ingressos nos cinemas, comprando leite, carne, etc. Que fazem êles? Ficam horas esquecidas nas "filas" e não se cansam nunca. Logo, são loucos por necessidade. A própria vida obriga-os a ser loucos.

— Mas você é louco mesmo?!

— Louco, sim! Furioso, nunca!

NASCI NO ACRE!"

Continua José Vasconcelos a falar de "sua loucura":

— Sabe por que eu gosto do apelido de "Doidinho"? Porque nenhum outro apelido me ficaria tão bem. Eu sou mesmo maluco. Resolvi sê-lo e ninguem me tira isso da cabeça. Imagine você que eu nasci no Território do Acre. Quem tem juizo, não vai nascer no Acre. Um dia me arguiram sôbre o lugar onde nasci. Respondi:

"No Acre".

E me perguntaram:

— "E nasce gente lá?"

— Veja, portanto, meu amigo, como é a vida. Às vezes você vê um individuo falando sozinho na rua, gesticulando, andando depressa... Pensa que é louco? Pode ir ver. Pode chamar a "Rádio-Patrulha", porque sou capaz de apostar como o suposto louco deve ser um humorista de rádio...

— Por que você diz isso? — arriscamos a pergunta.

— Porque escrever piadas e dizê-las ao microfone, por mais engraçadas que

to séria. Um individuo que tem juizo, não se submete a êsses papéis. O serviço dá para perder a cabeça. Portanto, para a minha profissão, ser louco é tambem uma grande necessidade, porque, se eu não o fôsse, ficaria maluco de tanto criar piadas e dizê-las ao público. Além disso, minhas piadas são mesmo loucas...

IDEIAS LOUCAS

— Quando eu era ajuizado, prossegue José Vasconcelos, ninguem me dava "pelotas". Virei doido, todos me prestam a máxima atenção e riem de minhas piadas. Eis outra vantagem de ser maluco.

E acrescenta:

— Para o meu futuro, tenho grandes idéias. Mas são tôdas malucas. Não pense que pretendo criar juizo, porque eu não seria tão louco ao ponto de pensar em criar juizo. Uma das minhas loucuras é o desejo de fazer uma viagem aos Estados Unidos. Com dinheiro, ou sem dinheiro, irei aos Estados Unidos. O que me interessa é conhecer a terra do Tio Sam. Outra loucura: dirigir cinemama. Tenho dois "scripts" cinematográficos prontos, uma tragédia e uma comédia. E, finalmente, minha terceira loucura é a Orquestra Maluca que organizei em companhia de outros doidos, a qual já se fez ouvir na Rádio Nacional e estreará dentro de poucos dias no Hotel Quitandinha. São idéias loucas, mas tôdas pretendo realizá-las cuidadosamente.

Para finalizar sua entrevista conosco, disse-nos José Vasconcelos:

— Um dia realizarei uma conferência no salão nobre de um Hospicio qualquer, sôbre o seguinte assunto: "Da necessidade de ser maluco". Nessa conferência mostrarei tôdas as vantagens de ser louco e provarei como sofre quem tem juizo. Mas isto são outros quinhentos cruzeiros...

Já iamos a sair, quando o Zeca nos chamou e disse:

— Mas para que eu realize todos os meus projetos futuros será preciso que nenhum psiquiatra se meta com a minha vida.

EXIBICIONISMOS

(Conclusão da página 27)

cantadora. Mas, na maioria dos casos, ela procede como se estivesse cheia de pólvora... Consciente de sua deficiência em questões sociais, trata de provar que é capaz de conduzir-se bem como qualquer outra pessoa educada.

Seus amigos intimos contam que ela, ao atravessar as portas da Paramount, se converte em "exibicionista". Em todo caso, pretende fazer crer que nada a atemoriza e que é capaz de proceder com desenvoltura em qualquer oportunidade...

Conclusão: em regra geral as "estrelas" são exibicionistas?

Cada "astro" se porta de diferente maneiras e de acôrdo com as circunstâncias... Sabem exibir-se melhor que qualquer um. Não é êste, afinal, o seu ofício?...

MÊS DE FÉRIAS

(Conclusão da página 31)

Irritava-se e se levantava. Bebia um pouco dágua bastante açucarada. Deitava-se numa espreguiçadeira. O espirito vazio. Quando ia passando por uma modôrra, principiava a cantoria dos galos de briga no apartamento de cima, numa sinfonia, o éco se repetindo dentro do seu quarto, em evoluções no seu cérebro, que parecia a ponto de estourar de dor. Apertava a cabeça entre travesseiros e livros. Nada. O dia já clareava. E o papagáio começava a papaguear também. Daí a pouco seriam as crianças... Sentia-se prestes a perder a razão. Súbito, viera-lhe um desejo de fuga. De ir para um lugar desconhecido. Mudar de ambiente ainda que por pouco tempo. Quem sabe uma viagem... Dera um balanço nas economias. Faria um empréstimo sôbre o que faltava e embarcaria no primeiro vapor. Não se despediria de ninguém, pois havia uma amiga que desejava acompanhá-la nessa viagem há tanto projetada. E, no estado de espirito em que se encontrava, não queria ninguém, absolutamente ninguém a seu dado, obrigando-a a conversar sem vontade. A acompanhá-la nos passeios. A ter que sorrir sem querer. Inda mais aquela criatura que por vêzes chega a ser impertinente, inconveniente, intrigante até... Não. Precisava de descanso absoluto. E como uma fugitiva tomara o navio na tarde seguinte. Interessante. A bordo, apesar da trepidação permanente ocasionada pelas máquinas, surpreendeu-se de haver dormido a noite toda. Amanhecera outra bem disposta. Teve uma sensação de moça rica, turista, despreocupada. À mesa do café, surgiu o primeiro passageiro indagador. Foi para o convés... e apareceu o segundo. No salão de leitura, o terceiro. Por que a vida alheia interessa tanto a determinadas pessoas?! O melhor era ficar sempre ali deitada, fingindo dormir, recordando... Se pretendesse emagrecer mais teria ficado no camarote: o calor se encarregaria disso. Ademais havia outras passageiras no mesmo camarote. E queria ficar só. Completamente só.

★

No primeiro pôrto de escala saltou. Passeou enquanto houve tempo. De repente teve uma idéia: mandaria um postal a cada uma das amigas a fim de suavizar a queixa que possivelmente teriam de sua fuga repentina e misteriosa. Uma semana depois chegou ao término da viagem. Debruçada à amurada, contemplava a beleza indescritível da entrada da barra. Fazia planos. Procuraria fugir até de si mesma. O navio já começava a encostar quando um passageiro lhe ofereceu o binóculo. Não queria aceitá-lo. Mas, ante a insistência, começou a examinar despreocupadamen-

te a multidão que se comprimia no cais como um formigueiro. Súbito, algo estarreceu-a: alguém lhe acenava, chamando-a pelo nome. Ficou lívida. Uma expressão de grande desapontamento estampou-se-lhe na face, não passando despercebida ao rapaz do binóculo que, numa atitude prestativa, a interrogou:

— Não viu... ninguém?

— Sim. (diz com a voz trêmula, as faces pálidas, pensando na nulidade de tamanho sacrifício) Já avistei uma amiga... Uma grande amiga! (suspirou com ar de desalento, entregando-lhe o binóculo).

Uma estranha tristeza invadiu-lhe o coração. E ficou imaginando a astúcia daquela criatura tão medrosa, viajar de avião paar surpreendê-la à chegada. Teria calma suficiente para suportar a sua presença? Pelo visto ia ter o ambicionado descanso e um magnífico mês de férias!

ASSIM É HOLLYWOOD

(Conclusão da página 19)

como produtor, depois de ter feito a aprendizagem com Arthur J. Rank e com a Universal International, mas acredito que não esteja nem a metade feliz como o seu pai.

*

Que título! "Blazing Beulah from Butte", êste é o nome de uma comédia do oeste que Lucille Ball e o homem a quem ela ama, Desi Arnaz, farão como artistas principais.

E' um argumento original do veterano diretor Eddie Sedwick e êle, com o casal Desi Arnaz, fará a película independente e em tecnicolor. Lucille e Desi não trabalham juntos desde "Too Many Girls", que foi quando se conheceram e se apaixonaram.

*

Alfred Hitchock, cujo último filme é "Stage Fright", não se sente satisfeito ao pensar em todos os elogios que recebe o filme.

Hitchy teve que abandonar seus planos para fazer "Confesso". Embora tivesse a plena aprovação da Igreja Ca-

tólica, a Warner Brothers tem medo do argumento. E' sôbre um sacerdote que ouve a confissão de um assassino. O artista máximo do filme, que também é católico, não quer fazer nada que possa ofender a sua Igreja.

*

Errol Flynn achou muita graça quando me telefonou dizendo que "se a Warner tem um filme preparado para mim, sob o título "Carson City", pode atribuir-me a seguinte declaração: "Não farei, pois já fiz esta película quatro vezes".

O artista, que se encontrava no "set" de "Kim", na Metro, acrescentou: "Tenho que fazer um filme na Warner este ano, mas voltarei à Europa para fazer "A Confissão", e "O herói".

— Quando? — perguntei.

— Tenho mais dois meses de trabalho com o filme "Kim", e logo depois voltarei para a Europa.

*

Quando Olivia de Haviland e eu estavamos ensaiando nosso programa de rádio, disse-me ela que Marcus Goodrich e seu filho, Benjamin, irão com ela para San Antonio, logo que o garoto tenha suficiente idade para viajar.

— Queremos que Ben seja batizado em São Marco, onde Marcus foi batizado e onde cantava no côro local. A avó paterna do menino, a mãe de Marcus, continua vivendo ali.

Fiquei muito contente em vê-la tão feliz.

*

Quando Patricia Morison terminar "Kiss me Kate", em junho, precisará tomar a sua bicicleta, a fim de atender a todos os seus compromissos sociais. Pretende ela fazer "A viuva alegre", e logo depois "Taming of the Shrew".

NÃO FIQUE DE...

(Continuação da página 10)

Quanto ao efeito dêsse som, isso já é outra coisa. Pode ser o mais variado possível. Pode infundir alegria ou terror, comiseração ou confiança, desespêro, respeito, ou dor, mil emoções, conforme a cena que ilustre. Tudo depende do drama que se desenrola diante do microfone nos estúdios.

Suponhamos que o nosso ex-pracinha está sendo recebido em sua cidade natal, e que regressa depois de duros combates. Naturalmente, a cena é emocionante, pois a novela o mostrará novamente entre os seus, junto àqueles q...

(Conclui na pág. 62)

ESCOLHA O MODÊLO que mais lhe agradar em FIGURINO e a Academia "Toutemode" executará o seu molde sob medida.

Mais um feliz iniciativa de FIGURINO em combinação com a ACADEMIA DE CORTE E ALTA COSTURA "TOUTEMODE". Veja detalhes desta sensacional oferta de FIGURINO às suas leitoras.

RISCOS — MOLDES SOB MEDIDA — BLUSAS — SAIAS — TRICÔ — CHAPÉUS — BOLSAS — OS 10 MANDAMENTOS DA COSTUREIRA — CULINÁRIA — LINGERIE — CONTOS — SUGESTÕES

FIGURINO A NOITE

A MAIS COMPLETA REVISTA FEMININA

À VENDA O N.º DE MARÇO

CRIADORES DE...

(Conclusão da página 13)

que o espectador é obrigado a assistir no começo das programações, crítica aos banais e inexpressivos, quando não anti-educativos e perigosos, filmes norte-americanos. Ésses programas, porém, não são feitos a esmo, têm as suas dificuldades a vencer, sofrem as suas limitações, conforme já dissemos. Dentro delas tem que se movimentar o produtor para aproveitar ao máximo a sua idéia original, tal como terá sido primitivamente concebida.

UM "BORDÃO" PARA CADA TIPO

Max Nunes, que há quatro anos vem atuando no rádio nacional como autor de programas radiofônicos, diz que gosta principalmente de criar tipos e de criar, para cada tipo, determinado "bordão", que marca cada um. Exemplos desses bordões: para o Dr. Infezolino — "duzentos cruzeiros". Para o detective: "vamos apagar as luzes que quero acender a lanterna". Esses tipos, êle os tira da própria vida, da observação diária, a que junta uma boa dose de imaginação e outra de humorismo, um humorismo um tanto triste, que tem a sua filosofia. E os seus tipos são bem definidos. Além dos que já foram citados, lembremo-nos de outros, como "Maria da Glória, que mora na Penha" ou "Maria da Penha, que mora na Glória". São duas empregadas que discutem seus problemas pelo telefone. Na verdade, êsse é o processo usado por Max Nunes, o de fazer os seus tipos conversar. Conversa choferes, trocadores, médicos, serventuários da justiça, membros de tôda uma família, sôbre os problemas de todos.

Eis aí o motivo por que os rádio-atores participam inteiramente do programa que interpretam. Eles também sentem os problemas, riem ou se desesperam com êles.

Acontece, entretanto, que muitas vezes um ouvinte não gosta de determinada passagem de um programa, de uma passagem, por exemplo, que lhe tocou muito de perto. E' uma patroa que não gostou de certa atitude assumida por uma personagem, ou a doméstica que não concordou com uma outra, que é atribuida a uma intérprete de sua profissão. Mas isso são coisas da vida, acontecem na realidade e é humanamente impossivel contentar a todo mundo.

COMO SE FAZ UM PROGRAMA

Há na Rádio Nacional, para os seus principais produtores de programas radiofônicos, gabinetes de trabalho especiais. Num desses trabalha, durante muitas horas por dia, Max Nunes. Há sempre papel na sua máquina de escrever e há sempre alguma datilógrafa copiando um programa seu. Já dissemos que êle faz um programa por dia. Seu método de trabalhar é diferente de muitos outros produtores. Já dissemos também que seus programas são um misto de imaginação de observações da vida cotidiana. Quer dizer que êle não se faz sómente ali naquele gabinete. Sua elaboração sofre um processo sem interrupção, enquanto seu autor viaja num lotação, num automovel num bonde, ou estão num cinema, num teatro ou entra numa casa comercial para fazer uma compra. Ao contrário de Mário Brazzini, por exemplo, em cujo gabinete existe uma verdadeira biblioteca para consultas necessárias ao gênero de programas a seu cargo, no de Max Nunes quase não se vêem livros. Em geral êle não dispõe de tempo para consultas. Um programa leve, em média, cerca de cinco horas de elaboração e lembremo-nos de que êle é também médico e tem uma clínica particular, que lhe toma boa parcela de tempo. Por isso, seus programas, ao serem feitos, têm que se ajustar as condições. São, assim, batidos diretamente na máquina, por êle, e daí vão à datilografia, para as cópias e a divisão em suas partes destinadas aos rádio-atores. Não há, ao menos, tempo para a sua revisão pelo autor. Diálogos, "sckets", humor, piedade, crítica, observação — tudo sai ali, de um jato, pois que o tempo passa e não é possivel atrasar o relógio quando um programa tem que ir para o ar à hora certa. Nem a emissora que irradia nem os patrocinadores de tais programas esperam desculpas. Esperam o programa.

QUANTO TEMPO LEVA UM PROGRAMA

Depois disso, vale a pena fazer um cálculo de quantas horas de trabalho individual consome um programa de meia hora, antes de ir para o ar, antes do momento exato em que o ouvinte, em sua poltrona, estende o braço e liga o receptor para a estação que o transmite.

Esse cálculo foi feito na presença do reporter por Mário Brazzini e Max Nunes e se expressa da maneira abaixo:

5 horas de elaboração .
2 horas de datilografia.
30 minutos de leitura.
5 horas de maestro
8 horas para o copista
1 horas para distribuição.
60 horas de ensaio de orquestra.
10 horas de ensaio de rádio-atores.
30 minutos de irradiação.
Total — 22 horas

Por outras palavras: Um programa musicado de meia hora consome, em média, 92 horas de trabalho-hora, até a sua irradiação.

Começa que normalmente, a elaboração, se o produtor está num dia feliz, leva 5 horas de trabalho. Duas horas leva o serviço de datilografia para tirar as cópias necessárias, com as partes destinadas a cada intérprete. Trinta minutos leva o diretor do programa para lê-lo. O maestro, para musicá-lo, gasta, por sua vez, outras cinco horas, enquanto o copista, para dividir êsse trabalho por instrumento tem que empregar oito horas. E a distribuição de papéis leva uma hora. Em seguida, calcula-se duas horas de ensaio para trinta figuras, da orquestra num total de sessenta horas. Mais dez horas de rádio-atores, uma média de dez rádio-atores, a 1 hora, eis aí noventa e duas horas de trabalho individual.

Para os que pensam que a elaboração de um programa até que êle vá para o ar, nada acontece de maior importância, aí fica o que constituirá uma revelação. E pode-se dizer que talvez a parte menos trabalhosa é aquela em que o programa é transmitido para o ouvinte.

Nisso tudo vai um grande esforço dos produtores de programas de rádio.

E assim acontece com Max Nunes, o criador de tipos.

UM TIPO DE...

(CONCLUSÃO DA PAG. 21)

compositor e periodista italiano Oscar de Mojo. O casamento de ambos teve lugar durante a ocupação da Itália pelos nazistas. Dez meses depois nascia seu filho Carlo. Passado algum tempo reassumiu o seu posto num estudio italiano e fez os seus últimos filmes na Itália: «La Vita Ricomincia» e «Giovanna».

No primeiro dia do ano de 1947 viajou para os Estados Unidos, onde fixou residência e onde já fez entre outras peliculas as seguintes: «The Paradine Case», «O Milagre dos Sinos» e mais outro de que se não recorda o autor destas linhas.

Interrogada sôbre o motivo por que Hollywood lhe suprimiu o primeiro nome, Alida, passando a escrever no cartaz das suas fitas sómente o nome Valli, ela assim se expressou:

— Coisas do contrato. Acham conveniente que eu me torne conhecida sòmente por um nome. Dizem que um nome só é melhor e citam o caso de Mistinguette, Annabella, Arlety, Raimú.

Valli disse gostaria muito de atuar também nos palcos da Brodway, o que atualmente não lhe é possivel dada a exiguidade do seu tempo. Logo que puder, porém, ensaiará os primeiros passos nesse sentido.

GEORGE RAFT...

(Conclusão da 29.ª página)

Vive a dizer que o público talvez já esteja cansado dele.

De todos os seus filmes passados citaremos mais «Each dawn I die», «I stole a million», «The house across the bay», «Broadway», «Background to Danger», «Beijos roubados» (Nob Hill), «Follow the boys», «Mr. Ace and the Queen», «Johnny Angel», e «Noturno» (Nocturne).

Agora ele está filmando «Capturado» e é o galã de Ella Raines. Pat O'Brien, Bill Williams e Betty Underwood também estão no elenco.

OS TEATROS ABREM ...

(CONCLUSÃO DA PAG. 37)

cina de Morais, numa deferência tôda especial, antes de sua partida para o cumprimento de um contrato na Argentina. Odilon Azevedo, Conchita de Morais, Manuel Pera, Suzana Negri e outros arcarão com as responsabilidades da peça do autor tão discutido.

Alda Garrido marcou sua estréia para o dia 17 de março com a peça «Se o Guilherme fôsse vivo». Alda quase todos os anos, vai ocupar o teatro Rival e contratou para dirigir seus espetáculos o nosso querido Delorges Caminha. Além das credenciais que sempre apresentou a companhia de Alda Garrido, que sem favor é uma das artistas de grande público, ainda a aquisição de Delorges só poderá elevar o prestigio do conjunto de cem por cento.

Falando-se na data de 17 de março temos que mencionar outra estréia. A da companhia Jaime Costa. O estimado empresário não tinha uma companhia formada, ao iniciar as suas iniciativas teatrais do presente ano, e, por isso, não foi possivel continuar imediatamente com a «alvorada dos novos», e recorreu a um nome prestigioso do nosso teatro, o de Oduvaldo Viana. Assim, Jaime Costa levará à

...na data marcante de 17 de março a comédia «Alegria» que terá o concurso interpretativo de Heloisa Helena, Yara Cortes, Adolar e outros.

Não sabemos qual é a situação do Teatro Ginástico. Quem sabe se ainda não irá aparecer ali algum conjunto para fazer estréia ainda êste mês.

Tudo pode acontecer... De qualquer maneira o entusiasmo e a atividade dos artistas e empresários é qualquer coisa digna de nota no presente ano de 1950.

Há um otimismo que reside em todos os que se interessam pela boa arte e além do mais fala-se muito em peças de escritores nacionais, coisa digna de ser repetidamente elogiavel. Madame Morineau pretende no presente ano fazer uma temporada de autores indigenas, apenas. Dentro em pouco será lançado um concurso patrocinado pelo Serviço Nacional de Teatro, incentivando o escritor nacional e até sabemos de outra companhia que tem em vista fazer outra «alvorada dos novos». Vejamos o resultado de todo êsse entusiasmo. Em verdade, somente quem terá que lucrar com tudo isso é o teatro — sim, o teatro brasileiro!

COMO PENSAM ...

(Continuação da página 53)

— Tenho notado que os artistas do Rio têm mais popularidade que os de São Paulo. Ora, não há dúvida que o «cast» do Rio é mais poderoso, mas São Paulo não está muito longe; nossas estações são ricas, nossos anunciantes são poderosos; e porque nossos artistas não têm popularidade? Acontece que os artistas do Rio são atenciosos, procuram atender qualquer pedido feito pelos seus fãs, o que não se dá com os de São Paulo. Dirigi várias cartas aos últimos, pedindo simples fotos com autógrafos e não fui atendido por nenhum. Será que existem artistas que julgam não precisar dos fãs? Assim como eu, muitos outros fãs se aborrecem com isso, e se tornam admiradores de outros artistas. Portanto, peço ao senhor redator a publicação desta, para conhecimento dos artistas da Paulicéia. Aqui fica o meu muito obrigado.

ROQUE ARANTES — São Paulo.

PALHAÇOS NAS...

(Continuação das páginas 4—5)

armazenadas no Ceara começaram a dissolver-se no "fog". Estranha praia de longos paredões a pique, as casas de veraneio trepadas no alto, como nas grimpas duns Apeninos de nova espécie, enquanto o mar se estendia ao pé dos farilhões, em ondas côr de cinza, o sol que não víamos em Londres há três meses dançava alegremente por cima da vasta enseada, não era menos estranha a carícia do vento trazendo ainda nos dentes pedaços dos gelos que vinham do norte.

Às vezes o tempo prega uma peça aos veranistas mais sôfregos e não é raro se encontrar passeando na praia, ao lado da mocinha e do rapagão de sweater e de short a dama de capa de pele, como se estivesse no foyer do Covent Garden ou do Drury Lane em pleno dezembro. Isso, porém, não diminui em nada o ardor geral, o sentido de "romance" que se infiltra na alma de todos, a determinação de sorver até a ultima gôta o momento de comunhão com a natureza, que é qualquer coisa de religião para o europeu de qualquer latitude.

Daí a preocupação geral às sextas-feiras, respeito ao tempo que vai fazer no domingo, pois é crença que se chover na sexta o domingo será na certa chuvoso tambem.

Quem chega na Inglaterra, tem mesmo, no princípio, uma certa irritação por êsse entranhado interêsse pelo tempo que domina tôda a gente. Choverá amanhã? Vai fazer bom tempo? Está um dia maravilhoso. O dia está feio — têm tanta importância como as cotações da bolsa e as oscilações da política internacional. Em breve porém, depois do primeiro inverno, quando já se tenha experimentado oito meses de dias côr de chumbo, sem a menor esperança de sol ou de céu à vista, então se compreenderá fàcilmente o amor do inglês pelos belos dias, sua gula de "fresh air", seu amor ao campo e ao mar.

Lembro-me sempre de certa datilógrafa da nossa repartição que numa segunda-feira, de volta ao trabalho, proclamava quase em êxtase ter passado um domingo maravilhoso. Cuidávamos ter sido alguma excursão fantasiosa, talvez mesmo uma fuga de avião a Paris, um longo giro de automóvel pela ilha, porém a moça explicou que simplesmente puxara sua "chaise-longue" para fora de casa, para o meio palmo de quintal de sua casinha suburbana e ali, como um lagarto feliz, havia passado o dia inteiro, um romance policial entre os dedos, os olhos sonolentos cortando a leitura de hora em hora. Uma verdadeira orgia de soalheira, de render graças ao Criador por tanta ventura.

A maior parte da fuga para os campos ou para as praias faz-se em automóvel ou bicicleta, geralmente em bicicleta, pois se trata na maior parte de empregados de bancos e de escitórios, caixeirinhas e operários. Ninguem vê quando êles partem, muita vez na própria noite de sexta-feira, mas ao cair da noite de domingo tôdas as estradas se povoam do incessante formigueiro que regressa à casa. Ao mesmo tempo que os trens despejam em Paddington, em Victoria Station, em Liverpool, milhares de passageiros, com a sua malinha de mão, não sendo raro os jornais registrarem que da praia de Southend ou de outra qualquer partiram, na tarde de domingo, cinquenta, sessenta trens, de seguida, levando gente para Londres.

Esse amor ao ar livre tem, no caso do inglês, resultados mais transcendentes do que um simples jôgo de músculos e uma renovação de oxigênio pulmonar. Como diz com muita agudeza o alemão Paul Cohen-Potheim, autor de dois livros mais sutis e mais compreensivos sôbre a Inglaterra, "Espirito de Londres" e "Inglaterra, ilha desconhecida", é somente ao contacto da natureza que o inglês cria grandes obras arquitetu-rais: catedrais, casas de campo, claus-tros. "A cidade como obra de arte, lhe é estranha; não gosta dela. A êsse respeito, o inglês se acha em contraposição marcada com o latino. A cidade representa sempre para êle uma coisa constrangida, qualquer coisa de desagradável, a que procura fugir. Não a constrói segundo um plano estabelecido de antemão: deixa-a surgir não importa como, depois lhe dá um pouco de ordem. As ruas principais são antigos caminhos do campo, de acôrdo com a sinuosidades do terreno." Daí ocorre que o que é um defeito nas cidades tem um grande valor quando se trata de enquadrar na paisagem certas construções isoladas ou conjuntos de construções, onde nascem obras únicas, nas quais a arte se combina com a natureza, como as colinas, a catedral e o castelo de Durham; a catedral e as escolas de Winchester; as cidades de York, de Canterbury, de Ely — todos êsses maravilhosos conjuntos arquitetônicos a que o campo inglês, a paisagem inglêsa, sempre doce e polida, servem de suporte natural e complemento e de que são tipo universal as cidades catedrais, isto é, as cidades que parecem em função exclusiva da obra prima da sua catedral, cidades que não são mortas, como observa o mesmo autor, mas vivas, perfeitamente vivas, na sua atmosfera do passado.

É aliás o encantamento que há meio século tomava Eça de Queiroz, ao celebrar a pastoral do campo inglês: "Caminha-se numa luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento quase maguado; o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido sob a grandes ramagens das árvores seculares, isoladas, imóveis num recolhimento religioso, leva a alma insensivelmente para alguma coisa de muito alto e de muito puro... E a cada momento são fundos encantadores de paisagem, de um vaporizado azul, com alguma torre d'abadia coberta de eras, que surge dentre robles, ou uma rica avenida de parque, onde se entrevêm vestidos claros correndo sôbre as relvas, ou a histórica arquitetura de um castelo, de bandeira feudal na torre..."

Estampas dum mundo fascinante, que a arte de Gaisnborough, de Reynolds e de Redburn, dos seus grandes pintores aristocratas, fixou para a posteridade, em visões de graça e de galanteria, admiráveis visões atuais duma época de pretérito esplendor, que percebemos aqui e ali, numa volta da estrada, ao galgar dum ligeiro comoro, e que os nossos olhos gostariam de prender para sempre.

•

Compreende-se assim, fàcilmente, o enlêvo dessas multidões que passam o resto dos dias confinadas em pequenos alojamentos sem ar e sem luz, meses inteiros dormindo com os pulmões saturados de resíduos de carvão, os olhos fatigados do nevoeiro que lhes desce em cima e lhes penetra na alma, sem remédio, uma eterna aspiração de vida ao céu aberto e ao sol do bom Deus.

•

Um lugarzinho dêsses da beira-mar, em Southen, em Margata, em Brighton, tem portanto qualquer coisa de sucursal do céu, entre os eleitos, quando essas boas senhoras de pés doidos da marcha no asfalto ou êsses pequenos anjos de carinha rosada que agora se debruçam sôbre o pequeno mundo de imaginação e de sonho, podem gozá-los, no breve correr do seu dia de folga.

É fácil, então, seguir no fundo do coração amolecido as melodias que o pequeno harmônio ou o canto sentimental do Pierrot da velha farsa estão tecendo, a dois passos, na trama do sonho e da harmonia, ao ritmo dos sentidos e das emoções pairando por um momento acima das dolorosas contingências da realidade do cotidiano.



DR. JOSÉ DE ALBUQUERQUE
Membro efetivo da
Sociedade de Sexologia de Paris
DOENÇAS SEXUAIS DO HOMEM
Rua do Rosário, 98 — De 1 às 6
Rio de Janeiro

NÃO FIQUE DE...

(Conclusão da página 59)

o viram nascer, que com êle foram à escola, que junto a êle trabalharam. Há lágrimas nos olhos. E' ao mesmo tempo uma cena cheia de emoção cívica, de patriotismo, de júbilo pelo regresso e de velada angústia pela mutilação sofrida.

Na verdade, estamos falando de novela, mas isso aconteceu muitas vêzes na vida real.

Está, pois, o contra-regra, também, dentro da realidade.

CALOUROS DE HOJE

(Conclusão da página 39)

O calouro que ainda vai se submeter à prova, está, à espera de sua vês, entre o público. Assiste a tôda a atoarda tremenda. Fica, então, num estado tenso de nervos, que se aproxima da covardia. O espetáculo perde muito de sua beleza, de sua finalidade, a principal, qual a de procurar novos valores para o rádio. E êste precisa muito de valores novos. Ou isso ou tal espetáculo se transforma numa palhaçada nada interessante para pessoas educadas.

Um calouro póde ser — e quantos não têm sido, — um astro de amanhã. A lista é enorme e para ela ninguém mais tem concorrido do que Renato Murce e Arí Barroso, para falarmos nos mais antigos e populares. Aí estão verdadeiros astros da música popular. Até locutores. Vieram da escola de calouros. Autênticos cartazes.

È preciso renovar, como aconselha o nosso querido amigo e gentleman Dr. Alziro Zarur. E renovar tanto no seu aspecto artístico como psicológico, os programas de calouros. Estes não devem ser expostos ao ridículo, a verdadeiros vexames, que tanto lhes abate o ânimo. Muitos bons elementos terão sido desviados por timidez de enfrentar, não o microfone, mas a incompreensão de certos — a minoria, porém, a necessária, para amedrontá-los, — frequentadores de auditórios. Devem ser modificados os métodos de apresentação dêsses programas. È de maior interêsse para o seu êxito que sejam adotadas exigências mais rigorosas no preparo dos principiantes antes de ir para a frente do transmissor. Ensaios mais cuidados. E, depois, de assim bem apurado, incluir no programa o pretendente. È fácil a seleção. Ter-se-ia melhor qualidade, que deve sobrepor-se à quantidade. Há uma iniciativa que pensamos completaria a quase perfeição das exibições. O cantor calouro ficaria oculto. Só após exibir o número apareceria para receber os aplausos ou a pateada. Nessa última hipótese, ficaria dependente de sua vontade...

Não custa experimentar.

2 NOTAS DE...

(Conclusão da página 34)

HOLLYWOOD PERDERA' DOUGLAS FAIRBANKS?

Se não perder, desejará vê-lo por muito tempo. Há um rumor de que Douglas Fairbanks pretende fixar residência permanentemente em Londres. Ele se encontra preparando três filmes para o cinema inglês: "Sir Lancelot", "The Gentleman" e "Terry e os Piratas".

Pelo menos em uma das películas atuará como protagonista, e em outra como supervisor. "Terry e os Piratas" acha-se largamente planejada por Doug, e tudo indica que esses filmes aumentarão ainda mais o grande prestígio do simpático ator.

JAZZ, BLUES E...

(Conclusão da página 55)

LYGIA DE CARLI (Caxias do Sul) — Sentimos muito, mas não atendemos aos pedidos de mais de uma letra. A Srta. nos pede 16! Bem, mas para a senhorita não ficar zangada oferecemos a letra do fox "I can't begin to tell you", do filme "As irmãs Dolly", da Fox.

I can't begin to tell you,
How much you mean to me.
My world would end if ever
we were through.
I can't begin to tell you
How happy I would be,
If I could speak my mind,
like others do.
I make such pretty speaches
Whenever you're apart.
Buth when you're near
The words I choose
refuse to leave my heart.
So take the swetest phrases
the world has ever known
And make believe I've said
them all to you.

★

JOSÉ LUIZ DA C. FRANCO (Barra Mansa) — A melodia do filme "Venus, deusa do amor", intitula-se "Speak low" (Fale baixinho), cuja letra já foi publicada. Queira, por obséquio ler o n.º 7725 de CARIOCA. Volte novamente.

★

MARIA HELENA (Rio) — A letra de "It's you or no one" já saiu. Viu? Ótimo. Quanto à de "In the still of the night", aqui vai:

In the still of the night,
As I gaze from my window,
At the moon in its flight,
My thoughts all stray to you.
In the still of the night,
While the world is in slumber,
Oh, the times I say to you:
Do you love me
As I love you?
Are you my life to be,
My dream come true?
Or will this dream of mine
fade out of sight
Like the moon, growing dim,
on the rim of hill in the chill,
Still of the night?

★

JOHN FIELD (Recife) — Muito obrigado. Oferecemos-lhe a letra da canção "The Trolley Song", do filme "Meet me in St. Louis", por Hugn Martin e Ralph Blane. Aguarde novas informações.

With my high starched collar
and my high topped schoes and
my hair piled high upon my head,
I went to lose a jolly horr
on the trolley and lost
my heart instead
With his light brown derby and
his bright green tie,
He was quite the handsomest of men,
I started to yen,
so I counted to ten,
And then I counted to ten again.

"Clang, clang, clang" went the trolley,
"Ding, ding, ding", went the bell,
"Zing, zing, zing", went my heartstrings,
For the moment I saw him I fell.
"Chug, chug, chug", went the motor,
"Bump, bump, bump, went the brake,
"Thump, thump, thump", went my hear-
[tstrings,
When he smiled, I could feel the car
[shake.

He tipped his hat, and took a seat
He said he hoped he hadn't stepped
upon my feet.
He asked my name, I held my breath,
I couldn't speak because he scared me
half to death.
"Buzz, buzz, buzz", went the buzzer,
"Plopp, plop, plop", wenth the wheels,
"Stop, stop, stop", went my heartstrings,
As he started to go,
then I started to know how it feels
When the universe reels.

(2nd Finish)

As he started to leave I took hold
of his sleeve with my hand
And as if it were planned
He stayed on with me and it was grand,
Just to stand with his hand holding
[mine,

To the end of the line.

★

NAMORADA DE SINATRA (Rio) — Obrigado. Então a senhorita tem adoração pela música? — Muito bem. O gênero que mais aprecia é o "blue", não é isso? Quer dizer que — para a senhorita ser feliz e poder sonhar, nada melhor do que a voz doce, terna e apaixonada de Frank Sinatra? Não, a sua carta não nos importunou. Oferecemos-lhe, agora, a letra de "Far away places", de John Whitney e Alex Kramer, e nada mais... Uma letra por vez, sim? Volte novamente.

Far away places
With strange soundin' names
Far away over the sea...
Those far away places
With strange soundin' names
Are callin', callin' me
Goin' to China or maybe Siam
I wanna see for myself
Those far away places

I've been readin' about
In a book that I took from a shelf
Those far away places
I've been readin' about
In a book that I took from a shelf.
I start gettin' restless
Whenever I hear the whistle of a train
I pray for the day
I can get under way
And look for those castles in Spain
They call me a dreamer
Well, may be I am
But I know that I'm burnin' to see
Those far away places
With the strange soundin' names
Callin', callin', me.

★

EDNA VERGARA (Rio) — Dos seus pedidos damos, apenas, a letra do fox "I'll get by", tema musical do filme "Dois no céo", da Metro.

I'll get by
As long as I have you
Tho' there be rain
And darkness too
I'll not complain
I'll see it through
Tho' I may
Be far away, it's true
Say what care I,
Dear, I'll get by
As long as I,
Have you.

★

LEDA RODRIGUES (Pôrto Alegre) — As letras solicitadas, "Moonlight and Shadow" e "Together", já foram publicadas. A última, no n.º 727 de CARIOCA; a primeira já deve estar em suas mãos, pois saiu em atenção a um leitor que pediu primeiro.

★

LUIZ BARROSO (Rio) — Tudo azul? Volte, portanto.

★

WALLACE WILSON (Niterói) — O senhor parece ser mesmo um dos entusiastas do Frank Sinatra. Sim, está bem. Se quiser escrever-nos novamente, teremos prazer. Eis a letra do fox de Art Strauss e Sonny Miller, "I'll dance at your wedding", e "solamente"...

I'll dance at your wedding,
Happ I will be;
I will dance with you,
If you'll dance with me.
Folks will gather'round us,
And they'll wish you joy;
Saying: "First a girl then
perhaps a boy"
They'll all be celebrating
till the break of day.
They will never notice
when we steal away
I'll dance at your wedding;
Happy I will be,
Only if you say you will merry me.

★

EMMANUEL JORGE DE CASTRO (Rio) — Com muita boa vontade, deixamos para o senhor a letra de um de seus pedidos, "Copacabana", do filme de Carmen Miranda, "Copacabana". No n.º 724 o senhor encontrará a letra de "Chatanooga choo choo". Satisfeito? "By the way"... A versão de "Copacabana" foi feita por Mr. Stillman, especialmente para Dick Farney, que a gravou em disco Majestic.

Where is that paradise in sunny Brasil,
Where ev'ry pair of eyes
will give you a thrill?
Ask any gay romancer
He will give you just one answer:
Copacabana.
Skies that light up the beach
are bluer than blue,
And any girl will teach the "samba" to
[you;

Hey, senor! You too madam!
Want to know where Eve met Adam?
Copacabana.

★

VAN (Rio) — A letra de "Riders in the sky", publicada nesta seção, foi extraida de uma revista norte-americana especializada em "hits". O senhor reclama, dizendo que saiu incompleta. Bem, com certeza o senhor se refere ao início, não é isto? — "Isn't necessary"...

★

PETE CANDWELL (Rio) — Com certeza o senhor já conseguiu através desta seção, a letra de "I'm in the mood for love" (Disposto para amar), publicada em atenção a um outro leitor, não é isto? Volte quando quiser.

o retrato grafológico

RODRIGO (São Paulo) — E' talvez por espírito de justiça que V. retribui sempre na mesma moeda o bem e o mal que lhe fazem. Não deixa um ataque sem revide. Calmo e inflexível, oculta, sob um aspecto modesto e simples, um orgulho que tanto maior se torna quanto mais disfarçada. E porque sua atenção não se dispersa e é firmemente conduzida pela razão, alcança — na sua esfera de ação — os melhores resultados. E para não correr o risco de ser traido ou ludibriado, evita as confidências, os convívios íntimos, e procura — quando lhe é necessária uma troca de idéias — um estranho, e, se possível, um anônimo. E, com o mais perfeito "savoir-faire" controla suas impressões e sentimentos, desnorteando a curiosidade alheia e desviando as atenções dos fins que tem em vista. E', assim, uma criatura equilibrada, que sabe o que quer e, melhor ainda, que conhece perfeitamente as possibilidades de que dispõe para fazer de sua vida qualquer coisa de melhor.

***

FLOR DE LOTUS (São Paulo) — Pesando as palavras, medindo os gestos, avaliando, com muidado, as consequências das atitudes assumidas, V. faz o possível para não correr o risco dos arrependimentos tardios. A razão exerce sôbre V. incontestavel domínio. E porque é profunda a confiança que inspira com êsse seu feitio inteiriço, não permite a si mesma uma fraqueza, um pequenino "senão" que possa empanar a admiração de que se sente alvo. Isto, porém, não a faz feliz. O respeito afaga o seu orgulho, não conforta no entanto o seu coração. Quer, por isso, um conselho. Se mudar "enquanto é tempo" a sua maneira de agir, e, menos intransigente, se tornar mais querida? Tem reparado que a sisudez afasta a alegria; que os que se calam, passam ignorados e incompreendidos. Quanto mais observa, mais se sente lesada em seu direito à alegria de viver. Pergunta o que deve fazer. Antes de qualquer iniciativa deve considerar a que espécie de felicidade a conduzirá a transformação que terá de exigir de si mesma. Estará à altura do sacrifício? Pense-o bem. E, como sempre, resolva como melhor lhe convier.

DESCONHECIDA (Capital) — Um gosto apurado, um espírito fino, é o que se evidencia nos graciosos arabescos de sua letra. Vê-se, em seus gestos liberais, que não a embaraçam problemas econômicos. Prefere seguir as opiniões correntes, fazendo corpo com seu semelhante, não por espírito de burguezia, mas, por uma espécie de preguiça que a leva a escolher, sempre que possível, o caminho mais facil. Não leva a vida muito a sério. Por isso passa de leve, sem muito ruido, colhendo as flores e evitando as pedras que encontra na estrada que o destino — sempre seu amigo — a faz percorrer. Parece, não raro, que se deixa levar somente pelo coração. Não é tanto assim. A voz da razão se faz ouvir, muita vez, e, quase sempre, leva a melhor se o interesse e o sentimento entram em conflito. Assim é V. com a sua prodigiosa imaginação, o seu coração bondoso, e a sua profunda vontade de ser feliz, dentro da sua alegre concepção do que seja a verdadeira felicidade.

★

TOSCANO — São Paulo — V. possui em fôrça de caráter, em compreensão da vida e do mundo, o que lhe falta em sentimentalismo. Gosta de ser admirado como uma criatura que se não deixa influenciar pelas pequeninas misérias da existência. No entanto, se lhe acontece — o que é comum — ferir seus semelhantes com a demonstração de dotes de inteligência ou de coragem, em contraposição às falhas que neles descobre ou julga descobrir, logo volta atraz, a fim de desfazer a impressão causada pela forma "tranchant" que lhe é peculiar ao expressar o julgamento a que submete a sua ou alheia personalidade. Procura, assim, reconquistar as simpatias perdidas. Move-o o interêsse e não o sentimento, o que não impede seja essa forma de proceder uma concessão à opinião alheia e às boas regras da sociabilidade a que V.. alarga dêa dar pouco ou nenhum valor. E' bem provável que já tenha realizado seu programa de vida. Em caso contrário, para já caminha, com essa certeza que só os fortes possuem.

CARMEN MIRANDA DE VOLTA AO BRASIL!

Notícias fundadas dão como breve o regresso de Carmen Miranda ao Brasil. O nosso correspondente em Hollywood enviará brevemente maiores detalhes sôbre o apresto da consagrada artista para essa ansiada viagem de volta — Aguardem.



Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO E' O MELHOR!